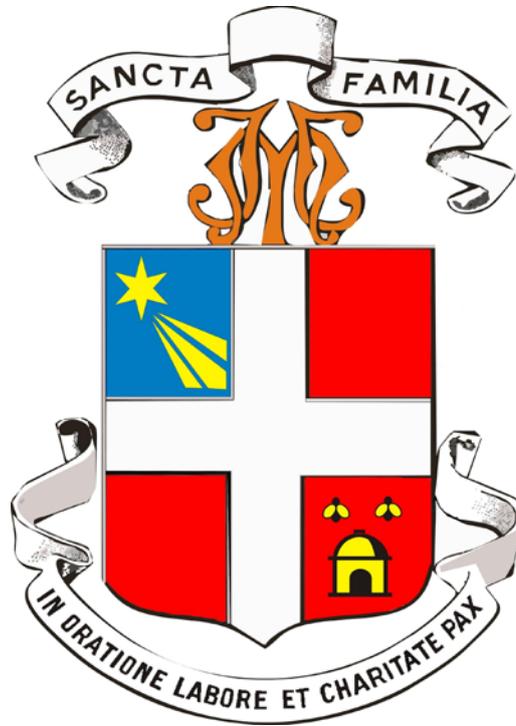


Instituto dos Irmãos da Sagrada Família



**OS VÍNCULOS QUE NOS UNEM EM JESUS, MARIA E JOSÉ**  
**ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA SAFA**

Centro de Espiritualidade Nazarena e Taboriniana

**2011**



## APRESENTAÇÃO

O texto que colocamos em mãos dos leitores se propõe a oferecer aos Irmãos da Sagrada Família e a todas as pessoas e grupos que têm como referência de sua vida cristã a Sagrada Família de Nazaré, compartilhando o carisma do venerável Irmão Gabriel Taborin, uma síntese “de” e “para” seu caminho espiritual.

O Capítulo Geral do Instituto de 2007 propôs, numa de suas orientações: “*Elaborar um manual de espiritualidade de nosso Instituto*”, e o Superior Geral, com seu Conselho, confiou a tarefa de escrever dito manual ao Centro de Espiritualidade Nazarena e Taboriniana.

Para levar a cabo essa missão, foi adotado o procedimento de estudar e sintetizar os principais textos da tradição do Instituto, em particular os de seu Fundador; mas também a consultar a todos os que podiam oferecer ideias e propostas, sobretudo ao grupo de colaboradores do Centro de Espiritualidade dos diversos países.

Ao longo do caminho de elaboração foi feita uma troca de perspectiva: de uma “espiritualidade de nosso Instituto”, como propunha a orientação capitular, se passou a uma “espiritualidade da família SAFA”, como expressa o subtítulo. Trata-se de uma troca significativa, pois o texto propõe um caminho espiritual para ser vivido não somente pelos Irmãos da Sagrada Família, mas também pelos membros das Fraternidades Nazarenas e por outros leigos que em grupo ou individualmente estão vinculados de várias formas ao venerável Irmão Gabriel Taborin, a seu carisma e ao Instituto que fundou.

Durante o período de sua elaboração este documento foi apresentado em várias ocasiões e a diversos grupos em retiros, jornadas de reflexão e encontros. As reflexões e propostas sugeridas nesses momentos, junto com outras apresentadas em várias circunstâncias, contribuíram a enriquecer e melhorar o texto. A todos aqueles que colaboraram com sua contribuição vai um sincero agradecimento.

Ir. Teodoro Berzal  
Belley, abril de 2011

## 1. A ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA SAFA

A “Família SAFA” está integrada por todas as pessoas e grupos que formam parte ou estão em relação com o Instituto dos Irmãos da Sagrada Família e têm o Ir. Gabriel Taborin como ponto comum de referência enquanto Fundador do Instituto, ao qual deu o nome e patrocínio da Sagrada Família. Nesta encontram inspiração para sua vida e suas atividades todos os que partilham o carisma do Irmão Gabriel.

A espiritualidade é o cultivo da vida espiritual. Trata-se, sobretudo, da experiência de vida de uma pessoa ou de um grupo. Por espiritualidade entendemos o princípio unificador e dinamizador de todas as dimensões da pessoa que a leva à plena realização de si mesma, em comunhão com os demais, e a transformação positiva de seu entorno. Há diversas maneiras de entender a espiritualidade segundo as diversas concepções do homem, do mundo, da transcendência... Toda espiritualidade tem uma base humana. A espiritualidade não é uma fuga da realidade, mas o desejo de integrá-la plenamente.

A espiritualidade cristã é a maneira de viver na Igreja, sob a ação do Espírito Santo, uma existência que faz visível no hoje a vida de Jesus Cristo em sua relação com o Pai, com os homens e com o mundo, em condições concretas de existência.

Existem múltiplas formas de viver a existência cristã em função das características pessoais e sociais, históricas e culturais. Entre a unidade da vida cristã em seus traços essenciais e a ilimitada variedade das maneiras individuais de encarná-la, se dão afinidades de grupos, de momentos históricos, de estados de vida, etc, que permitem falar de espiritualidade cristã em plural. Contudo, somente recentemente se tem aplicado na Igreja o termo de espiritualidade para designar essa diversidade de formas.

A diversificação da espiritualidade cristã tem sua origem no Evangelho, na multiplicidade dos carismas do Espírito Santo e na diversidade de estados de vida.

Com efeito, o único Evangelho de Jesus Cristo no-lo transmitiu em quatro “evangelhos” com características bem diferenciadas, não somente em seu estilo de narrar os acontecimentos da vida de Jesus, mas quanto às comunidades de origem e de destino dos textos, os testemunhos e visões que oferecem sobre o Evangelho foi vivido ao longo da história por pessoas e grupos de muitas diferentes formas, abrindo caminhos muito variados para encarnar sua inesgotável riqueza.

São Paulo, que afirma com força a unidade da salvação pela fé em Cristo, apresenta numa mesma expressão essa unidade e a variedade dos dons do Espírito: *“Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que atua acima de todos, por todos e em todos. Mas a cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo”* (Ef 4,5-6). *“Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum”* (1Cor 12,4-7). Tais carismas, sobretudo os que fundam os ministérios, levam consigo uma vocação que pede uma modalidade peculiar de viver o mistério cristão e de situar-se na comunidade cristã.

O chamado à santidade cristã comporta essa mesma tensão entre a unidade e a pluriformidade na vida cristã. *“Nos vários gêneros e ocupações da vida, é sempre a mesma a santidade que é cultivada por aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus e, obedientes à voz do Pai, adorando em espírito e verdade a Deus Pai, seguem a Cristo pobre, humilde, e levando a cruz, a fim de merecerem ser participantes da Sua glória. Cada um, segundo os próprios dons e funções, deve progredir sem desfalecimentos pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança e que atua pela caridade”* (Lumen Gentium, 41).

Assim, pois, uma espiritualidade consiste em viver a vida cristã sob a ação do Espírito Santo com a tonalidade particular que comporta o dom recebido dele.

Uma espiritualidade pode apresentar-se em diversos graus de elaboração. Está ante tudo em nível fundamental, que é o da experiência individual e coletiva. A espiritualidade se vive e se expressa espontaneamente sob a ação do Espírito santo sem nenhuma pretensão de estruturação. Mas pouco a pouco, ao longo da história de um grupo e referindo-se sempre às experiências originárias e fundantes, se elaboram critérios e normas de vida, se percebem sintonias evangélicas e fundamentos doutrinários de alguns aspectos. Finalmente, pode chegar-se a sínteses orgânicas e mais elaboradas que orientam no caminho da vida cristã para a santidade.

Na Igreja tem surgido assim, ao longo da história, as chamadas “escolas de espiritualidade” em torno a figuras relevantes como são Francisco de Assis, santa Teresa de Jesus, são Francisco de Sales ou santo Afonso Maria de Ligório. Pode falar-se também de uma escola agostiniana, beneditina, inaciana, etc. Uma escola de espiritualidade supõe uma forte personalidade carismática nas origens, uma longa e ampla continuidade no tempo e uma sistematização doutrinária bem fundamentada. A melhor verificação de seu valor consiste nos frutos de santidade que produz.

Muitos institutos religiosos e alguns movimentos eclesiais atuais inseriram sua espiritualidade numa dessas escolas ou correntes de espiritualidade existentes na Igreja, matizando-a com um “espírito próprio” ou com novas atividades. Outros se têm mantido mais autônomos, tentando retirar de um ponto focal (um mistério da vida de Cristo, uma virtude cristã, etc.) indicações caracterizadoras dos diversos aspectos da vida cristã e orientações para chegar a sua plenitude, sem que por isso possa falar-se de espiritualidade num sentido estrito do termo.

A Família SAFA tem uma espiritualidade própria, que segue em construção, e cuja intuição central consiste em construir a comunidade olhando a Sagrada Família e tendo como referência última a Santíssima Trindade.

Inspirando-se na vida e nos escritos do Ir. Gabriel Taborin, e em continuidade com sua história, o Instituto dos Irmãos da Sagrada Família, apresentou a Sagrada Família de Nazaré como inspiradora do estilo de vida dos Irmãos e das pessoas que desejam partilhar sua espiritualidade e sua missão: “a vida de Jesus, Maria e José, como família, será sempre seu ponto de referência... Essa espiritualidade nazarena animará toda sua vida” (Constituições, 7). Trata-se, pois, de uma espiritualidade nazarena e taboriniana, que sublinha a fraternidade e o caráter laical, e que colabora na missão da Igreja, sobretudo nos âmbitos da educação, da animação litúrgica e da catequese.

Os passos mais significativos na elaboração desta espiritualidade tem sido:

- A experiência de vida e de fraternidade do Ir. Gabriel Taborin e dos primeiros Irmãos.
- A designação da Sagrada Família como padroeira do Instituto.
- A redação da Regra de vida do Instituto com as motivações e explicações sobre os diferentes aspectos da vida dos Irmãos.
- A síntese da espiritualidade no lema: “Em Nazaré se orava, se trabalhava e se amava” (Ir. Amadeu Depernex).
- As explicações sobre o “espírito de família” e a espiritualidade dadas pelo Ir. Estevão Baffert e outros Irmãos.
- A primeira síntese da espiritualidade do Instituto no livro *A l'école de la Sainte Famille*, do Pe. Francisco Cuttaz, 1951.
- A reformulação da espiritualidade do Instituto nas Constituições e outros documentos depois do Concílio Vaticano II e a atualização periódica de seus aspectos principais nos Projetos de Vida do Instituto.

- A perspectiva atual de partilhar a espiritualidade e missão entre Irmãos e leigos, e a abertura às diversas culturas.

No caminho percorrido pelo Instituto podem distinguir-se três etapas, sem que se possa estabelecer uma sucessão que as limite com precisão no tempo ou no conteúdo. Pode falar-se de uma fase “devocional” na que o elemento caracterizador, sem descartar os outros, era a invocação; uma fase “imitativa”, em que se insistia principalmente no aspecto moral e ascético de considerar a Sagrada Família como modelo; e finalmente uma fase mais “vivencial” na que se tenta praticar uma espiritualidade em que todos os aspectos da vida ficam impregnados pelo mistério de Nazaré<sup>1</sup>.

Nos últimos anos uma orientação importante dada pela Igreja aos Institutos religiosos e assumida pelo nosso, tem sido a de partilhar a espiritualidade e a missão com os leigos. Isto implica uma reelaboração da espiritualidade de maneira que possa ser vivida não somente na forma de vida religiosa laical (já que se trata de um Instituto religioso de Irmãos), mas também na forma de vida leiga secular (nas diversas modalidades da vida dos leigos). É o que justifica o emprego da expressão “espiritualidade da Família SAFA”.

Para apresentar essa espiritualidade foi escolhida a expressão “os vínculos que nos unem em Jesus, Maria e José”, empregada pelo Ir. Gabriel Taborin desde as primeiras cartas circulares enviadas anualmente aos Irmãos, como germe do que ao final de sua vida chamaria “espírito de corpo e de família”, que constitui o núcleo vital de dita espiritualidade.

As expressões e os textos em que se plasmou a espiritualidade do Instituto refletem a mentalidade e as formas de expressão utilizadas na Igreja ao longo dos anos; por isso haverá que estar continuamente atentos para distinguir, no possível, o conteúdo da mensagem e as formas de expressão.

#### ***Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo:***

- Qual é nossa atitude ante a diversidade de grupos, movimentos, associações e congregações na Igreja?
- Como interpretamos a diversidade de tendências, correntes de pensamento, espiritualidade? Quais são os critérios evangélicos para discernir sua eclesialidade?
- Como pode uma espiritualidade ajudar a viver a vida cristã?
- Que implicações pessoais, familiares, eclesiais leva consigo optar por uma espiritualidade?
- Quais são os traços típicos da espiritualidade da Família SAFA?
- Quais são as afinidades da espiritualidade de Família SAFA com outras espiritualidades?
- Quais são as condições para que uma espiritualidade se mantenha viva?

---

<sup>1</sup> A pesquisa realizada no Instituto sobre o encontro com Deus através de sua palavra, com a Sagrada Família e com o Fundador (Cf. Nazaret, escuela de humanidad p. 42-71, e L'Entretien Familial n° 195 p. 677-770, 2008), mostra a profundidade dessa experiência e qual é o “perfil espiritual do Instituto”.

## 2. AS FONTES VIVAS

Toda a vida da Igreja brota do mistério de Cristo, enviado pelo Pai para salvar os homens mediante a ação do Espírito Santo. Para isso Cristo está sempre presente em sua Igreja. “Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt. 18,20).” (*Sacrosantum Concilium*, 7).

A espiritualidade da Família SAFA emana das mesmas fontes que toda vida cristã: a Palavra de Deus, os sacramentos, a oração e a vida mesma em todas as suas relações e manifestações. Colocar o acento sobre alguns desses elementos e sublinhar alguns de seus aspectos contribui a criar sua originalidade e seu dinamismo próprios.

### 2.1 A Palavra de Deus

#### Referências:

*Ir. Lino Da Campo: A Sagrada Família no Novo Testamento; Palavras para um caminho (Antologia de textos); Ir. Francisco Cabrerizo: Com a Sagrada Família.*

“Tua Palavra me dá vida” (Sal 118). A Palavra de Deus proclamada e escutada na liturgia, lida e meditada pessoalmente ou em comunidade, é fonte da vida cristã. Nela se encontra a revelação do mistério de Deus e o dinamismo para vivê-la: “Aproveu a Deus. na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude dessa revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele” (*Dei Verbum*, 2).

A espiritualidade da Família SAFA sublinha a importância da Palavra de Deus em relação com a “Palavra que se fez carne” em Nazaré e presta uma atenção especial às passagens da Escritura em que se fala da família formada por Jesus, Maria e José em Nazaré, mas também aos que se referem à nova família messiânica formada pelos crentes em Cristo, e os que sublinham o caminho de aproximação de Deus ao homem para formar com todos a grande família de seus filhos.

#### 2.1.1 Os evangelhos da infância de Cristo

“Jesus desceu com eles a Nazaré e seguiu sob sua autoridade. Sua mãe conservava em seu interior a lembrança de tudo aquilo. Jesus ia crescendo em sabedoria, em estatura e na graça de Deus e dos homens” (Lc 2,51-52).

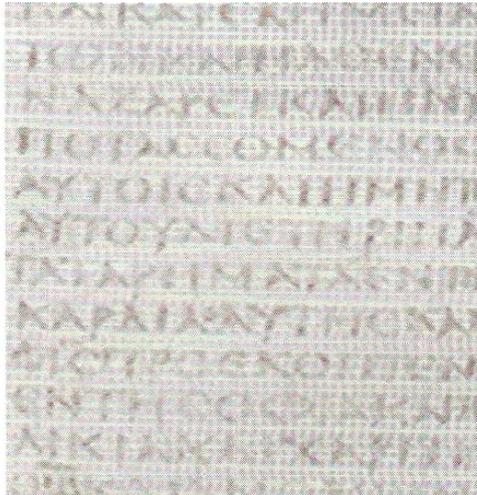
Dentro de sua brevidade, é o texto fundamental para a espiritualidade nazarena e familiar SAFA; oferece-nos o dado histórico, confirmado em outros lugares do Evangelho, sobre a vida familiar de Jesus com Maria e José em Nazaré. Ao redor deste texto (que há que completar com o da narração do episódio no templo de Jerusalém) podem situar-se os capítulos 1 e 2 dos Evangelhos de Mateus e Lucas, que narram os outros episódios da infância de Cristo.

Nesse episódio narrado pelo Evangelho de Lucas “Jesus deixa entrever o mistério de sua consagração total a uma missão derivada de sua filiação divina” (Catecismo da Igreja Católica, 534). O evangelista apresenta o feito à luz da ressurreição para situá-lo no conjunto da vida de Jesus. Segundo suas primeiras palavras no Evangelho, Ele “deve estar na casa de

seu Pai”. Essa obediência à vontade do Pai guiará toda sua existência (Cf Lc 4,43; 9,22; 17,25). A viagem a Jerusalém para a festa da Páscoa pode assim ser vista como antecipação da outra viagem de sua vida pública que culminará com a paixão, morte e ressurreição.

A revelação da identidade de Jesus ocupa um lugar central no Novo Testamento. Os primeiros em aproximar-se a esse mistério foram Maria e José, aqueles que desde o começo, responderam com a obediência da fé às indicações dadas pelo anjo acerca do Filho que devia nascer e ao que acolheram em sua família.

Mesmo que a espiritualidade da Família SAFA tenda a privilegiar a vida de Jesus em Nazaré, está aberta à totalidade de sua existência e vê nela um todo indissociável. “Toda a vida de Cristo é Revelação do Pai: suas palavras e suas obras, seus silêncios e seus sofrimentos, sua maneira de ser e de falar” (Catecismo da Igreja Católica, 516).



51 και κατεβη μετ αυτων και ηλθεν εις ναζαρετ και ην υποταρομενο αυτοι και η μητηρ αυτου διετηρι πατα τα ρηματα - εν τη καρδια αυτων  
52 και ο ις προσκοπιεν εν τη σοφια και ηλικια και χαριτι βου και ανθρωποις

*O texto rego do Evangelho de São Lucas 2, 51-52, segundo o Codex Sinaiticus.*

## 2.1.2 Algumas passagens do Antigo e do Novo Testamento

A outra família de Jesus

“E olhando aos que estavam sentados em torno dele disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos, pois aquele que realiza a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,34-35; Mt 12,46-50; Lc 11,28).

É significativo que, quando Jesus chama a seus discípulos, cria um grupo com as características de uma nova família, a família messiânica, na que Deus é Pai e todos são irmãos. A condição essencial para entrar nela é a adesão à sua pessoa mediante a fé e a acolhida de sua palavra (Lc 8,19-21). A nova família a que Jesus convoca, mostra ao mesmo tempo o grande valor e os limites da instituição familiar que, como as outras instituições humanas, não pode comparar-se ao valor absoluto do Reino de Deus. À nova família que Jesus cria, todos estão convidados, inclusive os que pareciam perdidos (Lc 14, 21-23; Mt 10,6). Mas nem todos respondem (Lc 14, 18-20).

Existe, pois, uma realidade pessoal, a fé, que nada tem a ver com os dados biológicos para formar parte dessa nova família. Os laços vitais criados entre os seguidores de Jesus são tão fortes que devem superar aos da carne e do sangue.

### **Todos irmãos**

“Quanto a vós, não vos façais chamar de ‘rabi’, pois um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos. Não chameis a ninguém na terra de ‘pai’, pois um só é vosso Pai, aquele que está nos céus. Não deixeis que vos chamem de ‘guia’, pois um só é o vosso Guia, o Cristo. Pelo contrário, o maior dentre vós deve ser aquele que vos serve. Quem se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado” (Mt 23,8-12).

As palavras de Jesus se colocam num contexto de polêmica contra os fariseus. A denúncia se refere à deformação das relações introduzidas no povo de Deus (Mt 23,1-7). Na intenção do evangelista há seguramente também um aviso para a comunidade cristã. Nela se dá também permanentemente a tentação de reduzir a novidade evangélica das relações fraternas a de domínio e poder. A finalidade do texto é mostrar como devem ser as relações numa comunidade que vive a presença e a autoridade do Ressuscitado.

A primeira parte compreende três proibições. A de usar alguns nomes: “rabi” = mestre, guia, pai. Essas apelações podem falsear as relações entre aqueles que têm um só Mestre, um só Guia e, sobretudo, um só Pai.

O núcleo da mensagem está no versículo 8, quando depois da motivação para não chamar a ninguém “mestre”, “porque um somente é vosso Mestre”, em lugar de apresentar aos seguidores de Jesus como condiscípulos são apresentados, de maneira surpreendente, como “irmãos”: “E vós sois todos irmãos”. O único Mestre, Jesus, é quem leva a descobrir que todos os demais são irmãos.

A segunda parte do texto (Mt 23,11-12) apresenta as consequências práticas: fazer-se servidor, com o olhar posto em Jesus “que não veio para ser servido, mas para servir” (Mt 20,28). Somente quem vive essa norma, pode crescer em todos os sentidos e ajudar os outros a crescer, e um dia “será exaltado”.

### **Aliança e fraternidade na Bíblia**

O Antigo Testamento apresenta o caminho para uma fraternidade universal partindo da fraternidade criada entre os membros do povo de Deus. Formando o homem a partir de “um só princípio” (Atos 17,26), Deus lhe comunicou o desejo de uma fraternidade primordial em Adão, (Gen 1-2). Mas, já desde o princípio, o mal na família humana começa com um fratricídio que rompe a fraternidade (Gen 4).

A aliança de Deus com seu povo comporta uma comunhão na mesma fé (Ex 19), e umas exigências morais de santidade: “Não odiarás a teu irmão... amarás a teu próximo” (Lev 19, 17ss). Os profetas denunciam como a sociedade israelita fica longe do ideal da aliança, a causa da dureza dos corações e das estruturas de pecado consolidadas com o tempo, e comprovam as deficiências na prática das exigências da aliança: “Ninguém perdoa ao próprio irmão” (Is 9,18), Não se pode confiar sequer no próprio irmão” (Jer 9,18). O mesmo Jeremias é perseguido por sua família (Jer 11,18; 12,6; Sal 69,9). Os profetas recordam as consequências da aliança: participar na aliança é ter um Pai comum (Mt 2,10); a aliança estabelece uma fraternidade mais forte e real que a comum descendência de Abraão (Is 63,10). Mas o dom da lei divina não é suficiente para estabelecer a fraternidade: a lei é santa, mas o coração do homem é perverso (os profetas pedem “um coração novo” Jer 31; e “um espírito novo” Ez 36). No dia do Senhor (salvação escatológica) chegará a fraternidade entre os povos: então o Senhor reunirá Judá e Israel num só povo (Jer 31,1); essa fraternidade se estenderá a todos os povos (Is 2,1-4; 66,18).

Os sábios de Israel têm descrito as características da fraternidade baseada sobre a fé: “Nada mais doloroso que ser abandonado pelos irmãos” (Prov 19,7); “Um irmão ajudado por seu irmão é como uma praça forte” (Prov 18,19), “É bom que os irmãos vivam juntos...” (Sal 133,1).

No Novo Testamento, o sonho profético de uma fraternidade universal se faz realidade em Jesus o Cristo, novo Adão. Sua realização na Igreja, inclusive na imperfeição, é o sinal tangível do cumprimento final.

Nascido de uma família humana e morto numa cruz, Jesus se converteu no “primogênito de uma multidão de irmãos” (Rom 8, 29); Ele reconciliou as duas partes da humanidade: o povo hebreu e os demais povos (Ef 2, 11-18); o irmão maior (povo judeu)

não tem porque estar zeloso do irmão menor acolhido nesta nova fraternidade, a condição não é já a de ser filhos de Abraão, segundo a carne, mas na fé e no cumprimento da vontade do Pai (Mt 12, 46-50). Essa é a obra do Espírito Santo no coração do homem (Rom 8,18). Trata-se de uma fraternidade: real e profunda que permite a Jesus ressuscitado chamar “irmãos” a seus discípulos (Mt 28,10; Jo 20,17); construída sobre o mistério de Cristo morto e ressuscitado, em tudo parecido a seus irmãos (Heb 2,17); universal, não unida a um povo ou a uma cultura (Jo 17).

O próprio Jesus, durante sua vida, colocou os alicerces de uma nova comunidade fraterna: convocando ao redor de si um grupo de discípulos (Mc 3); dando indicações muito concretas sobre as relações fraternas (Mt 5,21-26) e sobre a correção fraterna (Mt 18,15), abrindo a comunidade a todos (Mt 5,47), com uma atenção especial para os pequenos e os mais fracos (Mt 25,35-40); encarregando Pedro que confirmasse seus irmãos (Lc 22,31); dando o mandamento do amor recíproco (Jo 13); e morrendo na cruz para reunir os filhos de Deus dispersos (Jo 11).

O amor cristão é um amor fraterno (“filadelfia”), e tem como fundamento um novo nascimento (1Pe 1,22-23). Pratica-se no âmbito de uma comunidade concreta. O apóstolo Paulo dá algumas indicações: evitar as discussões (1Co 8,12), construção da comunidade e da família (Col 3, 12-25). Nos escritos de São João o termo “irmão” tem um sentido mais universal, equivalente de “próximo”. O amor fraterno é a atitude inversa da de Caim (1Jo 3,12-16) e é a condição indispensável de amor para Deus (1Jo 4,7-8).

A comunidade formada pelos irmãos em Cristo é sempre limitada e imperfeita. Dela formam parte irmãos indignos (1Co 5,11) ou falsos irmãos (Gal 2,4). Apesar de todas as deficiências, a esperança cristã assegura que um dia o acusador dos irmãos será vencido (Ap 12,10) e reinará a perfeita comunhão com Deus e entre os irmãos na grande família dos filhos de Deus.

### 2.1.3 O matrimônio e a família no plano de Deus

A exortação *Familiaris Consortio* (12 e 13) apresenta esta síntese bíblica sobre o sentido do matrimônio e da família, tema que está na base da espiritualidade da Família SAFA e de sua ação pastoral educativa e familiar.

“A comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel, encontra uma sua significativa expressão na aliança nupcial, que se instaura entre o homem e a mulher. É por isto que a palavra central da Revelação, «Deus ama o seu povo», é também pronunciada através das palavras vivas e concretas com que o homem e a mulher se declaram o seu amor conjugal. O seu vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo (Os 2,21; Jer 3,6-13; Is 54). E o mesmo pecado, que pode ferir o pacto conjugal, torna-se imagem da infidelidade do povo para com o seu Deus: a idolatria é prostituição, a infidelidade é adultério, a desobediência à lei é abandono do amor nupcial para com o Senhor. Mas a infidelidade de Israel não destrói a fidelidade eterna do Senhor e, portanto, o amor sempre fiel de Deus põe-se como exemplar das relações do amor fiel que devem existir entre os esposos (Os 32).

A comunhão entre Deus e os homens encontra o seu definitivo cumprimento em Jesus Cristo, o Esposo que ama e se doa como Salvador da humanidade, unindo-a a Si como seu corpo. Ele revela a verdade originária do matrimônio, a verdade do «princípio» (Gen 2,24; Mt 19,5) e, libertando o homem da dureza do seu coração, torna-o capaz de a realizar inteiramente. Esta revelação chega à sua definitiva plenitude no dom do amor que o Verbo de Deus faz à humanidade, assumindo a natureza humana, e no sacrifício que Jesus Cristo faz de si mesmo sobre a cruz pela sua Esposa, a Igreja. Neste sacrifício descobre-se inteiramente aquele desígnio que Deus imprimiu na humanidade do homem e da mulher,

desde a sua criação (Ef 5,32ss); o matrimônio dos batizados torna-se assim o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, decretada no Sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, doa um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge aquela plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que se doa sobre a Cruz”.

## 2.2 A liturgia

*Referências:*

- Ir. Teodoro Berzal: *Circular sobre o espírito de corpo e de família* (2000).

Na liturgia, cume e fonte da vida eclesial, a Igreja celebra principalmente o mistério pascal pelo qual Cristo realiza a obra da salvação. Nela se manifesta também a genuína natureza da Igreja, Corpo de Cristo e povo e família de Deus, chamado a ser sinal e vínculo de unidade para a humanidade e colaborador na construção do Reino de Deus.

Ao longo do ano litúrgico se desenvolve, na celebração, todo o mistério de Cristo, desde a Encarnação e a Natividade até a Ascensão, Pentecostes e a expectativa da vinda do Senhor. Nossa espiritualidade leva a “Celebrar especialmente a vitória pascal de Cristo, origem de sua fraternidade. Igualmente, durante o tempo de Natal, participam com alegria da intimidade familiar de Jesus, Maria e José” (Constituições, 136)

A forte sensibilidade litúrgica do Ir. Gabriel, sua colaboração nas celebrações ao longo de toda a sua vida, a partir de sua condição laical, inspiram a participação e ação na liturgia de todos aqueles que compartilhem seu carisma.

A participação na liturgia tem também um grande valor formativo e catequético.

### 2.2.1 Os sacramentos

Parte essencial e preponderante da liturgia são os sacramentos. Sua celebração marca a vida inteira do cristão. “Os sete sacramentos correspondem a todas as etapas e todos os momentos importantes da vida do cristão: dão nascimento e crescimento, cura e missão à vida de fé dos cristãos. Há aqui certa semelhança entre as etapas da vida natural e as etapas da vida espiritual” (Catecismo da Igreja Católica, 1210).

A espiritualidade da Família SAFA leva a viver com maior intensidade a relação dos Sacramentos com o mistério da Encarnação, à valorização de sua inserção na vida cotidiana do cristão e viver a “sacramentalidade” (ação de Deus através da ação humana) dos pequenos gestos da vida. “Os batizados são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, para que, por meio de todas as obras do homem cristão, ofereçam sacrifícios espirituais e anunciem as maravilhas de quem os chamou das trevas à luz admirável (cf. 1Pe 2,4-10)” (*Lumen Gentium* 10).

### O Batismo e a Confirmação

No batismo recebemos a vida divina, que nos introduz na família dos filhos de Deus e nos habilita para exercer o sacerdócio comum dos fiéis. No começo e fundamento de uma vida que tende a desenvolver-se constantemente. A confirmação nos comunica o Espírito Santo, quem, com seus dons, nos capacita para o testemunho e para o exercício das diversas atividades e ministérios na Igreja.

### A Eucaristia

A Eucaristia, sacramento da presença de Cristo, é o coração de toda comunidade. “A Eucaristia significa e realiza a comunhão de vida com Deus e a unidade do Povo de Deus pela qual a Igreja é ela mesma. Nela se encontra ao mesmo tempo o cume da ação pela que,

em Cristo, Deus santifica ao mundo, e do culto que no Espírito santo os homens dão a Cristo e por ele ao Pai. Finalmente, pela celebração eucarística nos unimos já a liturgia do céu e antecipamos a vida eterna quando Deus será tudo em todos. Em resumo, a Eucaristia é o compêndio e a suma de nossa fé: “Nossa maneira de pensar harmoniza com a Eucaristia, e ao mesmo tempo a Eucaristia confirma nossa maneira de pensar” (Catecismo da Igreja Católica, 1325-1327).

A espiritualidade da Família SAFA sublinha a relação entre os mistérios da Eucaristia e da Encarnação. A Eucaristia prolonga ao longo dos séculos o mistério de Nazaré, superando os limites do tempo e de espaço e fazendo-o para nós sempre presente e atual. A entrada de Deus na história humana continua realizando-se mediante a celebração da Eucaristia e através dela acompanha a Igreja e a humanidade até o fim dos tempos.

O pão e o vinho, elementos materiais eleitos pelo Senhor para entregar-se a nós, já dizem algo da imediatez, da simplicidade e humildade do mistério de Nazaré. São alimentos que não faltam na vida de cada dia, ao menos em algumas culturas, sem descartar por isso o sentido de festa. O mesmo há que dizer dos gestos, as posturas e as ações litúrgicas da celebração eucarística, que pretendem ajudar a reconhecer-nos pertencentes à família dos filhos de Deus convocada e reunida em torno da sua mesa. A Eucaristia forma a Igreja como família.

A Igreja empregou durante muito tempo, inclusive na liturgia, a expressão “Deus escondido” tomada do profeta Isaías (“É verdade: Tu és um Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador”, 45,15) aplicando-a tanto ao mistério de Nazaré quanto ao mistério da Eucaristia. No primeiro sublinha a “vida escondida” de Jesus com relação a sua “vida pública” e também sua condição humana com respeito ao Verbo na Trindade. Na Eucaristia, põe de manifesto o contraste entre a aparência das espécies sacramentais e a realidade da presença de Cristo. Em ambos os casos nos convida à humildade e à simplicidade dos pastores que acudiram a Belém e souberam descobrir com fé e amor o Salvador do mundo com Maria e José.

A centralidade da Eucaristia na vida cristã é sublinhada pelo carisma do Ir. Gabriel Taborin. Seu sucessor, o Ir. Amadeu, diz que a fundação do Instituto se deve ao amor do Ir. Gabriel pela Eucaristia.

A finalidade da animação laical (ministérios leigos) do Ir. Gabriel era conduzir o povo de Deus à Eucaristia. Ainda na idade infantil, assumiu o clima de clandestinidade que supunham certas celebrações na época revolucionária, e logo passou dos jogos a uma verdadeira responsabilidade de animação cristã em sua paróquia natal. Podemos dizer que o conjunto de suas atividades consistia em reunir, preparar, catequizar seus companheiros, e inclusive as pessoas adultas, para facilitar seu encontro com o Senhor, especialmente na celebração eucarística.

Em seu período de atividade itinerante, o Ir. Gabriel, enquanto procurava colocar os alicerces de sua Congregação, entre suas atividades catequéticas, tinha como especialidade a de preparar as crianças para a primeira comunhão e a animação da assembleia litúrgica. Em seus livros dedicados aos alunos das escolas dos Irmãos, nos destinatários às famílias e inclusive nos dirigidos aos Irmãos, nunca falta a parte para os comentários sobre o mistério eucarístico, avisos e orientações, textos e cantos para promover a participação nas celebrações. Sabemos também o quanto influenciou sua experiência pessoal de preparar tudo o que se relaciona com as celebrações litúrgicas (limpeza e ornamentação da igreja, preparação das cerimônias) e de animação (catequese litúrgica, assistência ao celebrante, canto) na definição de seu carisma e na identidade de seu Instituto. Foi precisamente esse aspecto do carisma uma das razões que em várias ocasiões impediu a fusão com algumas

instituições que compartilhavam outros aspectos da missão, como a educação cristã e a catequese.

### **A reconciliação**

“Pelos sacramentos da iniciação cristã o homem recebe a vida nova de Cristo. Agora bem, esta vida nós a levamos em “vasos de barro” (2Cor 4,7). Atualmente está ainda “escondida com Cristo em Deus” (Col 3,3). Encontramo-nos ainda em “nossa morada terrena” (2Cor 5,1), submetida ao sofrimento, à enfermidade e à morte. Esta vida nova de filho de Deus pode ser debilitada e inclusive perdida pelo pecado. A conversão a Cristo, o novo nascimento pelo Batismo, o dom do Espírito Santo, o Corpo e o Sangue de Cristo recebidos como alimento nos tem feito “santos e imaculados na sua presença” (Ef 1,4), tal como a própria Igreja, esposa de Cristo, é «santa e imaculada na sua presença» (Ef 5, 27). No entanto, a vida nova recebida na iniciação cristã não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação para o pecado, a que a tradição chama *concupiscência*, a qual persiste nos batizados, a fim de que prestem as suas provas no combate da vida cristã, ajudados pela graça de Cristo. Este combate é o da *conversão*, em vista da santidade e da vida eterna, a que o Senhor não se cansa de nos chamar” (Catecismo da Igreja Católica, 1426).

A espiritualidade da Família SAFA acentua a conexão entre a celebração do Sacramento da reconciliação e o esforço por construir a comunidade, restabelecendo ou reforçando as relações fraternas, tendo em conta a dimensão social do pecado e integrando essas dimensões na vida ordinária. “O sacramento da reconciliação atualiza a festa que o Pai de família celebra quando seus filhos voltam a Ele... Os Irmãos têm presente que perdoar aos outros é condição para serem perdoados por Deus. Seu esforço de conversão chega a ser encontro mais íntimo com Deus, reconciliação fraterna, inserção mais profunda no Corpo de Cristo e chamado a uma superação contínua...” (Constituições, 133)

### **Os sacramentos da vida cotidiana do cristão**

A Eucaristia e a Reconciliação são os sacramentos da vida cotidiana do cristão. Desde o mistério de Nazaré, que tende a valorizar os gestos e as ações da vida ordinária como lugares de encontro com o Deus escondido na história, a constante e fiel participação em ambos os sacramentos fica assim valorizada. A Eucaristia e a Reconciliação se reclamam mutuamente. A Eucaristia é sacrifício de reconciliação e de louvor, mas somente se pode acessar a ele com um coração reconciliado, ou seja, depois de remover os obstáculos que se opõem à comunhão com o Pai e com os irmãos. Para que a Eucaristia produza todo seu fruto de vida, é necessário acolher a contínua convocação do Senhor à conversão. Desde a plenitude de vida que se nos oferece na Eucaristia, tomamos maior consciência de nossas limitações e pecados, de tudo aquilo que em nossa vida pessoal e comunitária é discordante com o sacramento que celebramos. Daqui nasce o sentido do esforço que tem o combate espiritual e ascético para caminhar na renovada fidelidade ao Senhor e aos irmãos.

Como sinal evidente da importância que o Ir. Gabriel dava à fidelidade a estes dois sacramentos estão todas as indicações, avisos e orações publicadas em seus livros destinados aos Irmãos, aos fiéis das paróquias e aos alunos das escolas dos Irmãos. “Nesses dois sacramentos Jesus Cristo nos manifesta especialmente sua misericórdia e sua infinita bondade. Por isso, os Irmãos se aproximarão a essas sagradas fontes para retirar a água de vida que purifica a alma. Neles encontrarão também luz na escuridão, força na debilidade e consolo nas penas. Mas para obter estes preciosos benefícios, terão cuidado de aproximar-se deles com santas disposições: os dons de Deus devem ser recebidos com um coração bem disposto” (Novo Guia, 410).

## **O matrimônio**

Dá aos esposos a graça para constituir a família, verdadeira “igreja doméstica” e continuadora da experiência vital da Sagrada Família de Nazaré. “Os cônjuges cristãos, em virtude do sacramento do Matrimônio, com que significam e participam o mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja (cfr. Ef. 5,32), auxiliam-se mutuamente para a santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos, e têm assim, no seu estado de vida e na sua ordem, um dom próprio no Povo de Deus” (Lumen Gentium, 11).

## **A ordem sacerdotal**

“Cristo Nosso Senhor, para apascentar e aumentar continuamente o Povo de Deus, instituiu na Igreja diversos ministérios, para bem de todo o corpo. Com efeito, os ministros que têm o poder sagrado servem os seus irmãos para que todos os que pertencem ao Povo de Deus, e por isso possuem a verdadeira dignidade cristã, alcancem a salvação, conspirando livre e ordenadamente para o mesmo fim” (*Lumen Gentium*, 18). Alguns Irmãos podem ser sacerdotes, segundo *Perfectae Caritatis*, 10 (Constituições 4, Diretório Geral 1-8) e há sacerdotes que podem viver a espiritualidade SAFA.

### **2.3 A oração**

A espiritualidade tem como uma de suas fontes principais a relação com Deus mediante a oração pessoal e comunitária. Há algumas expressões da oração onde se anuncia a espiritualidade nazarena da Família SAFA. Por outra parte toda a vida de oração está marcada pelo mistério de Nazaré (ver mais abaixo, “Em Nazaré se orava”).

#### **2.3.1 Na liturgia**

*Referências:*

- *Coleção de Missas da Sagrada Família (texto não publicado);*
- *Ir. Lino Da Campo: Circular sobre alguns aspectos de nossa espiritualidade nazarena (1993).*

A Família SAFA celebra de modo especial durante o ano litúrgico algumas festas e comemorações:

#### **– A festa da Sagrada Família**

O Ir. Gabriel deu esta indicação fundamental: “A festa da Sagrada Família tem sido instituída pelo Fundador como a festa própria da Associação. Por isso deve ser a mais estimada por todos os Irmãos, por aqueles que têm tido a honra de colocar-se sob a proteção de Jesus, Maria e José ao havê-los escolhido como especiais padroeiros” (Novo Guia, 607).

A festa litúrgica da Sagrada família é a festa da Família SAFA por excelência e poderia chegar a ser a chave de interpretação das outras festas e memórias que celebram o mistério da salvação e se referem de algum modo a Nazaré. Como em tempos do Fundador se desejava que fosse instituída a festa litúrgica da Sagrada Família ao menos para o Instituto, mas também para toda a Igreja, assim hoje desejamos que essa festa seja vivida plenamente na Igreja.

A Igreja nos apresenta, nas leituras da missa da festa da Sagrada Família, correspondentes aos três ciclos litúrgicos, uma esplêndida síntese do mistério de Nazaré:

**O ciclo A** põe de relevo este aspecto central da história da salvação: para salvar o homem, o Filho de Deus assumiu a condição humana e viveu com sua família a experiência de salvação do povo de Israel. Desta forma realiza o que seu próprio nome significa: Jesus é a salvação e libertação definitiva de Deus para todos os homens.

**O ciclo B** tem como centro Cristo, “luz dos povos”, apresentado no templo por Maria e José. A Igreja nesse episódio “tem visto proclamada a universalidade da salvação, porque Simeão, saudando na criança a luz que ilumina os povos e glória de Israel (cf Lc 2,32), reconhecia nele o Messias, o Salvador de todos; compreendeu a referência profética da paixão de Cristo nas palavras de Simeão, as quais uniam numa só profecia o Filho, “sinal de contradição” (Lc 2,24) e a Mãe, a que a espada havia que transpassar a alma (cf Lc 2,35)” (Paulo VI, *Marialis Cultus*, 20).

**O ciclo C** nos apresenta Cristo que começa a desvelar sua condição de Filho de Deus para fazer que todo homem possa participar em sua filiação divina. O evangelista Lucas descreve o episódio de Jesus no templo com categorias pascais que ajudam a situá-lo no conjunto de sua vida. Segundo suas próprias palavras, Jesus “deve estar na casa de seu Pai”. Essa obediência à vontade do Pai guiará toda sua existência. “Jesus deixa entrever o mistério de sua consagração total a uma missão derivada de sua filiação divina” (Catecismo da Igreja Católica, 534)

**APPROBATION**  
DE MONSEIGNEUR L'ÉVÊQUE DE BELLEY.

Nous ALEXANDRE-RAYMOND DEVIE, Evêque de Belley, après avoir fait examiner et vu nous-même la Messe, les Vêpres, les Complies et les Hymnes qui nous ont été présentées par le Frère GABRIEL TABORIN, Supérieur-Général des Frères de la Sainte-Famille, les avons approuvés et approuvons, pour sa Communauté seulement, et permettons que ces Offices soient célébrés chaque année dans les Chapelles desdits Frères le jour où ils solenniseront la Fête de la Sainte-Famille, lors même que ce jour serait un dimanche. Nous permettons aussi de dire pendant tous les jours de l'Octave de cette Fête, dans les Chapelles susmentionnées, la Messe de la Sainte-Famille en faisant mémoire de l'occurent.

Donné à Belley, en notre Palais épiscopal, le 24 août 1850.

† A. R. Ev.

Par Mandement :  
H. GUILLEMIN, vic.-gén.



**SOLENNITÉ**  
DE LA  
**SAINTE FAMILLE.**

A LA MESSE.

INTROÏT  
du 1.

Gau-dea-mus omnes in Do-  
mi-no, di-em Fes-tum ce-le-bran-tes  
sub ho-no-re Sanctæ Fami-li-æ,  
de eu-jus so-lem-ni-ta-te gau-dent  
An-ge-li, et col-lau-dant  
Fi-li-um De-i. Ps. Ex-ul-ta-  
te, jus-ti, in Do-mi-no : rec-tos de-cet  
col-lau-da-ti-o. Glo-ri-a Pa-tri, et

1.

A missa e vésperas da Sagrada Família, livro aprovado por Mons. Devie, bispo de Belley.

— Outras festas relacionadas com a da Sagrada Família: a Anunciação, São José, Nossa Senhora de Loreto.

— As memórias de São Joaquim e Santa Ana, São João Maria Vianney e dos santos fundadores das congregações que levam o nome da Sagrada Família.

— A liturgia das horas. A Igreja recomenda a todos os cristãos a oração litúrgica das horas, que cantam ou rezam as pessoas consagradas e os sacerdotes. A comemoração da Sagrada Família em laudes ou vésperas é uma forma de manter constantemente a união de

todos os que vivem a espiritualidade da Família SAFA entre si e com o mistério central que a inspira. Faz-se depois do Pai nosso com o versículo, a resposta e a oração.

### **2.3.2 Em harmonia com a liturgia**

Toda a vida de oração da comunidade cristã deriva de certo modo da liturgia e deve permanecer em harmonia com ela (*Sacrossanctum Concilium*, 13).

## **As invocações à Sagrada Família**

### Referências:

- Conferência do Rvdo Ir. Amadeu aos Irmãos reunidos em Belley para o retiro anual de 1885 (*L'Entretien Familial*, vol. VII pp. 338-344);
- Ir. Lino Da Campo: *Circular sobre alguns aspectos de nossa espiritualidade nazarena* (1993).

O Ir. Amadeu comenta assim a invocação: “A invocação: Ó Jesus, Maria e José, iluminai-nos, socorrei-nos, salvai-nos. Necessitamos recorrer à Sagrada Família em nossas necessidades espirituais, em todo tempo e lugar, para ser iluminados, socorridos e salvos do perigo, porque em todas as partes e sempre temos necessidade de luz para nossa escuridão e ignorância; sempre e em todas as partes corremos o perigo de perder-nos, e se nos salvamos, é somente graças a ajuda divina”.

Dessa forma se gera e se cultiva com nossos Padroeiros um movimento de amor, que alcança uma confiança cada vez mais forte e uma grande intimidade nas relações. Conhecendo-os, podemos dirigir-nos a eles como a alguém de que certamente sabemos que vem em nossa ajuda. São nossos advogados de confiança. Eles nos conhecem e nós conhecemos sua habilidade, seu poder e sua força. Com os Padroeiros nasce como que uma aliança, os quais, sabemos, apesar de nossa pequenez e infidelidade, nos podem ajudar e são fiéis à sua palavra.

### **As ladainhas da Sagrada Família**

Toda espiritualidade pretende ser hoje cada vez mais bíblica e como consequência mais teológica. Todas as referências das ladainhas da Sagrada Família se inspiram na Bíblia, portanto enraizadas na realidade mesma do projeto de Deus que se faz homem numa família. Cantando ou rezando as ladainhas, alimentamos profundamente nosso espírito com a Palavra de Deus e o mantemos em sintonia com o mistério da encarnação e com a dimensão de “familiaridade com Deus” que comporta.

Não se sabe exatamente quando foram compostas essas ladainhas, mas são a expressão de uma grande capacidade de contemplação e confiança. Inspiram-se nos evangelhos da infância lidos e contemplados com toda a carga emotiva que produz o ver que o Filho de Deus se faz um de nós e participa em todas as nossas vicissitudes, exceto o pecado, para livrar-nos do mal.

### **A oração pelo Instituto**

A forma atualizada da “oração pelo Instituto” é: “Meu Deus, fazei que nosso Instituto seja vossa obra e não a dos homens. Abençoai-o e protegei-o; cuidai dele em todo tempo e lugar; não abandonando-o ao poder de nossos inimigos. Ajudai-nos a renunciar a nossa própria vontade para fazer a vossa aqui na terra como os bem aventurados a fazem no céu. Nós vos pedimos estas graças por intercessão da Virgem Maria e São José, nossos gloriosos padroeiros e pelos méritos de nosso Senhor Jesus Cristo”.

A fórmula recolhe aquilo que o próprio Irmão Gabriel escreveu no testamento espiritual e transmite uma de suas experiências mais profundas de oração, como a testemunha o art. 531 do Novo Guia. “A oração pelo Instituto começa com as palavras: Deus meu, faz que nosso Instituto” e inclui os desejos e petições mais adequadas para pedir as bênçãos de Deus sobre a Associação. Por isso deve ser estimada por todo bom Irmão da Sagrada Família. Essa oração lhe foi inspirada durante a missa por ocasião da elevação de um dos primeiros Superiores da Sociedade quando essa ainda se encontrava nos seus inícios”.

### **A invocação ao Ir. Gabriel e união à intercessão incessante do Fundador**

De forma privada se pode dizer a invocação: “Venerável Ir. Gabriel, roga por nós”.

Na comunhão dos santos, é possível associar-se à sua intercessão incessante pelo Instituto: “Se Deus me dá a graça de ir ao céu, não esquecerei no descanso da glória eterna a querida Comunidade da Sagrada Família nem aqueles que têm sido seus protetores e benfeitores...” (Testamento Espiritual).

### **Partilhar algumas intenções particulares de oração**

É uma tradição que remonta aos primeiros anos da fundação do Instituto (cf. Constituições da Ordem de São José, Cap. 9 art. 2; Novo Guia: na oração da manhã e da tarde) e que vem se alterando com o tempo quanto às formas e conteúdos.

O Ir. Gabriel propunha algumas vezes intenções de oração a todos os Irmãos em suas circulares e o mesmo fizeram seus sucessores. É uma experiência que cria uma unidade concreta na oração.

### **As expressões em momentos determinados**

Por motivo do retiro anual dos Irmãos se têm conservado no Instituto algumas práticas: o perdão recíproco, a renovação coletiva dos votos religiosos, a celebração eucarística pelos Irmãos defuntos e o canto do Creio como envio à missão.

Eis aqui o testemunho da origem destas práticas:

“Na véspera do dia do encerramento do retiro, imediatamente depois da oração da noite, o Irmão Superior dirigirá, segundo o costume no Instituto, algumas palavras à comunidade e convidará os Irmãos e noviços a perdoarem-se mutuamente as faltas que tiverem cometido uns contra os outros durante o ano; convidará igualmente a todos a dar-se bom exemplo e a amar-se reciprocamente cada vez mais em Deus e por Deus. Terminará esse piedoso e fraterno ato abençoando a todos no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e todos responderão: Assim seja. (Regulamento sobre o retiro Art. 11, Circular 1847).

“Depois do evangelho, todos cantarão solenemente o Creio como testemunho de sua fé nos mistérios e verdades da religião, recordando que, se os apóstolos e os mártires confessaram Jesus Cristo e deram sua vida pela fé, também eles devem estar dispostos a derramar seu sangue pela religião que ensinam quando dão a catequese à juventude. Como novos operários da vinha do Senhor e fortalecidos pela graça do retiro, deverão distinguir-se no meio do mundo por uma vida santa e dedicada ao apostolado” (Novo Guia, 613).

Para a profissão religiosa e a renovação dos votos, o Instituto dispõe de um Ritual próprio aprovado pela Igreja no dia 17 de dezembro de 1990 (Prot. CD 808/90). O plano de vida *Para viver em Fraternidade* (nº 20) contém a descrição do ato e a fórmula do compromisso para entrar na Associação Fraternidades Nazarenas.

### **Os cantos**

O Ir. Gabriel dava muita importância ao canto para expressar a fé. Amava o canto e em seus escritos dá indicações sobre o modo de participar com o canto na liturgia e em outros momentos da vida. Mandou compor a letra e a música gregoriana da missa e ofício da Sagrada Família para celebrar solenemente sua festa na Casa Mãe.

A tradição continuou depois com o “*Recueil de Chants en l'honneur de la Sainte Famille*” (1887) do Ir. Amadeu, e com os cantos em honra da Sagrada Família e do Fundador criados nos diversos países. Trata-se de uma rica tradição que deve renovar-se continuamente.

## 2.4 Sinais e símbolos

Existem imagens e símbolos (estampas, esculturas, quadros, etc.), mais ou menos artísticos, que se inspiram na espiritualidade da Família SAFA ou que tratam de expressá-la. Alguns deles têm caráter oficial, ao terem sido propostos como tais pelas autoridades do Instituto, outros respondem à iniciativa de diversas associações, grupos ou pessoas. O universo simbólico tem sua importância para a espiritualidade.

### O quadro da Sagrada Família

O Fundador entre 1835 e 1840, quando estava em *Belmont*, imprimiu e divulgou as primeiras estampas da Sagrada Família e o pequeno brasão que representa a Santíssima Trindade e a Sagrada Família. (cf. *Positio* pp. 257, 259-260 e Tab. III e IV). Em sua circular de 6 de agosto de 1861, O Irmão Gabriel apresenta aos Irmãos uma nova estampa da Sagrada Família nestes termos: “Alguém procura ter os retrato dos seres queridos e dos benfeitores. Há, por ventura, alguém a quem tenhamos que querer mais que a Deus, a Maria e a José ou que, segundo nossa fé, nos tem feito maiores benefícios que eles? Movidos por esses sentimentos temos mandado imprimir uma estampa da Santíssima Trindade e da Sagrada Família. cremos que respondemos a vossos piedosos desejos, dando-vos esta imagem da Sagrada Família, que é tão apropriada para estimular vosso amor e vosso agradecimento a Deus e a vossos Santos Padroeiros. Essa estampa será dada também como presente aos alunos e será colocada em livros. A oração que está ao pé desta encantadora e preciosa gravura encerra em síntese tudo o que um cristão pode pedir a Deus para o corpo e a alma, para esta vida e para a outra. Os que a rezem frequentemente com fé e devoção a Jesus, Maria e José, se atrairão graças abundantes; estamos firmemente convencidos disso”.

Em fidelidade a essas intuições do Fundador, o quadro oficial do Instituto foi realizado pelo Sr. *Guglielmino*, professor de pintura na escola “*Artigianelli*” de Turim em 1934. Foi solicitado pelo Conselho Geral para expressar o lema do Instituto: em Nazaré se orava, se trabalhava e se amava. Sua interpretação está no *L'Entretien Familial* vol. 3 n. 22 (1935) pp. 95-99). Ver alguns textos mais abaixo, em 3.4 *A existência cristã inspirada em Nazaré*. O Ir. *Estevão Baffert* compôs as palavras para um canto referidas ao quadro oficial.

O quadro da Sagrada Família está nas casas dos Irmãos, nas suas escolas e se entrega a cada pessoa que se compromete na Associação Fraternidades Nazarena para ser colocado em sua casa. Oferece-se também em outras ocasiões.

### O selo do Instituto

Desde as primeiras redações da Regra de vida dos Irmãos, o Fundador fez uma descrição minuciosa do selo do Instituto, explicando o simbolismo de cada elemento. É um dos objetos onde melhor aparece a intuição central da espiritualidade do Ir. Gabriel: a relação entre a Sagrada Família e a Trindade divina. No Novo Guia (n. 1039) o escudo está assim descrito: “Cada uma das casas das que acabamos de falar neste capítulo terá um selo em que figurarão as efígies da Santíssima Trindade e da Sagrada Família com uma legenda que

contenha estas palavras: Glória de Deus. Aos pés do menino Jesus haverá uma estrela e um laurel. Ao redor do selo figurarão estas palavras: *Casa Mãe (ou Casa de Noviciado ou de Retiro, segundo os casos) dos Irmãos da Sagrada Família* e a continuação o nome da cidade e do estado. A disposição de todos os elementos será a mesma que se tem usado desde a

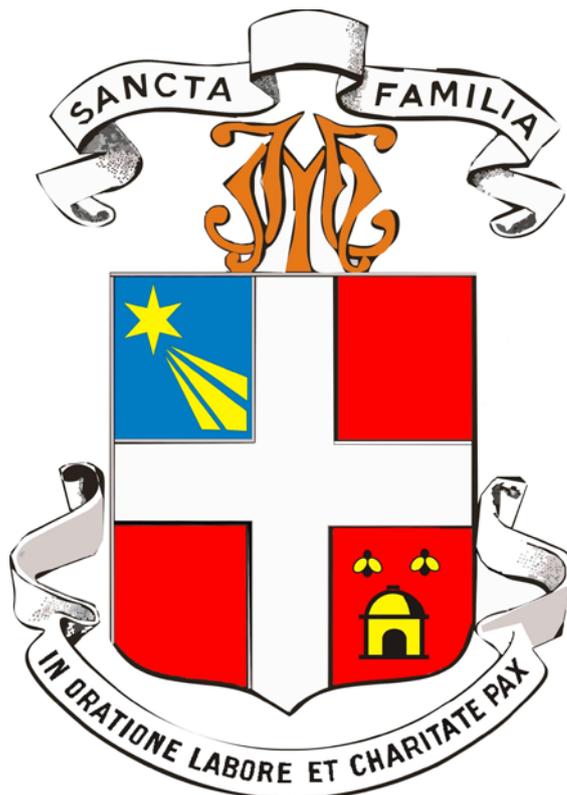
fundação do Instituto e que todos conhecem. Sua forma é ovalada. O da Casa Mãe terá quarenta e quatro milímetros de comprimento e trinta e seis de largura, os das casas terão quarenta milímetros de comprimento e trinta e dois de largura.



O selo do Instituto no tempo do Ir. Gabriel Taborin

### O brasão do Instituto

Foi proposto igualmente para apresentar o lema do Instituto e para oficializar a versão latina do lema: **IN ORATIONE, LABORE ET CHARITATE – PAX**. Na explicação simbólica do brasão se diz; “Em nossas comunidades, sob o patrocínio da Sagrada Família, Jesus, Maria e José, a oração sobe ao Céu e irradia graças de paz sobre o trabalho e a caridade fraterna. A cruz branca de Saboia-Bugey evoca a terra de origem de nossa Família espiritual”. Pode ver-se uma explicação completa de seu significado em *L'Entretien Familial* vol. 5 p. 430-437).

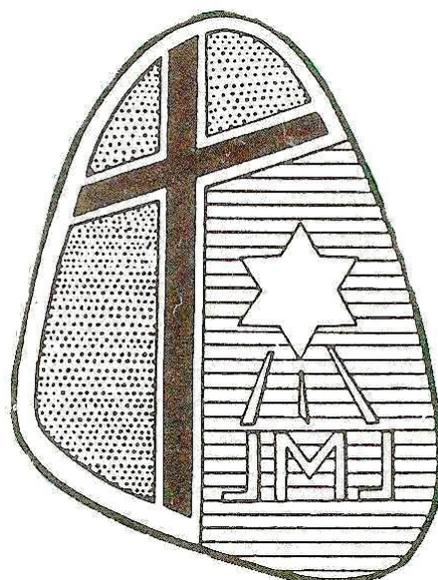


O brasão do Instituto se encontra na Casa Gabriel Taborin em Belley

## A insígnia do Instituto

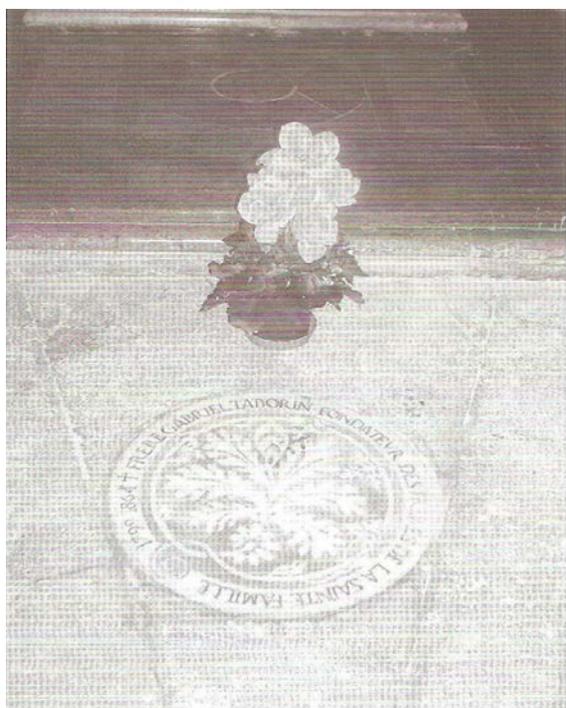
Os Irmãos levam a insígnia para mostrar o que “desejamos expressar ao apresentar-nos à Igreja e à sociedade:

- a cruz de nossa consagração religiosa;
- J.M.J.: o nome de nossos santos Padroeiros e, portanto, a fonte viva de nossa espiritualidade e de nosso espírito;
- A estrela com três raios: a fé guia nossa vida e nossa missão apostólica. Os três raios representam por sua vez a Trindade e a Sagrada Família” (*L'Entretien Familial* vol 16 p. 551)



A insígnia do Instituto

## Os lugares onde o Ir. Gabriel viveu e sua tumba



Os lugares onde o Ir. Gabriel viveu e sua tumba na catedral de Belley, são “lugares de sua memória”, que ajudam a compreender melhor a época em que surgiu o carisma do Instituto. A peregrinação aos lugares de fundação do Instituto é uma experiência espiritual de renovação e de contato com o Ir. Gabriel.

Existem também no Instituto outros “lugares da memória” nos quais se encontra seu patrimônio, ou partes dele, que convém conservar e valorizar.

A tumba do Venerável  
Ir. Gabriel Taborin na  
capela Santa Ana da Catedral de Belley.

## 2.5 A experiência de vida

A espiritualidade da Família SAFA tem como origem a experiência de vida do Ir. Gabriel e de todos os que compartilharam seu carisma ao longo dos anos.

### 2.5.1 A vida, o carisma e a mensagem do Ir. Gabriel Taborin

#### A vida

A vida do Ir. Gabriel é uma fonte constante de inspiração para aqueles que desejam viver o carisma e a espiritualidade que dele derivam.

As diversas biografias e estudos que foram feitos sobre o Irmão Gabriel procuraram recolher os principais traços dessa vida e de transmiti-los. Cada autor o fez desde sua própria perspectiva e com uma finalidade determinada.

Entre as biografias há que assinalar, sobretudo, a autobiografia (Resenha histórica) do Ir. Gabriel. Mesmo que a tenha deixado incompleta, tem o mais alto valor para conhecer e interpretar o que viveu até sua chegada a *Belley* (1840). Há que destacar também a Circular do Ir. Amadeu (26/11/1864) na que apresenta sinteticamente a vida do Ir. Gabriel e dá a conhecer seu testamento. Tem grande valor igualmente a Vida escrita pelo Ir. *Frederico Bouvet*. Escrita com o esquema clássico de “vida e virtudes” e com o estilo próprio de sua época, é o primeiro testemunho de conjunto sobre o Ir. Gabriel. A redação dessa biografia foi organizada pelo Ir. Amadeu pouco depois da morte do Ir. Amadeu, pedindo aos Irmãos e a outras pessoas alheias ao Instituto seu testemunho. O Ir. Frederico redatou sua obra a partir dessas notas, e uma comissão de cinco Irmãos se encarregou de revisá-la. Como prova final de veracidade do escrito, a biografia foi lida em público no refeitório da Casa Mãe ante os Irmãos que haviam conhecido o Fundador. Essa Vida serviu a todos os outros escritos posteriores.

Entre os estudos realizados sobre o Ir. Gabriel e que podem servir para aprofundar os diversos aspectos de sua vida cabe assinalar a *Positio*, escrita para o processo de beatificação, que foi ratificada pela aprovação dos consultores históricos e dos consultores teólogos e, em última instância, pelo decreto pontifício sobre a heroicidade das virtudes do venerável Ir. Gabriel Taborin. E também os trabalhos que alguns Irmãos realizaram no contexto de seus estudos universitários com teses ou tratados. Entre eles cabe destacar a tese do Ir. *Enzo Biemmi*: O desafio de um religioso leigo no século XIX.

Junto a esses escritos, há outros de caráter divulgativo ou que estudam aspectos particulares da vida e obra do Ir. Gabriel (ver as bibliografias).

O arquivo de Belley (ASFB) conserva um bom número de documentos que podem completar muitos detalhes sobre sua vida e a dos primeiros Irmãos.

Os principais momentos da vida do Ir. Gabriel são estes:

**Período de Belleydoux (1799-1824).** Gabriel nasce em *Belleydoux* em 1799 de uma família cristã que o marcou profundamente. Durante seus anos de formação assume o despertar dos leigos que se produz como consequência da Revolução Francesa. Desde muito pequeno inicia uma série de atividades de animação em sua paróquia natal. Passa dos jogos infantis de caráter religioso a um período de progressiva responsabilização: exerce as funções de cantor, sacristão, catequista e professor de escola em seu povoado. Nesse contexto, o jovem Gabriel descobre logo o chamado de Deus à vida religiosa. Para responder a esse chamado busca uma comunidade religiosa e, ao não encontrar uma que responda a seus desejos, as circunstâncias o levam a fundar outra ele mesmo.

**Período de vida itinerante (1824-1829).** Em diversos lugares das dioceses de *Saint-Claude* e logo em *Belley*, continua a “longa experiência” de *Belleydoux* colocando-se a disposição dos párocos como professor e catequista; tenta “ensinar a outros” essas mesmas atividades. A primeira forma concreta que ele dá a sua vocação religiosa laical é a de Irmãos de São José.

**Período de Belmont (1829-1849).** Depois de superar numerosas dificuldades, funda o Instituto dos Irmãos da Sagrada Família. O Ir. Gabriel pode finalmente encarnar seu projeto: traça a identidade do Irmão no Guia, regra de vida e de ação, aprovado pelo bispo *Mons. Devie*, forma grupos de postulantes e noviços e envia os primeiros Irmãos como sacristães à catedral de Belley e como professores a várias escolas.

**Período de Belley (1840-1864).** Chega a essa cidade, sede da diocese, com uma numerosa comunidade. O Ir. Gabriel se consagra até o final de seus dias a formar seus Irmãos e a consolidar a Congregação. Obtém a aprovação do Instituto por parte do Papa Gregório XVI e de Carlos Alberto, Rei da Sardenha. Visita com frequência as escolas e paróquias onde os Irmãos trabalham. Escreve alguns livros destinados às crianças e jovens e às famílias, nos quais une a promoção cultural e a evangelização. Reúne os Irmãos anualmente para fomentar

o espírito de família e para cuidar de sua formação pedagógica, humana e espiritual. Ocupa-se pessoalmente das novas fundações, e da construção da Casa Mãe. Mesmo conservando a nostalgia da vida contemplativa, que só realiza no mosteiro de Tamié, anima a atividade dos Irmãos a serviço da educação cristã nas paróquias pobres do campo e da animação litúrgica nas igrejas de algumas grandes cidades, aberta a “toda classe de boas obras”. Impulsionado pelo espírito missionário, envia um grupo de quatro Irmãos aos Estados Unidos. Busca para seu Instituto o apoio de pessoas e instituições e encontra, em meio de muitas incompreensões e oposições, aqueles que estimam e acolhem sua obra, como *São João Maria Vianney*, o cura de Ars, em quem encontrou uma amizade e um apoio importante.

A vida do Ir. Gabriel está profundamente marcada pela cruz: paga em sua pessoa de “religioso Irmão” o preço de uma opção de vida que constitui um chamado a uma maior fraternidade tanto para a Igreja como para o mundo.

### **A personalidade**

A personalidade do Ir. Gabriel se configura como um animador da comunidade cristã e, em seguida como formador e superior de religiosos, por sua vez animadores nas paróquias e nas escolas. Mas a síntese final de sua vida e de sua mensagem é a de ter sido simplesmente um Irmão.



O Ir. Gabriel é ante tudo um animador. Já desde pequeno mostra sua capacidade de convocar, de reunir e guiar a um grupo. Propõe uma série de atividades e iniciativas para que a comunidade cristã local tome consciência de si mesma. E sabe animar processos de formação e crescimento. Anima o grupo desde dentro: é simples, próximo e concreto. Não se impõe por seus estudos e conhecimentos, mas pela experiência e convicções profundas que transmite. É capaz de conceber e propor um projeto de vida baseado no Evangelho, comunicando-o e transmitindo-o de muitas maneiras desde um simples prospecto, uma carta ou uma conversação até seu máximo desenvolvimento no Novo Guia. De temperamento forte e decidido, nunca se envergonhou de suas convicções, mas soube aconselhar-se e deixar-se guiar, tendo a valentia e a humildade de começar de novo depois de cada fracasso e de manter seu projeto até o final, sabendo-o adaptar às alterações que se vão produzindo na Igreja e na sociedade de seu tempo.

Como fundador, Superior religioso e formador, conheceu e acompanhou a cada Irmão desde o início de sua vocação até o final de seus dias: o diálogo pessoal e as falas em grupo, a correspondência, as visitas,

as reuniões anuais, as circulares, eram seus meios preferidos de formação. Através deles sabia propor as metas, estimular o crescimento, corrigir os desvios, aprofundar as convicções, superar as dificuldades, criar espírito de corpo e de família, organizar o Instituto e confiar responsabilidades. Em seus escritos, especialmente nas várias edições da regra de vida, soube dar um perfil bem definido à identidade do Irmão como religioso leigo mediante o exercício de vários ministérios leigos e de uma série de atividades ligadas à construção da comunidade cristã, a catequese e o serviço da igreja. Via na Sagrada Família de Nazaré, imagem da Santíssima Trindade, o modelo ao mesmo tempo ideal e concreto de toda a comunidade, e soube propô-la aos Irmãos e às famílias como lugar de encontro e ponto focal de uma espiritualidade que valoriza a simplicidade nas relações, a humildade, a entrega generosa aos demais, a união e a obediência, a vida de trabalho e de silêncio, a fé e a confiança em Deus. Como homem concreto e prático, soube sintetizar e propor para as escolas os melhores métodos pedagógicos de seu tempo, escrevendo livros e oferecendo materiais didáticos, deu preciosas indicações para os catequistas e para os Irmãos empregados nas igrejas e elaborou valiosas sínteses da doutrina cristã a serviço da catequese, completando-as com textos litúrgicos, orações, cantos e avisos para a vida cristã e a participação nas celebrações litúrgicas.

Morreu como Irmão propondo a todos o ideal da fraternidade cristã: “Levais o doce nome de irmãos, não permitais que jamais se vos chamem de outra maneira. Os nomes das dignidades inspiram e impõem respeito; este, pelo contrário, só sugere simplicidade, bondade e caridade” (Guia art. 112).

## **No contexto de sua época**

### Referências:

- Ir. Enzo Biemmi: O desafio de um religioso leigo no século XIX: O Ir. Gabriel Taborin.

A vida do Ir. Gabriel se desenvolve dentre do contexto social e eclesial da primeira metade do século XIX na França. Com os elementos da cultura de sua época e em fidelidade ao Espírito Santo realiza uma síntese vital original. Sua vocação de religioso leigo, se inseria como um terceiro polo entre os dois componentes bem diversificados da Igreja: os clérigos e os leigos. Em nome do Evangelho e da urgência pastoral, seu estatuto de Irmãos pedia implicitamente uma redefinição dos papéis e dos poderes, na sociedade e na Igreja, em uma direção mais evangélica e mais fraterna.

Há que distinguir entre aquilo que o Ir. Gabriel era consciente e do que era portador sem sabê-lo.

Era consciente de sua paixão pelo Evangelho, pela educação da juventude: alimentava a certeza interior, que nunca o abandonou, de que sua obra vinha de Deus e que nada nem ninguém lha podia arrebatá-la. Estava profundamente convencido de que sua instituição era um serviço à Igreja e ao Estado, ao cristão e ao cidadão, sabia também que a Igreja e a sociedade do século XIX tinham necessidade dele e de seus Irmãos para educar e instruir as crianças nas paróquias da França.

Era portador, sem sabê-lo de uma novidade que vinha a perturbar o equilíbrio instaurado e que era um chamado do Espírito à Igreja e à sociedade do século XIX. Tinha que definir-se de novo e organizar-se de forma mais coerente com o Evangelho e suas exigências. Nesse sentido, era um homem moderno e tradicional ao mesmo tempo, na mais pura tradição dos monges, útil e perturbador, solicitado e relegado. Sua “laicidade religiosa”, longe de ser uma resposta simplesmente funcional às necessidades sociais e pastorais de uma paróquia da restauração, era um convite a uma organização da Igreja fundamentada na igual dignidade dos filhos de Deus.

O paradoxo é tanto mais forte quanto mais nos aproximamos ante um homem que nada tem de revolucionário e que, ao contrário, poderíamos definir como um conservador: prega a obediência à Igreja, forma parte da maioria dos católicos franceses do século XIX que cultivam uma veneração extrema pelo Papa, em seu testamento espiritual afirma haver venerado tudo o que a Igreja ensina. Nada há em seus escritos que possa fazer-nos pensar num inovador ou num homem que amava as “novidades”. Ao longo de toda a sua vida, sua pertença eclesial não teve falhas. No final dos conflitos, em suas cartas aos bispos, afirma sua submissão à Igreja e a seus representantes e sua disponibilidade à obediência. Faz um grande esforço para defender com todas as suas forças um valor que não lhe pertence e a convicção de que este valor deve ser vivido em comunhão com a Igreja e reconhecido por ela. É este, no fundo, o significado profundo de sua busca exasperada pelo reconhecimento de seu Instituto e de suas Regras.

Não busca, pois, a independência, nem coloca em dúvida a autoridade da Igreja, nem a obediência ao Magistério. Lendo seus escritos se chega claramente a conclusão contrária. Pede, simplesmente, que aquilo de que é portador, e que o ultrapassa, seja reconhecido pela autoridade e possa exercer-se. Implicitamente isso necessita a redefinição dos equilíbrios e das relações. O carisma chama à porta da Igreja e pede para ser acolhido e valorizado, que se lhe dê um lugar, que se lhe reconheça sua validade. Carregado desse sofrimento, conduz sua batalha até o final dentro dessas duas margens: uma fidelidade a toda prova a sua instituição e uma vontade tenaz de pertencer à comunidade eclesial.

A acolhida sem reservas de um grande número de sacerdotes, entre eles o Cura de Ars, João Maria Vianney, como exemplo mais representativo, não troca de fundo o problema: é a exceção que confirma a regra. Os altos cargos da Igreja têm dificuldades de integrar o Irmão Gabriel e sua instituição. Ao contrário, um bom número de sacerdotes que trabalham nos meios rurais, distantes dos bispados, preocupados pela salvação de suas ovelhas mais que pelo poder e seus privilégios pessoais, o acolhem e valorizam. A preocupação pastoral é o terreno de um trabalho comum a serviço do Evangelho e empurra para uma revolução das relações, os papéis e os poderes.

## **O carisma**

### Referências:

- Ir. Teodoro Berzal: A transmissão do carisma (2007).  
(L'Entretien Familial nº 194, p 433-437).

Os diversos aspectos do carisma do Ir. Gabriel se manifestaram progressivamente ao longo de sua vida. De forma sintética podemos considerar três momentos em que aparecem os aspectos essenciais de seu carisma.

### ***Em Belleydoux, o aspecto eclesial:***

A experiência de Gabriel consiste na inserção progressiva em sua comunidade cristã e humana, mediante a colaboração com o pároco e com o município nas atividades de educação, catequese e animação litúrgica.

Essas atividades o situam na Igreja como leigo que assume responsabilmente e com muita força as funções derivadas de seu batismo e de sua confirmação.

Mas ainda cedo se sente chamado à vida religiosa. Este chamado o leva a buscar, e logo fundar, uma Congregação na que pudesse viver sua experiência laical como religioso.

Seu carisma se manifesta na visão integradora de várias atividades que têm uma dimensão ao mesmo tempo cristã-eclesial (liturgia, catequese) e humano-social (educação nas escolas) e no estilo missionário com as quais o leva a cabo.

Este aspecto do carisma dá à espiritualidade seu caráter apostólico.

### ***Em Belmont, o aspecto espiritual:***

Em Belmont o Ir. Gabriel consegue, depois de várias tentativas em outros lugares, fundar uma comunidade religiosa, germe do Instituto.

Ali passa do patrocínio de São José ao da Sagrada Família para o Instituto nascente.

Desde as primeiras Constituições a Sagrada Família de Nazaré se apresenta como referência primeira e imediata da espiritualidade, do estilo de vida e de atividade dos Irmãos.

A referência à Trindade divina e à Sagrada Família para formar a comunidade, é primordial.

A vida e a história mesma do Instituto são interpretadas à luz do mistério de Nazaré. “Estávamos ante uma situação semelhante da que sofreram nossos Santos Padroeiros, Maria e José, quando foram a Belém” (Ir. Gabriel, Autobiografia).

Seu carisma chega à intuição essencial da espiritualidade: o vínculo entre a comunidade, a Sagrada Família e a Trindade divina.

Este aspecto do carisma dá à espiritualidade seu caráter familiar.

Em Belley, o aspecto vital:

A atividade principal do Ir. Gabriel consistiu na animação e governo de seu Instituto através de uma extensa rede de relações internas e externas a ele. Como verdadeiro artesão da comunhão o Ir. Gabriel empregou todos os meios a seu alcance. Os principais meios podem ser sintetizados assim:

– A construção da Casa-mãe, em função do movimento anual de reunião de todos os Irmãos e de seu envio em missão às comunidades. A casa-mãe era também o lugar da formação inicial (inicial e pedagógica) e de recolhimento para os anciãos.

– A elaboração da Regra de vida, com a organização do Instituto, as normas para todos e as explicações sobre o sentido da vida do Irmão em todos os seus aspectos.

– A promoção do espírito de família, mediante as circulares, as cartas e outras comunicações, as visitas aos Irmãos e às escolas, as reuniões e a posta em comum dos bens.

O carisma se manifesta na relação da missão do Instituto e no desenvolvimento do “espírito de corpo e de família”, que “nasce da caridade, e em consequência, de Deus que é a caridade mesma” e faz que “todos os membros que compõem uma Congregação onde de verdade exista este espírito, tenham um só coração e uma só alma”.

Este aspecto do carisma dá à espiritualidade seu caráter de comunhão.

## **Os escritos**

### Referências:

- Guia, caminho, anjo, tesouro: os escritos do Ir. Gabriel Taborin. Seleção de textos (2010)

A realização da missão a que se sentiu chamado desde a infância, levou o Ir. Gabriel a produzir uma série de escritos através dos quais foi transmitindo, o mesmo que com sua vida,: o significado de ser Irmão.

O conjunto desses escritos tem, pois, uma unidade de fundo: expressa a mensagem vital de uma pessoa. Mas, ao mesmo tempo, se apresenta numa grande variedade por sua extensão, gêneros, datas e formas de publicação. Alguns foram dados à imprensa diretamente por seu autor, outras permaneceram como manuscritos por muito tempo.

Para facilitar a compreensão deste *corpus taborinianum*, os escritos foram colocados em cinco grupos segundo a natureza e destinatários dos mesmos.

- Autobiográficos e testamentos;
- Destinados aos Irmãos;

- Destinados aos alunos e aos fiéis;
- Escritos vários;
- Correspondências.

A leitura de seus escritos supõe um modo de aproximação à pessoa do Ir. Gabriel que é diferente daquele que se faz através das interpretações de sua vida nas biografias, teses e artigos de caráter histórico. Nos escritos temos diretamente o que ele quis dizer ou dizer-nos se desejamos apropriar-nos de sua mensagem. Os escritos do Ir. Gabriel nos permitem, não somente conhecer suas convicções, suas ideias, suas intuições, mas também, de forma muito variada e desde muitos pontos de vista, os grandes e pequenos traços de sua personalidade e de seu carisma. O importante é saber dar esse passo para encontrar-se com a pessoa.

O Ir. Gabriel nos é apresentado no conjunto de seus escritos como:

- um testemunho do amor de Deus e do seguimento de Jesus Cristo, atento à vontade do Pai, desejoso de responder à sua vocação, de colaborar com o desígnio de Deus e de conduzir outros pelo caminho do Evangelho;
- um homem do Espírito, capaz de acolher um carisma caracterizado pela fraternidade, o espírito de família, as atividades no campo da educação, da catequese, da animação da liturgia, e de fazê-lo frutificar transmitindo-o a outros;
- um profeta de seu tempo, bem radicado em sua época e no seu meio geográfico e cultural, mas ao mesmo tempo com uma força interior para sair de sua terra e propor valores e uma forma de vida, a “laicidade consagrada”, difícil de compreender em seu tempo mas que tem tido um futuro;
- um companheiro de caminho e um guia, Irmão entre seus Irmãos, que vive com paixão a fraternidade e que tem uma palavra permanente que dizer a aqueles que desejam caminhar com ele.

Através de seus escritos, na realidade, o Ir. Gabriel não faz mais que transmitir, às vezes de forma original e outras seguindo linhas já marcadas por outros, o que ele mesmo havia assimilado em suas leituras, em suas atividades de professor, de catequista, de fundador e Superior de uma Congregação religiosa.

O conteúdo de seus escritos tem como fontes:

- a Sagrada Escritura, a que se refere com frequência de forma explícita ou implícita e com algum comentário;
- os catecismos diocesanos e outras sínteses doutrinárias que ele aprendeu e ensinou com tanto acerto;
- os autores espirituais mais lidos e comentados em sua época, entre os que destacamos: *A Imitação de Cristo*, *São Francisco de Sales*, *São Vicente de Paulo*, *Santo Afonso de Ligório* e os escritos da chamada escola francesa de espiritualidade que tem sua origem no cardeal *Pedro de Bérulle* (1575-1629); entre eles ocupa um posto especial *São João Batista de la Salle*, principalmente por suas obras de caráter pedagógico;
- os autores que tratam temas de vida religiosa, desde a Regra de São Bento e a tradição monástica até os jesuítas Afonso Rodrigues e João Batista Saint-Jure, e João Pedro Médalle.

A essas fontes escritas, às vezes difíceis de encontrar por falta de estudos sistemáticos, há que acrescentar naturalmente as mediações pessoais de formação, que para o Ir. Gabriel foram, em sua juventude, o *Pe. Charvet*, pároco de Belleydoux e de Brénod, e em sua maturidade o *Mons. Devie*, junto com os pregadores dos retiros na Casa Mãe, os diretores espirituais da comunidade e um grande número de sacerdotes como o *Pe. Roland*, e alguns bispos com quem entrou em contato.

O leitor que se aproxima hoje dos escritos do Ir. Gabriel com a mesma atitude de simplicidade e de generosidade com que foram escritos pode certamente encontrar neles

palavras de ânimo e de sabedoria que vêm do passado, mas que podem ajudar a caminhar na atualidade. Para a compreensão e interpretação do carisma taboriniano esses escritos têm naturalmente uma autoridade de primeira linha.

Seigneur tout-puissant, Dieu D'Israël, écoutez encore la prière  
que je vous adresse, et que je désire vous adresser éternellement pour la  
chère Congrégation que vous m'avez confiée, et que je remets entre vos  
mains: faites quelle soit votre œuvre et non la mienne; protégez-la;  
prenez soin d'elle en tout temps et en tout lieu; ne l'abandonnez pas  
à la puissance des ennemis qu'elle pourrait avoir; pourvoyez sans cesse  
à son besoin, et faites quelle procure votre gloire sous votre main  
protectrice: soyez favorable, ô mon Dieu, à tous les frères et Novices  
de cette chère Société; répandez sur chacun d'eux vos grâces les plus  
abondantes, augmentez en eux la foi, l'espérance et la charité; donnez  
leur une vive horreur du péché et un repentir sincère de ceux qu'ils  
ont commis, et dont je pourrais peut-être avoir été la cause par mes  
exemples ou par mon manque de vigilance; faites qu'ils aient le bien  
en horreur, qu'ils aiment leur vocation, qu'ils y soient fidèles,  
qu'ils s'y sanctifient et travaillent à sanctifier les autres: rendez-les  
tous contents et heureux en cette vie et en l'autre: telle est la prière,  
ô mon Dieu, que vous adresse, avec une vive ardeur, le plus pauvre  
des Religieux, le plus indigne des Supérieurs; écoutez-la, Seigneur,  
du haut du trône de votre divine majesté, et bénissez ceux pour  
qui je vous l'adresse humblement au nom du Père, et du Fils,  
'et du Saint-Esprit. Ainsi-soit-il.

Belley, en notre Maison-Mère, le 25 Août 1864.

Ir. Gabriel  
Sup-Éral des frères  
de la S<sup>te</sup> Famille

A última página do Testamento Espiritual do Ir. Gabriel Taborin

## 2.5.2 A história e a vida atual do Instituto e da Família SAFA

### Referências:

- Ir. Teodoro Berzal: O Instituto dos Irmãos da Sagrada Família vive no tempo (2010)

Em princípio, a história do Instituto se confunde com a vida do Ir. Gabriel, mas pouco a pouco sua obra se vai diferenciando de sua pessoa. “A história de nosso venerado Fundador se identifica com a de nossa Congregação até o dia de hoje”, afirmava o *Ir. Amadeu Depernex* no dia 18 de março de 1865 numa carta em que pedia que os Irmãos escrevessem suas recordações sobre o Ir. Gabriel.

Durante o século XIX, depois da morte do Fundador, foi o Ir. Amadeu quem guiou o Instituto esforçando-se por transmitir a herança recebida. Os principais acontecimentos que conduziram esse período foram: a aprovação do Instituto por parte do Governo francês em 1874, a revisão da Regra e sua aprovação no Capítulo Geral de 1882, o envio dos primeiros Irmãos ao Uruguai (1889) e a criação de vários colégios nesse país. Na última parte do século a legislação laicista sobre a educação na França e uma aplicação sectária da lei sobre o “contrato de associação” puseram em grave crise o Instituto, igual que as demais congregações religiosas.

O começo do século XX está marcado pela reação a essa situação de extrema dificuldade (dissolução do Instituto na França, diminuição em um terço os Irmãos, extinção das casas de formação na Europa) com a transferência da Administração Geral para a Itália e começo das atividades nesse país, as fundações na Tunísia, Espanha e Argentina.

Até o final da Segunda Guerra mundial, a administração e a vida normal do Instituto se veem alteradas por vários acontecimentos externos e internos que freiam esse período de desenvolvimento. Entre os primeiros podemos citar as guerras (europeia, mundial, espanhola) e entre os segundos a crise provocada pela demissão do *Ir. Martin Dumas*, Superior Geral, em 1932. Cabe assinalar, sem dúvida, a aprovação definitiva das Constituições (1936) e o aprofundamento na espiritualidade do Instituto levada a cabo pelo *Ir. Estevão Baffert*.

Vem depois para nosso Instituto, como para muitos outros, um período de estabilidade, de afirmação institucional, de crescimento numérico, mas também de certa paralisia. Esse é o momento da criação de várias Províncias, o começo da presença do Instituto em terras africanas (1958) e da introdução da causa de beatificação do Ir. Gabriel Taborin.

Com o Concílio Vaticano II se abre uma nova época para a Igreja, para a vida religiosa e para o Instituto. O novo modelo de vida religiosa que nasce do Concílio provoca um período de renovação, mas também de crise com uma notória quantidade de saídas de Irmãos. O processo de renovação conciliar leva a uma busca das fontes onde se inspira o carisma do Instituto e a sua formulação atualizada em novas Constituições.

Para dar um novo impulso ao Instituto, nos últimos decênios, se tem realizado fundações em países, muitas vezes distantes entre si, que podem oferecer uma vitalidade e novas expressões ao carisma dos Irmãos da Sagrada Família. Por outra parte em todo o Instituto se foram dando passos de aproximação, de colaboração e de corresponsabilidade entre os Irmãos e os leigos, que em diversos modos desejam compartilhar a espiritualidade e a missão do Instituto.

A história do Instituto é uma fonte constante de reflexão e de meditação para compreender o modo concreto de encarnar-se o carisma, para distinguir as condições que nos diversos lugares e época propiciam ou detêm seu crescimento, para distinguir critérios de discernimento nas decisões que se tomam frente ao futuro.

“Ao fazer a história do Instituto dos Irmãos da Sagrada Família, não se pretende somente escrever a vida do que foi seu Fundador. Quer dar-se a conhecer como Deus é admirável em suas obras, e que para isso se serve com frequência de escassos instrumentos, dos homens mais simples e menos eruditos para fazer obras grandes que excedem as expectativas dos homens, mas que são úteis a nações inteiras”. (De uma folha solta escrita pelo Ir. Gabriel que leva como título “Conversação histórica”).

### 2.5.3 A regra de vida

#### Referências:

Ir. Lino Da Campo: Circular sobre as Constituições (1986)  
Comentário às Constituições dos Irmãos da Sagrada Família (2002)

As Constituições dos Irmãos e o Plano de Vida das Fraternidades têm um tópico específico sobre a espiritualidade. Cada um desses dois documentos fundamentais apresenta a espiritualidade da Família SAFA em sua dupla versão religiosa e secular. Mas, além disso, há que ter em conta a totalidade desses documentos porque a espiritualidade está presente de maneira concreta para motivar os diferentes aspectos da vida pessoal, comunitária e institucional. Cada membro do Instituto, Irmão ou associado, se referirá a isso segundo seu estado de vida.

Algumas expressões nos ajudam a entender esses documentos como fonte da espiritualidade própria e sua relação com o presente texto e com outros.

São um projeto de vida evangélico: “A Regra propõe um modo de vida conforme ao Evangelho, inspirado na vida do Fundador e seus ensinamentos e ratificado pela aprovação da Igreja” (*Constituições*, 279). Podemos dizer, com efeito, que a Regra é para nós a tradição atual do Evangelho. O Fundador escrevia na Proclamação do Novo Guia: “Vo-lo entregamos em nome de Deus: recebi-o, pois, com respeito, considerando-o como um segundo Evangelho” e um pouco mais adiante diz: “É isso que nos cabe dizer-vos que deveis olhar o livro de nossas Regras como um segundo Evangelho” (*Novo Guia, Introdução*).

As Constituições definem a identidade do Instituto na Igreja como “Instituto religioso de Irmãos”, com a possibilidade da presença de alguns sacerdotes e de membros associados. Tanto as normas práticas, como as motivações teológicas, que se dão nelas correspondem a essa situação característica na Igreja. A identidade é concebida numa eclesiologia de comunhão típica do Concílio Vaticano II, onde as partes (Igreja local, estados de vida, carismas particulares, etc.) se abrem e comunicam com o todo e este se encarna nas situações concretas.

As Constituições são a expressão estável do carisma e o livro fundamental da espiritualidade do Instituto. As Constituições dizem como se organiza concretamente a vida comunitária do Irmão e proporcionam os meios adequados para chegar à santidade segundo o carisma de Irmão da Sagrada Família. Os demais livros atuais (como os Diretórios ou decisões capitulares) ou do passado (como os de nossa tradição de Instituto, inclusive os livros do Fundador) devem ser lidos à luz das Constituições atuais. A partir delas é que se oferece uma contribuição válida para encarná-las conforme os tempos e lugares.

As Constituições devem ser entendidas e vividas à luz da aliança, da nova aliança. Sua força lhe vem do ato de profissão-aliança de Deus com o homem, do homem com Deus, do Irmão com o Instituto e do Instituto com o Irmão. É importante passar de uma mentalidade de antiga aliança a uma de aliança nova se queremos compreender a afirmação do Fundador que figura no princípio do livro das Constituições: “Recordai, queridos Irmãos, que a exata observância da Regra santifica o Irmão. Ela é sua glória, seu ornato, sua riqueza, sua força, sua beleza e sua felicidade” (Circular n. 21, 1864).

As Constituições apresentam a tensão entre o ideal proposto e os meios que se indicam para consegui-lo, entre as grandes orientações doutrinárias e espirituais e as normas concretas para os diversos aspectos da vida. As Constituições assinalam o mínimo indispensável e o máximo que se abre para a perfeição da caridade (santidade). Fica assim assinalado um caminho espiritual que convida ao crescimento constante.

As Constituições se abrem por um lado para o Evangelho reconhecendo-o como “regra suprema”, e por outro para a diversidade de culturas e mentalidade em que cada

Província vive (isso preveem os diretórios e projetos de vida provinciais) e para a realidade concreta de cada comunidade (projeto de vida da comunidade) e de cada pessoa (projeto de vida pessoal).

A Regra expressa a consciência que o Instituto tem de si mesmo enquanto comunidade congregada pelo Espírito Santo reunida no nome de Jesus e consagrada pelo Pai.

O que se diz das Constituições pode aplicar-se por similitude ao Plano de Vida das Fraternidades Nazarenas.

#### **2.5.4 Os documentos do Instituto**

O Ir. Gabriel começou a escrever uma série de cartas circulares destinadas à animação e governo do Instituto em que dava as informações, mas comunicava também suas convicções e algumas intuições importantes para a espiritualidade. Começou a publicar também a biografia de cada um dos Irmãos que falecia no Instituto, como testemunho de respeito e homenagem a sua memória, e para manter os vínculos com aqueles que iam chegando à casa do Pai. Nessas notas biográficas se encontram os traços concretos de como se tem vivido a espiritualidade ao longo do tempo por parte dos Irmãos. Essas duas coleções, as circulares dos Superiores e as biografias dos Irmãos falecidos, continuaram até a atualidade. Junto com os documentos dos Capítulos e outros textos, frequentemente publicados na revista oficial do Instituto, *L'Entretien Familial*, constituiu-se um patrimônio espiritual a que acudir para nutrir a espiritualidade SAFA.

#### **2.5.5 A vida e os ensinamentos da Igreja**

A partir do Concílio Vaticano II, e recolhendo ideias que começavam a desenvolver-se já antes, o magistério da Igreja tocou temas próximos à espiritualidade da Família SAFA em um ou outro de seus aspectos.

A atenção permanente à vida e aos ensinamentos contidos nos documentos da Igreja universal como nos documentos das igrejas particulares, é uma atualidade que há que cultivar sempre, como elemento de formação permanente e como atitude de comunhão com todos os componentes da comunidade cristã.

Assinalamos alguns dos temas e documentos mais próximos da espiritualidade SAFA.

#### **A Sagrada Família**

A partir do breve apostólico de Leão XIII *Neminem Fugit* (1892), com o qual erigiu a Associação Sagrada Família, os papas se referiam em vários documentos, de forma mais ou menos direta, à Sagrada Família e ao mistério de Nazaré. Entre eles podemos assinalar a Alocução de Nazaré (1964) de Paulo VI e a trilogia constituída por *Redemptor Hominis* (1979), *Redemptoris Mater* (1987) e *Redemptoris Custos* (1989) de João Paulo II.

#### **A vida consagrada**

O sentido da vida consagrada na Igreja foi expresso nos documentos conciliares: *Lumen Gentium* cap. V e VI e o decreto *Perfectae Caritatis* sobre a renovação e a possibilidade da introdução do sacerdócio nos Institutos laicais. Em *Evangelica Testificatio* e outros documentos se encontra o desenvolvimento dos temas conciliares sobre a vida consagrada. Os aspectos da vida comunitária foram expostos em *A Vida fraterna em comunidade*.

Na exortação apostólica *Vitae Consecrata* se encontra uma síntese teológica e espiritual elaborada a partir do Sínodo sobre a vida consagrada, com sua estrutura trinitária e seu ensinamento sobre a espiritualidade da vocação do Irmão (n. 60), a espiritualidade partilhada entre religiosos e leigos.

## **Os leigos**

Os documentos conciliares sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Actuositatem* tendo com telão de fundo a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, pôs o fundamento de uma nova compreensão da participação dos leigos na vida da Igreja e da relação desta com o mundo.

A vocação e missão dos leigos na Igreja foi sintetizada no documento *Christifideles Laici* que seguiu ao Sínodo de 1988.

## **A pastoral da educação cristã**

O decreto conciliar sobre a educação cristã *Gravissimum educationis momentum* foi seguido, no período pós-conciliar, por uma série de documentos sobre a importância da escola católica na missão da Igreja: *A escola católica* (1977), *A dimensão religiosa da educação* (1988), que indicam como construir a comunidade educativa e as funções de cada um de seus componentes, *O leigo católico, testemunha da fé na escola* (2002), e na perspectiva de uma missão partilhada: *Educar juntos na escola católica* (2007).

## **A catequese**

A renovação da eclesiologia e da pastoral da Igreja tem dado lugar também a uma renovação da catequese. O Catecismo da Igreja Católica, a exortação *Catechesi Tradendae* e o *Diretório Geral da Catequese* são textos de referência universal, mas em cada país houve um esforço também para construir itinerários catequéticos para todas as etapas, dando cada vez mais importância à responsabilidade da comunidade cristã e à família na catequese, e revalorizando a Palavra de Deus e a Liturgia como lugares catequéticos para todos. Hoje se valoriza também a catequese como forma de primeiro anúncio do Evangelho.

## **A liturgia**

A reforma da liturgia com as orientações sobre a centralidade da Eucaristia e da Palavra de Deus, a celebração do ofício divino, o sentido comunitário das celebrações, a colocação da festa da Sagrada Família no ano litúrgico são elementos, dentre outros, que enriquecem nossa espiritualidade.

## **A família**

Os ensinamentos da Igreja relativos ao matrimônio e à família têm recebido um novo impulso a partir da *Gaudium et Spes*. Algumas marcas desse ensinamento têm sido a encíclica *Humanae Vitae* (1968) e a exortação *Familiaris Consortio* (1981). Em conexão com os temas da família estão também os do cuidado da vida com sua problemática atual (*Evangelium Vitae*, 1995).

## **A missão “ad gentes”**

A atividade missionária continua sendo uma das preocupações centrais da Igreja no mundo de hoje. As orientações do decreto conciliar *Ad Gentes* foram continuadas na exortação *Evangelii Nuntiandi* (1975) e logo na encíclica *Redemptoris Missio* (1990) e outros documentos que ajudam a propor a fé cristã sem desatender o diálogo inter-religioso.

## **A opção pelos jovens e pelos pobres**

A atenção da Igreja aos necessitados e seus ensinamentos sobre a justiça social se expressaram em documentos como *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centessimus Annus* (1991). No centenário da *Rerum Novarum*, o *Compêndio da Doutrina social da Igreja* (2005) sintetiza esses ensinamentos.

### 2.5.6 O mundo e as diversas culturas

A espiritualidade se encarna em cada época e em cada cultura, assumindo os valores que lhe são mais afins e rechaçando os contravalores, para expressar-se constantemente em novas formas. A espiritualidade é um lugar de diálogo intercultural.



O Instituto nasceu na França na primeira metade do século XIX e em suas origens assumiu as formas culturais próprias dessa época, sobretudo dos ambientes rurais.

Este período está caracterizado pela difusão das ideias da Revolução Francesa, contrastadas pela chamada Restauração, que pretendia uma volta ao “Antigo Regime”, e pelo desenvolvimento da industrialização, com suas consequências sociais. Foram notáveis os progressos da agricultura e se incrementaram os intercâmbios comerciais, mas nas regiões rurais predominava o apego à tradição em todos os âmbitos da vida. A emigração e o expansionismo colonialista foram também importantes. As correntes de pensamento e de cultura estão dominadas pelo romantismo.

Durante o século XIX o Instituto se mantém no âmbito cultural francês, e majoritariamente nas regiões rurais. Mas começa a abrir-se ao mundo latinoamericano: a implantação no

Uruguai e logo na Argentina o abriram a uma nova língua e lhe deram acesso mais diretamente ao âmbito das cidades, tendo que adaptar a atividade educativa com outro tipo de instituições (colégios).

Na primeira metade do século XX se reforça a presença americana e se abre a outros âmbitos culturais europeus (Itália, Espanha). Na segunda metade do século XX e começos do XXI, a diversidade cultural do Instituto se incrementou notavelmente. A presença do Instituto na África o levou a um salto cultural importante. Houve abertura a novos âmbitos latino-americanos: Brasil, Equador, México e Colômbia. E na passagem de um milênio ao outro a abertura ao mundo asiático (Filipinas, Índia) abre perspectivas culturais muito amplas e diferenciadas.

Na hora da globalização é importante o equilíbrio entre a valorização das diferentes culturas e a abertura à universalidade.

A espiritualidade da Família SAFA se enriqueceu com os dons de cada uma das pessoas que nele viveu e com os valores (nunca exclusivos e às vezes obscurecidos por contravalores) das culturas onde se tem encarnado.

#### **Desde o princípio na Europa com:**

- O amor ao trabalho e o sentido de responsabilidade nas diversas atividades, chegando às vezes a certa rigidez;
- O apreço da formação e da boa organização em todos os campos;

- A generosidade na missão “*ad gentes*”;
- O esforço de integração na igreja local e na sociedade;
- A construção da democracia baseada na igualdade e dignidade da pessoa;

#### **Depois na América:**

- Uma maior valorização do relacional e do afetivo, sem excluir certa instabilidade e inconstância;
- A importância da acolhida das pessoas e do compartilhar em grupo;
- A proximidade às pessoas do povo, partilhando sua religiosidade, suas esperanças e sua luta pela justiça e liberdade, às vezes em contextos de profundas desigualdades e conflitos;
- A centralidade da mulher na construção da família e da “terra mãe” na relação com a natureza.

#### **Mais tarde na África:**

- O cultivo de uma multidão de relações entre as pessoas até chegar às vezes à dispersão;
- A centralidade da família e o cuidado da vida em todas as dimensões;
- A sabedoria para adaptar-se em condições de dificuldade;
- A religiosidade que impregna toda a existência;
- O sentido da celebração e da festa.

#### **E ultimamente na Ásia com:**

- A sua abertura à religiosidade e à contemplação que tenta superar as dualidades e dicotomias para interpretar a realidade como um todo;
  - O sentido de unidade do grupo e sua disciplina interna;
  - A aceitação da realidade e seus problemas.
- Tudo isso num contexto de graves desigualdades e injustiças.

A espiritualidade nazarena trata de aproximar-se de todos os valores autênticos provenientes das diversas culturas, com atenção e respeito, para valorizá-los. Ela mesma pode ser apresentada nas formas de expressão dessas culturas, contribuindo a um mútuo enriquecimento e a dinamizar a unidade do Instituto num mundo cada vez mais globalizado, “para que todo o gênero humano venha à unidade da família de Deus” (*Lumen Gentium*, 28).

#### **Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo:**

- Quais são as pessoas e situações vividas que mais nos tem aproximado da espiritualidade da Família SAFA?
- Quais são as passagens da Bíblia que mais alimentam nossa vida espiritual?
- Que momentos da vida de Jesus, da experiência do Ir. Gabriel, nos inspiram mais para construir nossa comunidade/família?
- Quais são os escritos que melhor apresentam a espiritualidade da Família SAFA?
- Que valor têm as expressões simbólicas (não textuais) da espiritualidade?
- Como interpretamos a diversidade de expressões e de formas da espiritualidade SAFA?
- Buscar algumas expressões para indicar a relação que deve existir entre as fontes de toda vida cristã e as fontes próprias da espiritualidade da Família SAFA.
- Quais são os valores de uma permanente “volta às fontes”?



### 3. OS CONTEÚDOS

#### 3.1 A imagem de Deus

##### Referências:

Ir. Teodoro Berzal: A imagem de Deus no Instituto dos Irmãos da Sagrada Família;  
Ir. Teodoro Berzal: Circular sobre o espírito de corpo e de família (2000)

##### 3.1.1 Deus “família”, “comunidade de amor”

O ponto focal da espiritualidade SAFA, que é a família de Jesus, Maria e José em Nazaré, educa o olhar para descobrir no Deus único a família construída pelas três divinas pessoas, introduzindo-nos assim no mistério central da fé e da vida cristã.

Jesus no Evangelho nos revela o verdadeiro rosto de Deus e para isso emprega constantemente termos que se referem à família. Emprega o termo “Abba” - Pai, para referir-se a Ele no âmbito da familiaridade mais íntima com a que uma criança pode dirigir-se a seu pai. Correlativamente o mesmo pode dizer-se do termo “Filho”, que Jesus emprega para designar-se a si mesmo. Finalmente, o Espírito Santo é apresentado sempre no Evangelho em íntima relação com o Pai e o Filho.

Jesus nos convida a entrar no mistério da comunhão divina na qual cada uma das pessoas está em relação vital com as outras, acompanha as outras, vive para as outras, atua com as outras, está nas outras... “O Pai está comigo” (Jo 16,32). “Eu vivo graças ao Pai” (Jo 6,57). “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti” (Jo 17,21). Essas expressões de Jesus têm especialmente um significado existencial, mas refletem também a profundidade das relações na vida trinitária.

Sobre essas bases do Evangelho, e partindo já do Gênesis, que apresenta o homem como imagem de Deus quanto ser em relação, os Padres da Igreja e os escritores cristãos não duvidaram em acudir à imagem simbólica da família para falar do mistério da Trindade. Como a família, Deus é uma comunidade de pessoas unidas pelo amor no círculo da vida.

A imagem simbólica da família, para falar de Deus tem a vantagem de colocar-nos ante uma realidade concreta e ante uma experiência humana amplamente partilhada, mas também de tratar-se de um conjunto de relações intersubjetivas em nível mais profundo, como são a paternidade, a maternidade, a filiação, a esponsalidade, a fraternidade... Desde o ponto de vista da fé cristã existe não somente uma semelhança simbólica entre a família e a Trindade divina, mas uma real participação em sua vida já que esse tem sido o plano de Deus desde a criação e a redenção, até a plenitude do Reino (cf. Familiaris Consortio n. 11 e 15).

##### 3.1.2 A Santíssima Trindade, a Sagrada Família e a comunidade

O Ir. Gabriel expressou com linguagem simples e concreta a vinculação entre a Trindade divina e a Sagrada Família, como ponto essencial da espiritualidade de seu Instituto, nestes termos: “A Sociedade dos Irmãos da Sagrada Família foi fundada para honrar a Santíssima Trindade. Para os associados sua festa será a segunda em importância e rezarão cada dia com respeito três vezes o Glória ao Pai: pela manhã, ao meio-dia e pela tarde... A Sociedade da Sagrada Família tem sido também fundada para honrar as virtudes da Jesus, Maria e José, e para atrair-se sua proteção durante a vida e na hora da morte. Essa Sociedade levará unicamente o nome de Congregação dos Irmãos da Sagrada Família e em nenhum caso poderá unir-se nem ser associada a qualquer outra congregação ou ordem. Os associados celebrarão anualmente a festa da Sagrada Família a quinta-feira antes da oitava da Natividade da Virgem. Será a primeira e principal festa na casa mais importante da Sociedade e nas outras casa autorizadas a ter capela...” (Constituições de 1836 art. 1 e 2). As Constituições atuais (n. 9) dizem: “A vida comunitária funde suas raízes na Trindade, que

introduz os Irmãos em seu mistério de amor, pela ação do Pai, que os chama, do Filho, que os congrega em sua pessoa, do Espírito Santo, que os une entre si”.



A semelhança mesmo e, portanto, a força do sinal entre a Santíssima Trindade e a Sagrada Família, reside principalmente na analogia entre as relações. Existe também correspondência entre as pessoas. A identidade pessoal de Jesus homem perfeito e Filho de Deus nos dois mistérios, o da Trindade e o da Sagrada Família, constitui o ponto de junção, fazendo que as duas famílias possam se chamadas, a título diferente, “família de Deus”.

Maria, por sua maternidade divina, está vinculada de maneira única às três pessoas da Trindade. Ela acolheu em seu seio e deu à luz o Filho do Pai por obra do Espírito Santo. O Evangelho mostra também a total disponibilidade de José para assumir a missão de pai de Jesus, enquanto esposo de Maria.

Não menos sugestiva é a intenção que se descobre conjuntamente em Maria e José no rosto de Deus que é ao mesmo tempo Pai e Mãe. O amor íntimo que o Filho recebe do Pai no seio da Trindade

toma forma humana na ternura paterna e materna de José e Maria para Jesus. Assim o entendeu Jesus quando depois de haver desvelado por um momento no templo de Jerusalém, sua vinculação única com o Pai, se submeteu a Maria e José. “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu tinha que estar na casa de meu Pai? Eles não compreenderam o que queria dizer. Jesus desceu com eles a Nazaré e seguiu sob sua autoridade” (Lc 2, 49-51).

Os Irmãos consideram a “Sagrada Família como a realização mais perfeita na terra da comunidade de amor que é a Santíssima Trindade”. As Constituições (art. 6) propõem como ponto de comparação a “comunidade de amor” para falar da relação entre a Sagrada Família e a Trindade divina. É este o lugar de encontro que permite, na reflexão sobre a fé, passar da realidade terrena, e necessariamente limitada da família de Nazaré, à realidade divina e infinita da Trindade.

É o que o Ir. Gabriel havia expressado empregando o termo não tradicional de “Trindade da terra” para falar da Sagrada Família: “Única família em relação direta com o céu, essa Trindade da terra, como a chamam São Boaventura e São João Damasceno, se apresenta como objeto de nosso amor por muitas razões: Jesus é o novo Adão, Maria, a nova Eva, e José, o guardião dessas duas pérolas preciosas; os três são nosso Tesouro” (Circular n. 2, 1847).

### 3.2 O mistério de Nazaré: Jesus, Maria e José como família

O Ir. Gabriel se expressava assim: “Se é certo, queridos Irmãos, que “ali onde tendes vosso tesouro, tereis o coração” (Mt 6,21), o coração de um cristão e especialmente o de um religioso da Sagrada Família deveria estar frequentemente, ou melhor dito, sempre, sob o humilde teto de Nazaré, no meio dessa augusta Família que reúne em si todas as virtudes

divinas e humanas” (Circular n. 2, 1847). Seguindo seus passos, a tradição do Instituto sublinhou no mistério de Nazaré sua dimensão familiar: “Mas é, especialmente, enquanto família que Jesus, Maria e José são os Padroeiros do Instituto” (Constituições de 1882 art. 125).

Uma afirmação sintética de João Paulo II nos ajuda a situar a Sagrada Família entre os mistérios cristãos: “A Família de Nazaré, diretamente inserida no mistério da Encarnação, constitui ela própria um mistério particular.” (*Redemptoris Custos* n. 21). Com efeito, nenhum aspecto do mistério cristão pode entender-se em profundidade se não é em relação com os demais. É, pois, muito importante situar a Sagrada Família em relação com os outros momentos da história da salvação. A centralidade que a Família de Nazaré ocupa em nossa espiritualidade ficará, assim, de uma parte realçada pela luz que provém dos demais e de outra parte relativizada, no sentido em que aparecerá mais clara a conexão que há com o núcleo central da fé cristã.

### 3.2.1 Uma família

A família de Jesus responde às características de uma família normal da Palestina de sua época no âmbito rural: vivia a fé de Israel e partilhava as esperanças e lutas de seu povo. Leva consigo a esperança de salvação dos pobres de Javé (“anawin”) (Catecismo da Igreja Católica, 64).

O elemento essencial de sua identidade cultural e religiosa era a prática convicta da lei contida nos livros sagrados: observância do sábado e das festas (para um judeu, seu creio é seu calendário, como se disse), peregrinação anual a Jerusalém, para os filhos homens, apresentação, circuncisão e imposição de um nome tradicional, educação na sinagoga até a idade da puberdade. A inserção no mundo do trabalho se fazia mediante um ofício, muitas vezes transmitido de pais para filhos: José e Jesus eram carpinteiros. Cumpriam um papel importante nas relações familiares em círculos que se estendiam mesmo além do povo de Nazaré. Os Evangelhos nos transmitiram as genealogias e se mencionam os “irmãos e irmãs de Jesus”. A tradição transmitiu também o nome dos pais de Maria: Ana e Joaquim.

Como muitas famílias, também a de Jesus passou por tempos difíceis, já no momento de sua constituição, primeiramente como família emigrada ao Egito e seguramente nas circunstâncias da vida cotidiana, onde os tempos de calma se alternam com os de dificuldade.

### 3.2.2 Entre a Criação e a Redenção

Segundo a revelação, o centro e o cume da criação é o homem, criado à imagem e semelhança de Deus e para quem se ordenam as demais criaturas. Mas Deus não criou o homem para a solidão: os fez homem e mulher. Assim, pois, o homem é um ser social e a relação homem-mulher é a primeira expressão da comunhão entre os seres humanos (cf. *Gaudium et Spes* 12;24). Apesar da ferida causada pelo pecado, o dom recíproco do homem e a mulher no matrimônio é um sinal do amor de Deus. Como o diz o prefácio da missa pelos esposos: “Na união entre o homem e a mulher, imprimiste a imagem de teu amor”.

Por isso ao chegar o momento da plena revelação do amor de Deus em Cristo Jesus, este se encarna e começa sua obra redentora na família constituída pelo matrimônio de Maria e José. Paulo VI expressou assim essa relação entre criação e redenção: “Eis que no umbral do Novo Testamento, como no princípio do Antigo, surge um casal. Enquanto a de Adão e Eva foi a origem do mal que se derramou no mundo, a de José e Maria é o cume desde a qual a santidade se espalha por toda a terra. O Salvador começou a obra da salvação por essa união virginal e santa na qual se manifesta sua vontade onipotente de purificar e santificar a família, santuário do amor e berço da vida”.

Nascido e crescido na família humana, Jesus constitui com aqueles que creem nele e o seguem uma nova família (Lc 8,21) que vai muito além das relações baseadas na carne e

no sangue (Jo 1,13) e que encontra um novo começo ao pé da cruz na relação materno filial entre Maria e João (Jo 19,25-27).

### 3.2.3 No âmbito da nova aliança

Os ensinamentos de Jesus sobre o matrimônio não somente se referem ao projeto original de Deus: “O que Deus uniu, o homem não separe” (Mc 10,2-12). Continuando uma tradição já iniciada pelos profetas do Antigo Testamento que apresenta o matrimônio como símbolo do amor de Deus por seu povo, Jesus numa perspectiva escatológica apresenta a plenitude do reino como a celebração de uma boda (Mt 22,2-14; 25,1-12). Expressa desta maneira a união definitiva de Deus com o homem, realizada em sua pessoa. Em Cristo Deus deu o sim definitivo à humanidade e desta recebeu uma resposta de total fidelidade.

São Paulo relaciona o matrimônio com a união esponsal entre Cristo e a Igreja: “Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela...” (Ef 5,25). O matrimônio passa assim, à luz da Páscoa, a ser um dos sinais-sacramentos da nova aliança: “O matrimônio cristão é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja” (*Gaudium et Spes*, 48).

A partir dessa perspectiva, podemos dizer que a família fundada pelo matrimônio de Maria e José é imagem ou protótipo de Igreja enquanto antecipa o que a realidade significa. Plenamente envolvido no mistério da encarnação, o matrimônio de Maria e José (um matrimônio verdadeiro, querido por Deus e destinado a colher seu Filho), contém já a revelação e participação no “grande mistério” de que fala São Paulo (a união de Cristo com sua Igreja), já anunciado desde o Gênesis (Gen 2,24).

### 3.2.4 O “evangelho da família”

João Paulo II empregou essa expressão em sua Carta às Famílias (1994), junto a outras similares: evangelho do trabalho, evangelho da mulher... Com elas se pretende sublinhar: de uma parte, o que na revelação podemos encontrar sobre um tema determinado; e por outra, propor ao mundo de hoje a verdade cristã atendendo à problemática pastoral e ao crescimento espiritual.

A Sagrada Família, enquanto é o primeiro lugar do Evangelho vivido e já realizado, faz emergir e propõe às famílias, às comunidades, às pessoas e aos grupos... valores que vão além de qualquer determinação cultural ou social.

Apesar da fragilidade e das crises pelas quais atravessa o mundo contemporâneo, a família está chamada, do ponto de vista cristão, a formar uma comunidade de pessoas, a colocar-se a serviço da vida, a participar no desenvolvimento da sociedade e na vida e missão da Igreja... (cf. *Familiaris Consortio*). Nesse contexto a Sagrada Família é indicada como “o começo de muitas outras famílias santas” (Carta às Famílias, 23). Ela que é a forma original e mais simples da Igreja, acompanha a família, igreja doméstica, na resposta de cada um de seus membros ao chamado de Deus, na acolhida da Palavra para vivê-la e entregá-la ao mundo, no trabalho e sofrimento de cada dia, no compartilhar alegrias e preocupações. Sua presença próxima e acessível se propõe sempre como referência de vida e ajuda para fazer crescer o Reino de Deus nas pessoas e no próprio ambiente: casa, trabalho, instituições sociais, culturais, etc.

Mas há várias maneiras de “ser família”. Jesus, no Evangelho, menciona as relações de família (pai, mãe, irmãos, irmãs) estabelecidas por aqueles que acolhem sua palavra (cf. Mc 10,29-30). Ao longo da história da Igreja, as comunidades religiosas encontraram referência na Sagrada Família, junto com a primitiva comunidade de Jerusalém e o grupo dos seguidores de Jesus (cf. *A vida fraterna em comunidade*, n. 18). A “resposta de amor que

Jesus, unido a Maria e José, deu ao Pai no lar de Nazaré” (Constituições, 23); a entrega virginal de Maria e José “ao serviço do Amor para salvar o mundo” (Constituições, 29); a vida de trabalho, comunhão de bens, pobreza e simplicidade (Constituições, 39); a fé e obediência de Jesus, Maria e José para “realizar o plano de Deus sobre cada um deles vivendo em Nazaré, unidos como família” (Constituições, 58), são alguns dos principais motivos inspiradores de uma vida consagrada e posta a serviço dos homens.

Na realidade, qualquer família, grupo ou comunidade que deseje colocar em primeiro plano a comunhão de vida baseada em relações pessoais simples e próximas, uma vida de trabalho e humildade no cotidiano, que esteja aberta à Palavra de Deus e comprometida na construção de um mundo mais justo e mais fraterno, pode encontrar um forte motivo inspirador e um apoio sólido na Família de Nazaré.

A partir dessas realizações concretas, mas ao mesmo tempo proféticas, se pode ampliar o olhar para horizontes mais vastos. Quem tenta viver no âmbito de Nazaré, sabe que as maiores realizações começam no pequeno. A essa perspectiva mais ampla nos convida João Paulo II quando afirma em sua Carta às Famílias (n. 13) que “a família é o centro e o coração da civilização do amor” ou quando num discurso à ONU (1995) desenvolveu a ideia de promover uma “família de nações”, dizendo: “O conceito de “família” evoca algo que vai muito além das relações funcionais ou da mera convergência de interesses. A família é, por sua natureza, uma comunidade fundada na confiança recíproca, no apoio mútuo e no respeito sincero. Numa autêntica família não existe o domínio dos fortes; ao contrário, os membros mais fracos são precisamente, por sua debilidade, duplamente acolhidos e ajudados”.

### 3.3 Um modo de entender a Igreja: a “família de Deus”

A imagem de Deus-Trindade como família, corresponde a da Igreja como família dos filhos de Deus, É o Deus-família quem, no dinamismo de seu amor, enviando o Filho e o Espírito Santo, forma a Igreja-família.

Sendo a Trindade comunhão total das pessoas em perfeita unidade, quando atua, suscita sempre necessariamente a comunhão e a unidade. Essa comunhão de pessoas, essa “multidão reunida pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” é a Igreja (*Lumen Gentium*, 4). A Igreja provém, pois, da Trindade. Responde ao desígnio do Pai que “determinou congregar os crentes em Cristo na Santa Igreja” (*Lumen Gentium*, 2); se funda em Jesus Cristo quem, mediante sua paixão, morte e ressurreição, faz dos fiéis um só Corpo; e é obra do Espírito Santo, quem, por meio dos sacramentos e os dons, a vivifica e renova constantemente.

Tendo sua origem na Trindade e sendo o fruto da missão das pessoas divinas, a Igreja só pode realizar-se no tempo na imagem da comunhão divina. A diversidade de ministérios, de carismas, de atividades procedentes do mesmo Espírito devem conjugar-se na unidade do amor e de sua missão evangelizadora. A mesma diversidade, que provém das realizações e encarnações locais, encontra sua plenitude na unidade e catolicidade da Igreja.

O Concílio Vaticano II, entre as várias figuras da Igreja, recolheu também a de “família”, para falar da “íntima natureza da Igreja”: “Muitas vezes também a Igreja se chama “edificação” de Deus (1Cor. 3,9). O mesmo Senhor se comparou à pedra desprezada pelos construtores, mas que foi posta como pedra angular (Mt 21,42; cf. Atos 4,11; 1Pe. 2,7; Sal 177,22). Sobre aquele fundamento levantam os apóstolos a Igreja (cf. 1Cor 3,11) e dele recebem firmeza e coesão. A essa edificação se lhe dão diversos nomes: casa de Deus (1Tm 3,15), na qual habita sua “família”, habitação de Deus no Espírito (Ef 2,19-22), tenda de Deus com os homens (Ap 21,3) e, sobretudo, “templo” santo, que os Santos Padres celebram representado nos santuários de pedra, e na liturgia se compara justamente a uma cidade santa, a nova Jerusalém. Porque nela somos ordenados na terra como pedras vivas (1Pe 2,5). São

João, na renovação do mundo contempla essa cidade descendo do céu, do lado de Deus, adornada como uma esposa que se enfeita para seu esposo (Ap 21, 1ss)” (LG 6).

Falando do ministério dos Pastores da Igreja, o Concílio se expressa também em termos de família: “Apresentam a Deus Pai as necessidades e súplicas dos fiéis (cf. Hb 5,1-4). Eles, exercendo, na medida de sua autoridade, o ofício de Cristo, Pastor e Cabeça, reúnem a família de Deus como uma fraternidade, animada e dirigida para a unidade e por Cristo ao Espírito, a conduzem para Deus Pai” (LG 28). E o mesmo faz falando do valor da unidade na diversidade: “A Igreja santa, por vontade divina, está ordenada e se rege com admirável variedade. Pois, do mesmo modo que num só corpo, temos muitos membros e todos os membros não tem a mesma função, assim nós, sendo muitos, somos um corpo em Cristo, mas cada membro está a serviço dos outros membros” (Rom 12,4-5). O povo eleito de Deus é um: “Um Senhor, uma fé, um batismo” (Ef 4,5); comum à dignidade dos membros por sua regeneração em Cristo, graça comum de filhos, comum vocação à perfeição, uma salvação, uma esperança e uma indivisa caridade. Ante Cristo e ante a Igreja não existe desigualdade alguma em razão de estirpe ou nascimento, condição social ou sexo, porque “não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há homem nem mulher. Pois todos vós sois “um” em Cristo Jesus” (Gal e,28; cf. Col 3,11)... Sim, pois, os leigos, por designação divina, têm Jesus Cristo por irmão, que sendo Senhor de todas as coisas veio, sem dúvida, servir e não ser servido (cf. Mt 20,28), assim também têm por irmãos aqueles, constituídos no sagrado ministério, ensinando, santificando e governando com a autoridade de Cristo, apascentam a família de Deus de tal modo que se cumpra por todos o mandato novo da caridade” (LG 32).

A assembleia do Sínodo dos bispos para África (1994) assumiu como ideia guia para a evangelização do continente precisamente o conceito de Igreja-família com toda sua carga de significado teológico, humano e pastoral: “O Sínodo não se limitou a falar da inculturação, mas aplicou-a concretamente também, assumindo como ideia-chave para a evangelização da África, a noção de Igreja como Família de Deus. Nela os Padres Sinodais reconheceram uma expressão da natureza da Igreja, particularmente apropriada para a África. Com efeito, a imagem acentua a atenção pelo outro, a solidariedade, as calorosas relações de acolhimento, de diálogo e de mútua confiança. A nova evangelização tenderá, portanto, a edificar a Igreja como família, excluindo todo o etnocentrismo e excessivo particularismo, procurando, pelo contrário, promover a reconciliação e uma verdadeira comunhão entre as diversas etnias, favorecendo a solidariedade e a partilha de recursos e pessoas entre as Igrejas particulares, sem indevidas considerações de ordem étnica. Deseja-se vivamente que os teólogos elaborem a teologia da Igreja-Família com toda a riqueza que nesse conceito se encerra, mostrando a sua complementaridade com outras imagens da Igreja. Isto supõe uma reflexão profunda sobre o patrimônio bíblico e tradicional que o Concílio Vaticano II recolheu na Constituição dogmática *Lumen Gentium*. Este admirável documento expõe a doutrina sobre a Igreja, recorrendo a imagens extraídas da Sagrada Escritura, tais como Corpo Místico, povo de Deus, templo do Espírito, rebanho e redil, casa onde Deus habita com os homens. Segundo o Concílio, a Igreja é esposa de Cristo e mãe nossa, cidade santa e primícia do Reino futuro. É necessário ter em conta estas sugestivas imagens ao desenvolver, por proposta do Sínodo, uma eclesiologia centrada no conceito de Igreja-Família de Deus. Poder-se-á então apreciar, em toda a sua riqueza e densidade, a afirmação que serve de ponto de partida à Constituição conciliar: “A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (Ecclesia in Africa, 63).

Empregando uma expressão das Constituições dos Irmãos, se pode dizer que na Família SAFA, “como no Corpo de Cristo há diversidade de membros, de dons e de funções, unidos pela caridade” (Constituições 121). É importante que cada um conheça sua própria

vocação e identidade na Igreja e, no respeito e colaboração com os demais, construa a unidade.

As características próprias de cada estado de vida têm sido assim expressadas:

“De fato, na unidade da vida cristã, as diversas vocações são comparáveis a raios da única luz de Cristo, « que resplandece no rosto da Igreja ».

Os *leigos*, em virtude da índole secular da sua vocação, refletem o mistério do Verbo encarnado sobretudo enquanto Ele é Alfa e Ômega do mundo, fundamento e medida do valor de todas as coisas criadas.

Os *ministros sagrados*, por sua vez, são imagens vivas de Cristo, Cabeça e Pastor, que guia o seu povo neste tempo do « já e ainda não », na expectativa da sua vinda gloriosa.

À *vida consagrada* está confiada a missão de indicar o Filho de Deus feito homem como *a meta escatológica para onde tudo tende*, o esplendor perante o qual qualquer outra luz empalidece, a beleza infinita, a única que pode saciar totalmente o coração do homem” (*Vita Consecrata* 16).

“Neste conjunto harmonioso de dons, está confiada a cada um dos estados de vida fundamentais o encargo de exprimir, ao próprio nível, ora uma ora outra das dimensões do único mistério de Cristo. Se, para fazer ressoar o anúncio evangélico no âmbito das realidades temporais, tem uma missão particular a vida laical, no âmbito da comunhão eclesial um ministério insubstituível é desempenhado por aqueles que estão constituídos na Ordem sagrada, de modo especial pelos Bispos. Estes têm a tarefa de guiar o Povo de Deus, mediante o ensinamento da Palavra, a administração dos Sacramentos e o exercício do poder sagrado ao serviço da comunhão eclesial, que é comunhão orgânica e hierarquicamente ordenada. Na manifestação da santidade da Igreja, há que reconhecer uma objetiva primazia à vida consagrada, que reflete o próprio modo de viver de Cristo. Por isso mesmo, nela se encontra uma manifestação particularmente rica dos valores evangélicos e uma atuação mais completa do objetivo da Igreja que é a santificação da humanidade. A vida consagrada anuncia e de certo modo antecipa o tempo futuro, quando, alcançada a plenitude daquele Reino dos céus que agora está presente apenas em germen e no mistério, os filhos da ressurreição não tomarão esposa nem marido, mas serão como anjos de Deus (cf. Mt 22,30). De fato, a primazia da castidade perfeita pelo Reino, justamente considerada a « porta » de toda a vida consagrada, é objeto do ensinamento constante da Igreja. De resto, esta tributa grande estima também à vocação para o matrimônio, que torna os esposos « testemunhas e cooperadores da fecundidade da Igreja, nossa mãe, em sinal e participação daquele amor, com que Cristo amou a sua Esposa e por ela Se entregou ». Neste horizonte comum a toda a vida consagrada, articulam-se caminhos distintos entre si, mas complementares.” (*Vita Consecrata* 32).

### 3.4 Um olhar sobre o mundo

A espiritualidade da Família SAFA leva a ver o mundo como a casa onde habita a grande família dos filhos de Deus e onde começa a construir-se seu Reino; leva também a valorizar a diversidade de culturas à luz do Evangelho.

Nascido da ação criadora e fundante de Deus, que comunica o ser a tudo o que existe, o mundo é fruto de seu amor e com ele permanece em comunicação até levá-lo à sua plenitude. A fé cristã confessa que o mundo é dom do Pai, feito por meio de seu Filho “por quem tudo tem sido criado” e em seu Espírito, que tudo vivifica. As criaturas levam assim, desde sua origem, a marca da Trindade divina, presente, sobretudo no homem, que tem sido criado “à imagem e semelhança de Deus” e a cujo cuidado e responsabilidade foi confiada o mundo.

A comunidade dos crentes “existe já atualmente na terra, composta de homens que são membros da cidade terrena e chamados a formar já na história humana a família dos filhos de Deus, a qual deve crescer continuamente até à vinda do Senhor... Esta compenetração da cidade terrena com a celeste só pela fé se pode perceber; mais, ela permanece o mistério da história humana, sempre perturbada pelo pecado, enquanto não chega a plena manifestação da glória dos filhos de Deus. Procurando o seu fim salvífico, a Igreja não se limita a comunicar ao homem a vida divina; espalha sobre todo o mundo os reflexos da sua luz, sobretudo enquanto cura e eleva a dignidade da pessoa humana, consolida a coesão da sociedade e dá um sentido mais profundo à quotidiana atividade dos homens. A Igreja pensa, assim, que por meio de cada um dos seus membros e por toda a sua comunidade, muito pode ajudar para tornar mais humana a família dos homens e a sua história” (*Gaudim et Spes* 40).

### 3.5 A existência cristã inspirada em Nazaré

#### Referências:

- Ir. Estevão Baffert: *Circulaires et Conférences*, “Condições de progresso” Circular de 12/01/1933;
- Ir. Estevão Baffert: *O quadro da Sagrada Família. L'Entretien Familial* n. 22 (1935) (pp 95-99);
- Ir. Lino Da Campo: *Circular sobre alguns aspectos de nossa espiritualidade nazarena* (1993);
- Ir. Enzo Biemmi: *A Nazareth on priaît, on travaillait et l'on s'aimait.* (*L'Entretien Familial* n 171 pp. 416-426).

A Igreja nos apresentou a vida de Jesus em Nazaré como escola de vida cristã: “Nazaré é a escola onde começa a entender-se a vida de Jesus, é a escola onde se inicia o conhecimento do Evangelho. Aqui aprendemos a observar, a escutar, a meditar, a penetrar no sentido profundo e misterioso desta simples, humilde e encantadora manifestação do filho de Deus entre os homens. Aqui se aprende inclusive, talvez de uma maneira quase insensível, a imitar essa vida” (Paulo VI, *Alocução em Nazaré* (05/01/1964).

A síntese vital, que reflete o tema do Instituto, “Em Nazaré se orava, se trabalhava e se amava” foi cunhada pelo *Irmão Amadeu Depernex* a partir de uma experiência espiritual narrada em *L'Entretien Familial* n. 12 (1930). Ali se encontra também a explicação dessa expressão. Na Regra de 1882 ficou assim formulada: “Mas é formando uma família que Jesus, Maria e José são os Padroeiros do Instituto; e, em Nazaré, se orava, se trabalhava e se amava reciprocamente; assim pois, os Irmãos da Sagrada Família deve unir a oração ao trabalho, e reproduzir, na Congregação e em cada uma de suas pequenas comunidades, mediante a união de corações e as atenções mútuas, a união, o respeito e o amor recíproco que causavam a admiração dos anjos na casa de Nazaré” (art. 125).

Posteriormente a expressão do lema foi comentada pelo *Ir. Estevão Baffert* para explicar o quadro oficial do Instituto, que reflete pictoricamente o lema. Depois foram feitos outros comentários que tendem a sintetizar as principais dimensões da existência cristã marcadas pelo mistério de Nazaré. Desde o princípio foi insistido na relação e união entre as três partes do lema: “são três palavras que há que entender como se fosse uma só... Há que entender que se orava no trabalho e no amor; que se trabalhava no amor e na oração e que se amava na oração e no trabalho” (*L'Entretien Familial* n. 12 (1930) p. 70). O quadro oficial representa a “Sagrada Família trabalhando numa atmosfera de oração e de amor”

(*L'Entretien Familial* n. 21 (1935) p. 96). A interpretação heráldica do tema do Instituto vai



na mesma linha: “Oração radiante de paz, no trabalho e a caridade”.

O quadro oficial do Instituto se encontra em Villa Brea (Chieri - Itália)

### 3.5.1 **Em Nazaré se orava** dimensão de transcendência – fé ser filhos/filhas

#### **“Olhemos o quadro.**

As três pessoas estão unidas pelo simples ato da obediência de Jesus, a quem José manda e a quem Maria admira. Mas Jesus, que é o laço de união no quadro, é também a figura que expressa mais diretamente a oração. Seu ouvido escuta o que são José, seu pai da terra, lhe manda, mas seu olhar se eleva claramente para seu Pai do

céu que é quem manda através de são José.

Maria não esquece um instante essa relação divina de seu Filho com o Pai celestial, e é precisamente a maravilha interior que experimenta ao ver esse Deus tão grande obedecer com tanta humildade à aquele que tem seu olhar fixo nos movimentos de seu Filho.

São José, mesmo que seja quem manda, não perde de vista que seu filho, aprendiz de carpinteiro, leva em si mesmo a luz de Deus. Por isso, apesar de que manda a seu filho, tem um olhar submisso ante a sabedoria de seu Criador, na atitude de oração, de homenagem, de adoração”.

Esta primeira parte do lema do Instituto se refere diretamente à vida de oração, mas também à dimensão da vida de fé do cristão em sua condição de filho/filha de Deus, e inclusive de abertura à transcendência que toda pessoa tem.

O homem é um ser aberto aos outros e ao Outro. É capaz de conhecer-se, de possuir-se, de dar-se livremente e de entrar em comunhão com outras pessoas. É também “capaz de Deus”. O homem é um ser sempre em caminho, em projeto, movido pela força invisível de seus desejos, de suas aspirações, de seus ideais.

Quando Deus irrompeu de forma surpreendente na vida de Maria por meio do anjo e na de José durante o sonho, cada um deles tinha suas esperanças, suas aspirações, seus desejos, e inclusive tinha um projeto de vida em comum. A mensagem do anjo turva a jovem Maria, a leva a refletir e logo a dar um generoso sim que transforma todo seu universo interior. Desde então crê que nada é impossível a Deus, inclusive que ela, virgem, engendrar um filho que será chamado Filho de Deus. José também tinha seus planos. Quando se veem alterados pelo que se diz de Maria, se inquieta, não sabe que fazer. E nesse momento Deus intervém também em sua vida para abrir-lhe um novo horizonte. O filho que Maria espera é obra do Espírito Santo. José crê, obedece, recebe em sua casa Maria grávida de um filho a

quem ele dará o nome de Jesus. Põe assim em sintonia seu projeto com o de Deus, salvador do homem.

Em Nazaré, Maria e José vivem a fé e a esperança de seu povo Israel, mas esse acontecimento funda sua família sobre uma nova base. A presença de Jesus faz com que a Sagrada Família de Nazaré se encontre já introduzida na realidade da nova aliança. Essa experiência fundante oferece também as novas perspectivas de sua relação com Deus. Como para todo israelita, o essencial da oração da Família constituída por Jesus, Maria e José, devia expressar-se com os Salmos através dos diversos ritmos de celebração: cotidiano-doméstico, semanal na sinagoga e anual nas diversas festas e na peregrinação a Jerusalém. O coração da oração da Família de Nazaré era a confissão de sua fé: “Escuta Israel: o Senhor nosso Deus é único. Amarás ao Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma, com todas tuas forças” (Dt 6,4-5).

A espiritualidade da Família SAFA sublinha em Nazaré alguns traços que marcam a vida de oração:

– Em Nazaré podemos aprender a rezar o “Pai Nosso”. Essa oração nasceu na mente e no coração de Jesus de Nazaré. Quando o ensinou a seus discípulos não fará nada senão transmitir o que para Ele, e sem dúvida também para Maria e José, era o modo de dirigir-se a Deus como Pai. O “Pai Nosso” é a expressão mais simples e grandiosa de nossa fé.

– Em Nazaré a Sagrada Família viveu a oração e sua abertura a Deus na vida ordinária. É um convite a viver na presença de Deus em todas as partes e em todos os tempos. É necessária a fidelidade a um ritmo de oração pessoal e comunitária, mas há que tender à “oração do ser”, essa comunhão constante que é comunicação com o Pai. Em Nazaré se vivia permanentemente a presença de Jesus.

– Em Nazaré podemos introduzir-nos na familiaridade das relações com Deus. De Jesus e com Jesus se aprende a familiaridade com o Pai; de Maria e José a familiaridade nas relações com Jesus. Como dizia o Santo Cura de Ars: “A oração é uma amável amizade, uma familiaridade assombrosa... é uma conversação íntima de uma criança com o pai”.

– Em Nazaré podemos aprender o sentido da consagração (ação de Deus que consagra o homem que se entrega a Ele) na entrega de Maria e José ao cuidado de Jesus, como também consagração de Jesus ao Pai pelo Reino.

– A experiência de oração do Ir. Gabriel, marcada também pelo mistério de Nazaré, inspira nossa vida de oração. Profundamente laico, o Ir. Gabriel viveu uma “laicidade aberta”, ou seja, com a consciência profunda de uma dependência radical de Deus. Nele se expressava de maneira vigorosa a confiança na Providência divina.

– O Ir. Gabriel é um homem concreto e de ação, mas conserva sempre uma saudade de vida contemplativa. Suas expressões de oração são as próprias da vida religiosa de sua época, próxima das pessoas do povoado e com marcado gosto pela liturgia. Em seus escritos se encontram frequentes exortações à oração: método de meditação, avisos e fórmulas de oração e indicações para a participação na liturgia. Como diz o *Ir. Frederico Bouvet*: “Em suas meditações e orações invocava o nome das três divinas pessoas. Ao começar os exercícios de piedade dizia: “No nome e para glória do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém”. Com frequência, durante o dia, repetia estas palavras. Quando alguém ama de verdade, rejubila repetindo frequentemente as mesmas invocações” (Vida p. 469).

– O convite do Ir. Gabriel de se colocar sob o humilde teto de Nazaré frequentemente comporta uma introdução na oração contemplativa. Mais que aprofundar intelectual e afetivamente o mistério de Nazaré, trata-se de permanecer em sua presença deixando-se transformar por ele na profundidade do ser.

O caminho espiritual da vida de oração, assumido desde o mistério de Nazaré, passa por algumas etapas características:

- Tudo começa com a iniciativa de Deus que se faz presente no meio de nossa vida e nos chama ao encontro com Ele.
- Sua presença traz a paz, a alegria, e a segurança (Lc 1,18; Mt 1,20) e uma nova promessa de vida (Lc 1, 32; Mt 1,21).
- Mas descobre também nossos limites, nossa pequenez (Lc 1) e nosso pecado.
- Entre o desejo de plenitude de vida e as zonas de sombras de nosso ser, se forja o momento da livre decisão (Lc 1, 38), o salto da fé, que põe em jogo toda a existência.
- Avançar no caminho da oração com a família de Nazaré é empreender “a peregrinação da fé” (*Lumen Gentium*, 58), que às vezes é longa e monótona, passa pela cruz e leva a:
  - integrar e superar a sensibilidade e a racionalidade despojando-nos de tudo o que estorva a relação com Deus;
  - caminhar na escuridão, com a certeza de que, depois do exílio e do deserto, está a casa onde o Pai nos espera;
  - e tudo isso nas circunstâncias normais da vida, envoltos nas relações de cada dia e nas ocupações do trabalho e da missão.

### 3.5.2 *Em Nazaré se trabalhava*

- dimensão de encarnação – esperança
- ser homens/mulheres

#### **Olhemos o quadro.**

“Em primeiro plano temos a Sagrada Família no trabalho. São José está no banco de carpinteiro. Maria, sentada de frente para ele, tem seu trabalho sobre o colo. Está cosendo. A mão que tem a agulha se detém um momento.

A Mãe contempla a obediência de seu filho Jesus que, chamado por José, acaba de pegar um martelo e um pedaço de madeira, e agora escuta as ordens que lhe dá seu pai”.

Esta segunda parte de nosso lema recolhe toda a dimensão da relação da pessoa com o trabalho em todos seus âmbitos: trabalho para ganhar-se a vida e para transformar o mundo, trabalho para realizar a própria missão eclesial e social, trabalho para assumir a vida de maneira humana e responsável e esforçar-se para crescer e amadurecer a si mesmo; relação harmoniosa com a natureza; aceitação dos próprios limites na atividade, inclusive os que impedem toda atividade; esperança de que o Reino de Deus está chegando, apesar do mal, das deficiências e contradições que constatamos no mundo.

O trabalho é um modo de expressão da pessoa em sua totalidade e em sua dignidade. O trabalho profissional e as demais atividades nos colocam numa rede de relações pessoais, comunitárias, de atividade profissional e pastoral, de família, de amizade... O trabalho comporta uma regularidade nas ocupações, uma fidelidade que às vezes se transforma em monotonia e que põe à prova as motivações e finalidades de nossa ação, mas também oferece a possibilidade de amadurecer na seriedade de nosso compromisso com os demais, conosco mesmos e com Deus.

Há um aspecto de esforço e de trabalho que se orienta para nós. Somos nossa própria terra de cultivo. O crescimento humano não se realiza sem certo esforço metódico e ascético.

Segundo o livro do Gênesis, o homem foi criado por Deus na relação com a natureza. A Bíblia apresenta a criação com a estrutura litúrgica de seis dias de trabalho e um de descanso. Este “ritmo” adotado por Deus, vale também para o homem, que foi criado à sua

imagem. Em Nazaré, com o novo Adão, o ganhar-se o pão será novamente a participação na ação criadora e providencial de Deus, um sinal de aliança, como também sinal da semelhança criadora.

A encarnação é a expressão máxima do acercamento de Deus ao homem. Este acercamento é uma constante da História da Salvação que culmina na presença permanente de Cristo entre seus discípulos (“Eu estou convosco todos os dias até o fim do mundo” Mt 28,20) e na inabitação trinitária (“O que me ama guardará minha palavra e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos morada nele” Jo 14,23). Em Nazaré, Jesus nos diz até que ponto se fez “solidário com todo homem”, também como trabalhador. José e Jesus pertencem à categoria dos trabalhadores; Jesus conhecido como o “filho do carpinteiro”. Em Maria podemos ver a mulher prudente e forte descrita pelo livro dos Provérbios (31,10-31). Nazaré nos mostra como a encarnação consiste em assumir progressivamente todo o humano: a humanização do Filho de Deus, seu fazer-se progressivamente homem.

A espiritualidade da Família SAFA sublinha, à luz do mistério de Nazaré, algumas notas características para vivê-la no trabalho profissional, apostólico e de serviço nas condições do próprio estado de vida. Em Nazaré o “filho do carpinteiro” aprendeu também o ofício de fazer-se homem como os demais homens, enquanto se preparava para o anúncio do Evangelho.

– A trajetória da família constituída por Maria e José ao redor de Jesus inspiram um estilo de colaboração na missão marcado pela acolhida da Palavra de Deus que se faz carne e a aceitação do desígnio de salvação, o atento acompanhamento no crescimento de cada pessoa, como o fizeram Maria e José com Jesus, a corresponsabilidade nas tarefas designadas, especialmente nos momentos de dificuldade, e a participação na missão comunitária com os dons e as qualidades próprias de cada um.

– A longa permanência da Sagrada Família em Nazaré implica assumir tudo quanto a vida tem de ritmo ordinário e seus tempos, em seus lugares, em suas atividades, no encontro com as próprias pessoas... “O Verbo de Deus, por quem foram feitas todas as coisas, feito Ele mesmo carne e habitando na terra, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a em si mesmo. Ele é quem nos revela que Deus é amor (1Jo 4,8), ao mesmo tempo em que nos ensina que a lei fundamental da perfeição humana é o mandamento novo do amor. Assim, pois, aos que creem na caridade divina lhes dá a certeza de que abrir a todos os homens os caminhos do amor e esforçar-se por instaurar a fraternidade universal não são coisas inúteis. Ao mesmo tempo admite que essa caridade não deve ser buscada unicamente nos acontecimentos importantes mas, especialmente, na vida ordinária” (*Gaudium et Spes*, 38).

– Em Nazaré Jesus assume o humano para anunciar a boa nova do Reino aos homens, seus irmãos. Jesus assume para si mesmo títulos e comparações tomados do mundo do trabalho: pastor, vinhateiro, médico, sementeiro (cf. Jo 10,1ss; Mc 2,17; 4,3) etc e apresenta o apostolado como um trabalho, a colheita (Mt 9,37; Jo 4,38) ou a pesca (Mt 4,19); sabe qual é o ofício de quem escolhe (Mt 4,18) e todo seu comportamento pressupõe o mundo do trabalho, o camponês em seu campo (Lc 9,42), a mulher que varre a casa (Lc 15,8); considera anormal enterrar o talento e não fazê-lo frutificar (Mt 25,14). É uma aplicação concreta do grande princípio sublinhado também por *Gaudium et Spes*: o Filho de Deus “revelou o amor do Pai e a excelsa vocação do homem evocando as relações mais comuns da vida social e servindo-se da linguagem e das imagens da vida diária corrente” (*Lumen Gentium* 4).

A dimensão laical da vocação do Ir. Gabriel, em sintonia com o mistério de Nazaré, o colocam no meio da realidade do mundo. Funda uma Congregação de Irmãos que tenta dar, a partir do Evangelho, uma resposta à sociedade de seu tempo. Seu sentido do concreto

o leva a organizar sua Congregação, pedir seu reconhecimento pelas autoridades civis e religiosas, a cumprir as leis, a construir uma casa para todos, preocupando-se da economia e do bem-estar dos Irmãos e comunidades. Em suas exortações e em seus escritos dá grande importância à profissionalidade no trabalho (docente, de serviço à Igreja, manual) e ao dinamismo nas atividades de catequese e evangelização.

O Ir. Gabriel se entrega com todas as suas forças à realização da missão que Deus lhe confiou, mas desde o início de sua experiência reconhece que somente se é “a obra de Deus” seguirá adiante e ao final de seus dias diz: “Senhor todo-poderoso, Deus de Israel, escuta a oração que te dirijo pela querida Congregação que me confiaste e que eu ponho agora em tuas mãos. Faz que seja tua obra e não a minha: protege-a, cuida dela em todos os tempos e em todos os lugares” (Testamento espiritual).

A espiritualidade nazareno-taboriniana consiste em assumir a tarefa e a dificuldade de fazer-se homens no mundo, de humanizar-se e de humanizar nossos ambientes de vida, evitando todo espiritualismo e toda fuga das próprias responsabilidades. A vida concreta é o lugar de nosso culto: “Pela misericórdia de Deus, vos exorto, irmãos, a que ofereçais vossa própria existência, como sacrifício vivo, consagrado, agradável a Deus, como vosso culto autêntico” (Rom 12,1).

O caminho espiritual da vida de trabalho e de atividade apostólica convida a dar alguns passos na espiritualidade SAFA:

– A evangelização começa por um caminho de encarnação. A inculturação do Evangelho supõe em primeiro lugar um processo nunca acabado de desprendimento, de esvaziamento, de rebaixamento, de “kénosis”... (sem perder a própria identidade) para assumir uma nova situação, uma nova realidade, uma nova cultura. “Para uma autêntica inculturação é necessária uma atitude parecida com aquela do Senhor quando se encarnou e veio com amor e humildade a nós” (*Vita Consecrata*, 79).

– Como na vida de Jesus, será a fidelidade ao mistério de Nazaré que dará coerência e autenticidade a nossa missão. Temos que aprender que toda a vida dedicada à atividade, à missão evangelizadora, ao serviço dos demais, necessita uma constante dimensão nazarena de silêncio e recolhimento, de oração e de momentos gratuitos de vida comunitária.

– A ação apostólica leva a uma abertura à realidade mutável em que se vive, a ser sensíveis às novas situações da Igreja e da sociedade, a redefinir periodicamente os projetos de vida e de ação para continuar sendo fiéis ao Evangelho e a seus destinatários, sabendo discernir entre os aspectos secundários dos que se pode prescindir e dos elementos essenciais de identidade que não devem perder-se nunca; leva igualmente a uma abertura suficiente para, a partir da própria experiência e através dela, abrir-se às dos demais e da globalidade. O compromisso com a construção do Reino de Deus e a luta pela justiça leva a favorecer e potenciar o trabalho solidário em equipe e em redes eclesiais e sociais.

– O mistério da encarnação eleva nossas possibilidades humanas e as potencia desde o interior. Longe de menosprezá-las, o amor cristão as conduz para sua plenitude. Isso leva a buscar a evolução de pessoas e situações comunitárias e institucionais a partir do ponto de convergência, implicando-se pessoalmente e sem forçar os ritmos próprios da vida e da ação da graça.

– Quem se esforça por viver o mistério da encarnação dá a máxima importância ao trato e à comunicação com as pessoas, sabendo reconhecer em todos um filho de Deus e não separando o humano do espiritual e vice-versa; valoriza os momentos de presença e ação gratuita, aparentemente intranscendentes; usa uma linguagem simples e transparente, e emprega métodos pedagógicos ao alcance do grupo que anima; implica-se pessoalmente nos

processos ou mudanças que promove, evitando a crítica desde fora; cultiva as virtudes chamadas “relacionais”: o agradecimento, o perdão, o serviço, a amabilidade...

– A vida ordinária põe nossa existência cristã como a pedra de toque do concreto. A afirmação teórica dos valores e dos ideais de justiça, de paz, de solidariedade encontram sua verificação ao longo de nossos dias em gestos significativos de compreensão, de generosidade, de tolerância com quem vive sob o mesmo teto ou com aqueles com quem nos relacionamos diariamente. O mistério da encarnação nos devolve sempre a realidade da vida.

Uma existência cristã marcada pelo mistério de Nazaré em sua dimensão de trabalho e de atividade apostólica passa por um itinerário que compreende:

- A acolhida responsável da missão confiada por Deus.
- A livre fidelidade aos compromissos de cada dia, nos deveres de estado e profissionais.
- A esperança de que quanto semeamos diariamente com nosso testemunho de vida e com nossa palavra tem ressonâncias insuspeitas para nós e para os demais.
- A elaboração de projetos de responsabilização de instituições que duram no tempo: instituições educativas, inserção na vida paroquial, itinerários de catequese, iniciativas de formação.
- A aceitação do fracasso, da incompreensão e, chegado o momento, dos limites que impedem a atividade.
- A integração das três dimensões da ação: tudo é obra de Deus e obra do homem em relação com os demais.

### 3.5.3 *Em Nazaré se amava*

- dimensão de comunhão – caridade
- ser irmãos/irmãs

#### **Olhemos o quadro:**

“O amor de Maria e de José e sua união em Jesus foram expressados de uma maneira muito sugestiva pela proximidade e disposição das pessoas no quadro.

Fixemo-nos como Maria aproximou seu tamborete para próximo do banco de trabalho de seu esposo. Deixou unicamente um pequeno espaço que Jesus acaba de encher com sua pessoa divinamente atraente.

Jesus aparece como o laço de união entre os dois santos esposos, ao mesmo tempo que os une pelo olhar, do corpo e da alma, centrados nEle”.

A terceira parte do lema do Instituto se refere ao mundo de relações. Relações entre as pessoas nos âmbitos imediatos da vida (comunidade, família, grupos e associações) e relações nos âmbitos eclesiais e sociais, abertos a uma dimensão universal. Se as duas primeiras partes sublinharam, a terceira nos convida a maturar nessa abertura e responsabilidade por meio de vínculos sinceramente fraternos entre nós e com os homens e mulheres que encontramos em nosso caminho. No mundo que tende a compreender-se em sua globalidade pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, mas onde existem divisões de todo tipo e onde as relações interpessoais se fazem difíceis, viver como irmãos se converte numa experiência de salvação e no primeiro testemunho que estamos chamados a dar. Tanto a vida familiar como a vida comunitária encontram uma inspiração na vida de Jesus, Maria e José. Mas também podem inspirar-se nela as pessoas que, por um motivo ou outro, vivem situações de solidão, distanciamento, ruptura ou precariedade no âmbito familiar ou social.

O chamado de Deus a Maria e a José e sua resposta generosa a colaborar com seu desígnio de salvação, introduziu também em sua relação recíproca uma nova dimensão. Foram conscientes de que o destino de ambos estava unido a Aquele que havia de nascer.

A vida de Jesus, Maria José, como a de todos os membros do povo de Deus estava orientada e formada pelo grande mandamento do amor, repetido constantemente na oração: “Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças. Os mandamentos que hoje te dou serão gravados no teu coração” (Dt 6,4-6). Coração, mente, forças, indicam a totalidade da pessoa.

Esse modo de amar é o que nos dá a chave para entender o que é o amor. Jesus mesmo explicou seu sentido com toda a sua vida e com sua palavra: amar como o Pai ama (Jo 15,9). A relação de Jesus com o Pai nos descobre um amor recíproco, intercambiado constantemente, e sem limites. E no coração da nova aliança pede amar como Ele nos amou (Jo 13,34). Mas junto ao “preceito mais importante” há outro que “é equivalente”: “Amarás o próximo com a ti mesmo” (Mt 22,26-40).

Maria e José entraram nessa nova dinâmica do amor que se abre plenamente a Deus e se entrega totalmente, em reciprocidade e abertura, a todos. Em Nazaré, as relações de maternidade, de paternidade, de filiação, de sponsalidade, de familiaridade foram vividas a partir dessa harmonia profunda do amor a Deus e o amor aos demais. E ali “Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52).

A espiritualidade da Família SAFA sublinhou na família de Nazaré algumas características do amor:

- Um amor exclusivo pelo Senhor Jesus e, portanto, universal com respeito aos irmãos. Maria e José estão totalmente centrados no amor a Deus em Jesus e por isso plenamente abertos a todos: Maria será invocada como Mãe da Igreja e José seu Patrono universal...

- Um amor que se manifesta nas relações de afeto onde a sponsalidade, a paternidade, a maternidade, e a filiação são recebidas e entregues como dom, sem pretender dominar ao outro. É um amor que não se impõe, como manifestações “pobres”, mas de conteúdo sublime. Esse amor nos ensina a receber tudo e a acolher a todos como um dom com coração agradecido (eucarístico).

- Um amor que se confia da Palavra de Deus e com ela organiza sua entrega a Deus e aos demais. Pode assim chegar a compreender o amor do Pai que tanto amou o mundo (a nós) que enviou seu Filho (Jesus) para salvar-nos e agora nos envia para salvar a outros irmãos. Em última instância, o amor que se fia do amor do Pai, se funda nele e trata de fazê-lo compreensível, amável, criador de vida...

- Um amor fecundo na disponibilidade à ação e à presença do Espírito Santo. Maria se nos mostra “capaz” de engendrar Deus. Maria é a terra fértil que produz o trigo mais formoso, Jesus e José revelam a fecundidade do amor morrendo a si mesmos para que se cumpra a vontade de Deus.

- Um amor ativo no desejo de buscar e encontrar Aquele que faz mais fortes os outros laços de união. Maria e José que recorrem o caminho de volta para o Templo, que buscam Jesus entre parentes e conhecidos, nos falam dessa espiritualidade do caminhar até quem temos perdido, da espiritualidade da busca e do coração, inquieto até que não se encontre o amado.

- Um amor serviçal, pois em Nazaré cada um estava a serviço dos demais. Um amor para todos, mas especialmente para os necessitados. Eles foram pobres “anawin”, ajudaram aqueles que os necessitavam. Jesus aprendeu em Nazaré o que mais tarde realizou em sua vida pública: curar enfermos, dar de comer...

– Um amor missionário: Jesus, Maria e José, em suas relações familiares, não somente nos dão indicações sobre a função educadora que tem nossa missão, mas nos oferecem um estímulo de reflexão sobre nossa própria missão. O mandato de Jesus: “Ide” (Mt 28,19), havia sido já realizado por Maria quando visita Isabel, e o de vislumbrar-se nas diversas viagens da família nazarena (Maria e José vão a Belém para o censo: a viagem ao Egito; as viagens ao Templo; as viagens para Nazaré...) Dir-se-ia que a espiritualidade da família nazarena por uma parte é peregrina e, por outra, é estável: espiritualidade “nômade” e “caseira”. Mas o importante é que o motivo central de colocar-se a caminho ou de permanecer em casa é sempre Jesus e o bem do homem. Mateus termina o envio à missão com as palavras de Jesus: “Vede que estou convosco cada dia, até o fim do mundo” (Mt 28,20). Jesus, como em Nazaré, estará sempre conosco, realizando o que significa o “nome” Emanuel: Deus conosco. Podemos considerar o mundo inteiro como um imenso Nazaré, uma casa habitada pela presença de Jesus. E isso não somente durante trinta anos, mas sempre. A missão tem como objetivo fazer que o mundo esteja efetivamente habitado por Jesus, o mesmo que em Nazaré.

A experiência do Ir. Gabriel, caracterizada em suas relações com os demais por sua condição de Irmãos, convida a todos a viver a fraternidade:

– Em Belleydoux, sua experiência de vida familiar e paroquial, lhe permitiram crescer num conjunto de relações ao mesmo tempo intensas e abertas; antes de ser religioso, as pessoas o chamavam já “Irmão”.

– Fundou uma Congregação de Irmãos e descobriu o significado profundo de chamar-se “Irmão”: “Os nomes de dignidade inspiram e exigem respeito, mas o nome de Irmãos somente comunica simplicidade, bondade e caridade. É o nome que Jesus Cristo, o cordeiro sem mancha que foi imolado pela salvação do gênero humano, escolheu para si mesmo quando quis expressar-nos com uma só palavra sua imensa bondade e seu amor: “Ide dizer a meus irmãos que se dirijam à Galileia: ali me verão”. Não quis, por acaso, o Divino Salvador, fazendo esse gesto designar com tão amável nome àqueles a quem chama a viver em comunidade e que nela querem seguir os conselhos evangélicos?” (Novo Guia, 6).

– Teve que sofrer a incompreensão para manter-se até o final em sua vocação de Irmão na Igreja.

– Pessoalmente e junto a seus Irmãos, o Ir. Gabriel foi irmão dos pobres ajudando aos necessitados de fé, de educação, do essencial para a vida; inclusive partilhando sua própria vida (cf. Ir. Roberto Cabello: *“El Hermano Gabriel y los pobres”*).

– Deixou a seus Irmãos, como testamento, a consigna de serem Irmãos entre si e com os demais. “Recomendo a todos os Irmãos, pelo amor e interesse que sempre lhes tenho tido, que se amem mutuamente durante toda a sua vida e que se estimulem ao bem uns aos outros” (*Testamento espiritual*). Resumiu essa convicção na expressão “espírito de corpo e de família” (Circular de 2 de julho de 1864).

A espiritualidade da Família SAFA convida a um caminho sempre aberto ao crescimento no mundo das relações, que compreende:

– A acolhida e aceitação dos demais como dom do Pai, interessando-se não somente por que é, mas também por quem é cada um.

– O esforço por criar âmbitos de comunhão e de humanidade nos lugares de vida e de trabalho pastoral ou profissional.

– A preocupação por mediar nos conflitos, fazendo a obra de paz, e pelo restabelecimento das relações entre as pessoas mediante a reconciliação e o diálogo.

– O cuidado de tudo o que favorece o espírito de família (comunicação e informação, atenção nos detalhes da vida ordinária, etc.).

- O serviço a aqueles irmãos que se encontram necessitados, sejam eles próximos ou distantes.
- O cultivo das relações filiais com Deus e fraternas com todos.

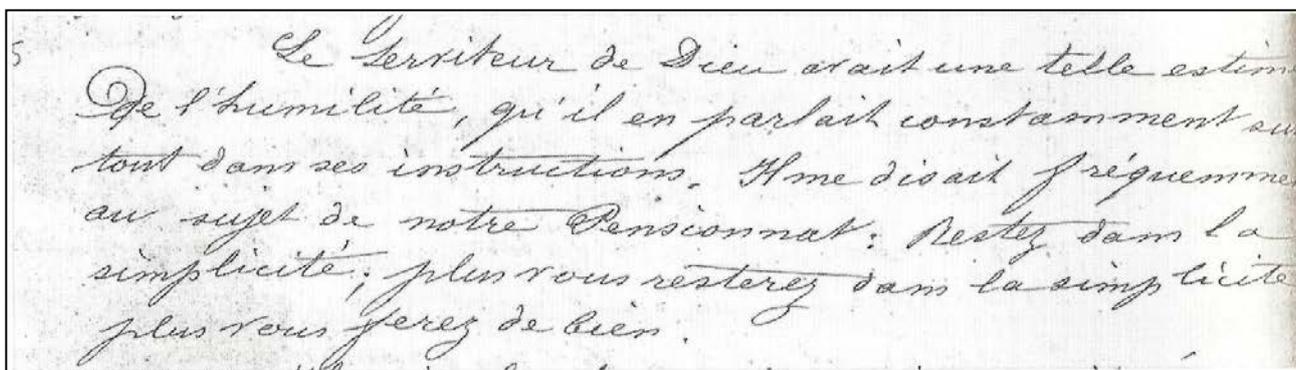
### 3.5.4 *As virtudes características: humildade, simplicidade, união, obediência e entrega*

#### Referências:

- Ir. Estevão Baffert: *Circulaires et Conférences*, O Espírito do Instituto. Conferências para o retiro de 1934;  
 Ir. Lino Da Campo: Circular sobre alguns aspectos de nossa espiritualidade nazarena (1993).

Na tradição da Igreja, a prática da vida cristã se expressa nas virtudes teologais e morais, sendo todas elas manifestações da primeira e mais importante delas que é a caridade.

O Ir. Gabriel afirmou que o “espírito de família”, “núcleo vital da espiritualidade” da Família SAFA, “nasce da caridade e, em consequência, de Deus que é a caridade mesma”.



Palavras do Santo Cura de Ars aos Irmãos, segundo o texto do Ir. Atanásio Planche

A tradição do Instituto conservou também como uma referência importante para nossa espiritualidade as palavras que o Santo Cura de Ars dizia com frequência aos primeiros Irmãos: “Sede humildes e simples: quanto mais humildes e simples fordes, maior bem fareis”.

O Ir. Gabriel indicou quais são as virtudes características dos Irmãos: “As virtudes que distinguem um autêntico Irmão da Sagrada Família são uma fé viva, uma obediência pronta e total, um zelo ardente e desinteressado, uma profunda humildade, uma pobreza constante e, finalmente, o amor ao trabalho, ao retiro e ao silêncio” (Novo Guia art. LXXIII). “Os Irmãos devem manifestar um santo entusiasmo na prática de todas as virtudes, mas sobretudo das que se lhes propõem a Regra. A humildade, a simplicidade e a modéstia devem ser o caráter próprio do Instituto da Sagrada Família. Os Irmãos terão sempre uma predileção especial por essas virtudes a exemplo da venerável Família formada por Jesus, Maria e José, e procederão de tal modo que todas as suas ações e tudo o que tenham leve essa marca” (Novo Guia, 245-246).

As duas referências essenciais para viver o “espírito de família” são a centralidade da caridade cristã e o espírito que reinava na casa de Nazaré (Constituições de 1936, art. 114). Fiel a essa tradição, o Ir. Estevão Baffert explicou que o “espírito de família” é uma forma de viver a caridade cristã e, tendo em conta a inspiração nazarena da espiritualidade do Instituto, o Espírito de família” se expressa nas cinco virtudes indicadas pela Regra: humildade, simplicidade, união, obediência e entrega.

O Ir. Estevão propõe dirigir o olhar a Nazaré para “encontrar essas cinco virtudes nas disposições que animavam Jesus, Maria e José, seja em suas mútuas relações, seja nas relações que tinham com Deus”. Esse olhar leva a afirmar, na harmonia com as Constituições, que: “A humildade, a simplicidade e a obediência, a união e a abnegação recíprocas eram a alma das relações entre Jesus, Maria e José e precisamente é essa alma que cada Irmão da Sagrada Família, cada casa do Instituto devem tratar de formar e reproduzir para que Deus Pai possa contemplar com olhos de complacência a nossa Congregação como comprazido olhava a família de Nazaré”. E depois de algumas considerações práticas, conclui: “Cremos haver definido o espírito do Instituto: espírito de caridade na forma do “espírito de família”. As virtudes que o caracterizam são: a união e a abnegação. As virtudes que o sustentam são: a humildade, a simplicidade e a obediência. Nasce do amor a Deus e se coroa com um amor profundamente abnegado e fraterno, em primeiro lugar com nossos Irmãos, depois, para com nosso próximo”.

Mais adiante o Ir. Estevão propõe a aquisição dessas atitudes cristãs, com as expressões próprias de seu tempo, indicando “que o espírito de família tem que penetrar a inteligência, o coração, a vontade, a piedade, a virtude, a conduta, o zelo de todos os Irmãos; para que esse espírito se converta na mentalidade de todos e de cada um de nós”.

Para ajudar a viver o “espírito de família” na tradição do Instituto se manteve a expressão das chamadas “pequenas virtudes”. O Ir. Estevão Baffert enumerou e explicou essas: a cortesia, a afabilidade e a condescendência, a dissimulação caritativa das faltas dos demais, a indulgência e a paciência, a igualdade de caráter e a santa alegria, a compaixão e a atenção no serviço. Propôs ademais dois meios essenciais para cultivá-las: a “agilidade de espírito” e a “delicadeza de coração”, com ajuda da graça divina. Por “agilidade de espírito” entende a capacidade de posicionar-se do ponto de vista do outro, tendo em conta sua idade e mentalidade, de não acreditar-se possuidor da verdade, de manter uma atitude de simpatia para o outro, de permanecer na calma. Por “delicadeza de coração” entende a condescendência e a solicitude, a afabilidade no trato, a confiança e a alegria.

Na atualidade essas “pequenas virtudes nazarenas” podem expressar-se na longa lista, que permanece aberta: acolhida, ajuda recíproca, alegria, amabilidade, amizade, amor, caridade, castidade, colaboração, compromisso, comunicação, comunhão, compreensão, confiança, contemplação, conversão, corresponsabilidade, constância, delicadeza, diálogo, discernimento, discrição, disponibilidade, dom de si, edificação, escuta, entrega, fidelidade, fraternidade, generosidade, harmonia, hospitalidade, humildade, iniciativa, justiça, lealdade, mortificação, participação, perseverança, promoção do outro, prudência, responsabilidade, renúncia, respeito, simplicidade, serviço, silêncio, sinceridade, solidariedade, subsidiariedade, trabalho, união, zelo apostólico...

Naturalmente a essas atitudes positivas se opõem outras tantas negativas, contra as que haverá sempre que lutar e que podem sintetizar-se no egoísmo, no individualismo, na maledicência na dispersão das relações e das leituras, na falta de compreensão recíproca, na incapacidade de compreender-se a si mesmo, na falta de união com os Superiores e na escassa piedade.

O “espírito de família” pode atravessar momentos mais ou menos duros e tempos de escuridão mais ou menos longos. Sempre podem superar-se mediante o diálogo e a reconciliação. O espírito de família pode sempre renascer sob outras formas com novas expressões que se adaptam melhor às culturas e mentalidades, contanto que conserve a conexão com sua genuína inspiração.

Em última instância, se trata de viver já desde agora o que pedimos na oração da missa da Sagrada Família: “Deus, nosso Pai, que propuseste a Sagrada Família como maravilhoso

exemplo aos olhos de teu povo: concede-nos, te rogamos que, imitando suas virtudes domésticas e sua união no amor, cheguemos a gozar dos prêmios eternos no lar do céu”.

Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo:

- Como podemos sintetizar os elementos essenciais da espiritualidade SAFA?
- O texto apresenta algumas noções chave: Deus, a Igreja, o mistério de Nazaré, a existência cristã. Que outras adicionarias?
- Faze uma lista de palavras (pequeno vocabulário) da espiritualidade da Família SAFA.
- Que aspectos da espiritualidade da Família SAFA tocam mais diretamente as pessoas, as famílias, as comunidades religiosas?
- Quais são os aspectos da espiritualidade da Família SAFA que mais incidência têm na Igreja e no mundo atual?
- Escrever e compartilhar uma interpretação pessoal do quadro oficial da Sagrada Família.

## 4. OS MÉTODOS

A espiritualidade da Família SAFA tem seus métodos e modos característicos de vivência e de transmissão. Mais que de métodos originais se trata de itinerários e formas de transmissão do carisma, alguns experimentados há muito tempo e outros mais recentemente. Cada um deles tem seu campo próprio de atenção e requer um discernimento em sua aplicação.

### 4.1. A vida cotidiana guiada pelo “espírito de família”

Algumas expressões do art. 14 das Constituições oferecem a todos um modo prático e simples de viver no cotidiano a espiritualidade da Família SAFA mediante a prática do espírito de família:

*O “espírito de família”, núcleo vital da espiritualidade dos Irmãos, anima as relações entre eles e constitui o princípio de estabilidade e de unidade do Instituto.*

*Põe uma nota distintiva em sua maneira de obrar, os orienta em sua missão entre os homens, caracteriza sua tarefa educativa e reforça os vínculos de humana solidariedade para além de onde são enviados.*

O “espírito de família”, é o modo de ser e a maneira de agir de quem vive na espiritualidade nazarena da Família SAFA.

O primeiro passo consiste em descobrir que o “espírito de família” existe já como dom natural na convivência humana, na família e nas relações interpessoais. Mais que introduzir uma novidade, se trata de colocar-se à escuta e ao serviço desses “vínculos de humana solidariedade” já existentes e procurar favorecer seu desenvolvimento e coesão para realizar o que se vive na própria comunidade ou família, o que se contempla na Sagrada Família de Nazaré e, em última instância, na Trindade divina.

Especialmente há que considerar o espírito de família como um dom, que desenvolve nossa capacidade de viver a acolhida, a gratidão, o agradecimento, valoriza a oportunidade de ser aceitos e formados na família, numa comunidade. Mas é preciso levar em conta também o aspecto de esforço e conquista, que sublinha nossa responsabilidade de crescimento, de testemunho e transmissão do dom recebido para o bem de todos.

Entrar na dinâmica do “espírito de família” leva a:

- uma familiaridade crescente nas relações com o Deus Trindade e com as demais pessoas;
- a assimilação da mensagem evangélica “Vós sois todos irmãos” para poder transmiti-lo;
- um constante esforço por acolher e construir a comunhão em nossas famílias e comunidade, e nos ambientes eclesiais e sociais em que vivemos, tratando de estabelecer sempre relações de tipo familiar e fraterno;
- a capacidade de elaborar, viver e revisar um projeto de vida comunitário em seus diversos níveis;
- a atenção para não apagar e obstruir as possibilidades, mesmo mínimas, de entendimento, de reconciliação e de começar novamente uma relação fraterna;
- a sensibilidade e solidariedade com quem vive situações familiares precárias ou particularmente difíceis, especialmente os mais fracos e os pequenos;
- a esperança de que um dia, junto com todos os homens, formaremos a grande família dos filhos do mesmo Pai.

### 4.2 A leitura e meditação da Palavra de Deus à luz do mistério de Nazaré

### Referências:

- Ir. Estevão Baffert: *Circulaires et Conférences, O Espírito do Instituto. Conferências para o retiro de 1934;*  
Ir. Teodoro Berzal: *Voltar a Nazaré, apontamentos de meditação, ciclos litúrgicos A, B e C.*

Uma expressão dos Atos dos Apóstolos orienta este método de leitura da Palavra de Deus: “o que Jesus viveu e ensinou” (Atos 1,1), recolhida pelas Constituições: “Os Irmãos aprendem a meditar e a viver o Evangelho à luz do mistério de Nazaré, onde Jesus começou a cumprir o que mais tarde haveria de pregar” (Constituições, 7). Por outra parte há que ter sempre em conta o grande princípio enunciado pelos Padres da Igreja segundo o qual Cristo inteiro está presente em cada um de seus mistérios.

Uma passagem da segunda conferência preparada pelo Ir. Estevão Baffert para o retiro de 1934 nos dá a chave para uma leitura do mistério de Nazaré à luz do Evangelho e, por extensão, de toda a Palavra de Deus. Eis aqui o texto:

“A vida de família em Nazaré, evangelho do Irmão da Sagrada Família.

Mas perguntará alguém, como podemos meditar a vida oculta de Jesus de Nazaré e sua vida de família se não temos detalhes sobre ela, se os evangelhos são tão parcos ou quase mudos nesse ponto. A resposta é esta: os trinta anos da vida oculta de Jesus podem ser meditados servindo-se do Evangelho inteiro. Para estudar, compreender e saborear os trinta anos de vida oculta basta projetar sobre eles a luz de cada uma das verdades expressas na mensagem dos evangelhos. As verdades do Evangelho escrito são como outros tantos refletores que iluminam os obscuros anos do Evangelho vivido.

Ponhamos um exemplo. Jesus disse no Evangelho: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Apliquemos essas palavras à infância do Salvador, a sua obediência, a seu silêncio, a seu trabalho escondido e penoso, a suas relações de submissão, respeito e ternura com Maria e José. Podemos contemplar para isso um quadro da Sagrada Família que represente Jesus cumprindo com seus deveres de respeito, afeto e obediência para com Maria e José. Ouçamos, enquanto nossos olhos estão fixos na imagem, a Jesus que diz: “Olha, filho, como me comportei com meu pai e minha mãe, olha como os amo, os respeito e lhes obedeco. Faço isso para mostrar-te o caminho e já sabes que meu exemplo é o único caminho de salvação. Todo homem e todo religioso que quer colocar-se em oposição ao Superior está fora do caminho e da verdade e, se o segues, cairás como ele no precipício. Meu exemplo de amor e de obediência dá a vida aos que me seguem. Aqueles que querem agir de outro modo encontram a morte”.

Basta um pouco de reflexão para compreender que este método pode ser fecundo e que nos desvendará muitas maravilhas, mesmo no campo que à primeira vista poderia parecer deserto.

O resultado da projeção da luz do Evangelho sobre a vida oculta do Salvador é algo que pode surpreender em princípio, mas que a reflexão pode ajudar a compreender. O Jesus da vida de família e da carpintaria de Nazaré é o mesmo que pregava em Cafarnaum e às margens do lago de Tiberíades. Agora bem, Jesus não pode pregar uma doutrina diferente daquela que tinha vivido em Nazaré. Há uma identidade entre seu comportamento e sua doutrina. Sua doutrina deve ter sido a melhor explicação de sua vida, e de modo particular dessa parte mais escondida de sua vida, a que viveu em Nazaré e que o Espírito Santo parece ter querido deixar que seja decifrada pelas pessoas destinadas a estudá-la e conhecê-la como o são os Irmãos da Sagrada Família.

Meditemos, pois, a vida oculta de Nazaré à luz do Evangelho; aprendamos nela, como santa Teresa do Menino Jesus, o espírito de família no estilo de vida da família mais santa que existiu”.

Estas reflexões do Ir. Estevão Baffert assinalam um caminho, um método de leitura e meditação: “Os trinta anos da vida oculta de Jesus podem ser meditados servindo-se do Evangelho inteiro”. Naturalmente esse caminho pode recorrer-se também em sentido inverso, ou seja, desde o mistério de Nazaré para as diversas passagens da Palavra de Deus no Antigo e Novo Testamento.

É o itinerário proposto nos apontamentos de meditação “Voltar a Nazaré”, que compreende esses passos:

- a leitura do texto,
- a busca da mensagem central do lido,
- a meditação e interpretação da mensagem à luz do mistério de Nazaré,
- a reflexão sobre nossa vida, que fica aberta ao discernimento, à oração e à contemplação.

Em alguns lugares se começa com uma análise da realidade que o grupo está vivendo; pode haver um momento em que se comparte comunitariamente a Palavra de Deus.

Em síntese, se pode praticar a Lectio divina dando uma resposta a essas três perguntas:

Que diz o texto?

Que nos diz o texto?

Que nos diz o texto desde Nazaré?

#### **4.3 A interpretação e discernimento dos sinais dos tempos “com olhos nazarenos”**

O discernimento é um exercício concreto da fé cristã que tem como finalidade o descobrimento da vontade de Deus numa determinada situação. Tem conteúdos muito diferentes. Podem ser objeto de discernimento: os carismas, os sinais dos tempos, a organização da vida comunitária ou de grupos, as opções pastorais, etc.

O discernimento requer algumas condições por parte do sujeito (pessoal e comunitário). Viver o discernimento supõe certa maturidade no caminho cristão e ao mesmo tempo incorporara ao próprio itinerário de vida cristã um elemento importante de crescimento e de formação. A prática permite enunciar alguns critérios que ajudam aqueles que desejam entrar no processo de discernimento.

A espiritualidade nazarena comunica algumas características às pessoas, grupos e comunidades que as praticam e oferece também alguns critérios próprios a aqueles que desejam incorporar o “espírito de família” à prática do discernimento para captar os sinais dos tempos e dos lugares com “olhos nazarenos”. A expressão “olhos nazarenos” traduz o ponto de vista de quem vive o mistério de Nazaré e tenta desde ele ver e interpretar uma determinada situação para descobrir a vontade de Deus e realizá-la em sua vida. Quando o coração tem a marca nazarena, se consegue ler o Evangelho, a realidade da vida e a história toda com “olhos nazarenos”.

Estes são alguns critérios para fazer um discernimento desde o mistério de Nazaré:

- Perguntar-se se a situação em questão leva consigo a dinâmica da encarnação: o divino se faz humano para fazê-lo crescer a partir de dentro e superá-lo.
- Há situações em que se vive o Evangelho antes de ser anunciado (como em Nazaré).
- Os valores de “transcendência” vão unidos aos de “condescendência”, que fazem crescer a humanidade.

- A confissão de fé no mistério da Encarnação do Verbo (“sem separação nem confusão”) se aplica também às atividades humanas pelo Reino de Deus.
- Os processos de maturação e de crescimento são lentos e graduais; os grandes saltos são excepcionais.
- É negativo tudo o que fere ou destrói a pessoa, a família, os vínculos sociais.
- Toda “boa notícia” suscita uma esperança.
- Ver a relação que pode estabelecer-se com as bem-aventuranças.
- Perguntar-se sempre, intuitivamente, que é “o nazareno” numa situação concreta.

#### 4.4 A construção da comunidade

Tanto as Constituições como o Plano de Vida das Fraternidades Nazarenas e outros documentos do Instituto permitem a seus membros entrar numa dinâmica de projetualidade, ou seja, de fazer projetos em diferentes níveis. Isto supõe uma visão dinâmica das pessoas e dos grupos, e estabelece um itinerário aberto ao futuro em vários passos:

- elaborar um projeto de vida,
- levar a cabo o projeto durante um período determinado,
- revisar periodicamente o cumprimento dos meios para alcançar os objetivos propostos,
- reelaborar o projeto.

No Instituto os momentos chave desta dinâmica são a reunião comunitária e os Capítulos Gerais e Provinciais. O Instituto já vive esta forma de organização e de construção da comunidade desde a introdução das novas Constituições. É uma forma de viver a prática do discernimento comunitário. As reuniões nos diferentes níveis comunitários (local, provincial, geral) e os projetos que as comportam são dois aspectos complementares que se reclamam mutuamente.

A cada um dos níveis de reunião corresponde um projeto:

Comunidade, Fraternidade, Grupo pastoral	Reunião Comunitária	Projeto de vida local
Província, organismos provinciais	Capítulo Provincial	Projeto de vida provincial
Instituto, instâncias de Instituto	Capítulo Geral	Projeto de vida de Instituto

Cada pessoa elabora e revisa seu Projeto de vida pessoal.

Os conteúdos dos projetos englobam os diferentes aspectos de vida comunitária ou de grupo tendo em conta a realidade a que se referem:

- vida de oração pessoal e comunitária;
- vida comunitária ou de grupo, relações;
- atividades da missão;
- organização e economia.

As principais condições para entrar na dinâmica da projetualidade e participar no processo de discernimento comunitário são:

- a retidão de intenção e o desejo de descobrir a vontade de Deus;
- a determinação do objeto sobre o qual se delibera;
- a informação o mais completa possível sobre o assunto;
- a participação no diálogo;

- a participação nas diferentes fases do processo: informação, deliberação, decisão;
- o respeito e a acolhida das mediações e da autoridade.

A espiritualidade nazarena acentua no processo do discernimento comunitário alguns itens:

- a igualdade dos participantes, baseada na fraternidade;
- a simplicidade, sinceridade e participação ativa no diálogo;
- a acolhida da vontade de Deus através das mediações humanas.

#### 4.5 A missão compartilhada

##### **Referências:**

A missão do Instituto dos Irmãos da Sagrada Família hoje (2001);  
Projeto Educativo do Instituto dos Irmãos da Sagrada Família (2011).

A Família SAFA, continuando a obra do Ir. Gabriel Taborin, se insere, com as atividades sublinhadas, por seu carisma, na missão da Igreja local (nos âmbitos da educação cristã, da catequese e da animação litúrgica). A missão do Instituto é compartilhada pelos diversos componentes do povo de Deus, por pessoas que pertencem aos diferentes estados de vida (religiosos, leigos e sacerdotes). Este fato sublinha a comunhão para a missão na Igreja e na sociedade, e comporta no concreto da vida, formas de discernimento pastoral e modos de ação que levam à colaboração e a compartilhar responsabilidades.

##### ***Compartilhar motivações***

As atividades da missão podem ser compartilhadas desde diferentes motivações e de vários níveis:

- A promoção dos valores humanos e o respeito ao projeto é uma base comum para todos.
- A participação no diálogo entre a fé e a cultura oferece um âmbito no qual são possíveis os debates, as propostas de inculturação, a abertura a outras realidades.
- As atividades podem ser assumidas como missão de Igreja através das quais se testemunha, se anuncia e se propõe explicitamente o Evangelho.

##### ***Compartilhar o Carisma***

O carisma do Ir. Gabriel Taborin sublinha fortemente a fraternidade. A relação para com sua pessoa é o ponto de encontro para aqueles que de diferentes motivações, formam a Família SAFA, que tem como referência a Sagrada Família de Nazaré.

No âmbito eclesial o carisma do Instituto põe em primeiro termo “a comum dignidade dos batizados” e a complementaridade das vocações. As atividades da missão são assumidas como verdadeiros ministérios eclesiais.

##### ***Compartilhar é relacionar-se e colaborar***

A missão compartilhada leva à relação e colaboração entre Sacerdotes, Irmãos e Leigos, para facilitar a integração de todos nas diferentes atividades.

Alguns meios que favorecem o desenvolvimento da missão compartilhada são:

- Manter uma relação aberta baseada no espírito de família que se manifesta em detalhes concretos da vida cotidiana, no trato simples e próximo.
- Buscar formas e lugares de encontro.
- Intensificar a formação pedagógica e religiosa e aprofundar-se, conjuntamente, religiosos e leigos, no carisma do Ir. Gabriel.

- Criar um clima de companheirismo, de respeito e de acolhida recíproca, ajudando-nos uns aos outros.
- Compartilhar as responsabilidades.
- Criar e animar grupos de jovens, de pais, de educadores.
- Participar juntos em momentos de oração e de celebração.

### ***O Projeto Educativo do Instituto***

No âmbito da educação, o “Projeto Educativo” do Instituto propõe como construir a comunidade educativa com todos os seus componentes (comunidade dos Irmãos, docentes, alunos, famílias, colaboradores, associações) para que a escola possa cumprir sua missão (cultural, evangelizadora e de humanização) caracterizando-a como o “espírito de família”.

#### **4.6 A formação segundo o carisma próprio**

##### **Referências:**

- Guia de formação do Instituto dos Irmãos da Sagrada Família (1998);
- Formar-se para viver em fraternidade (2007);
- Ir. Lino Da Campo: Circular sobre a Sagrada Família na formação do Irmão (1988).

A Família SAFA dispõe de documentos que dão as indicações formativas correspondentes aos diversos estados de vida e a cada etapa da formação, para os diversos grupos e pessoas. Para os Irmãos o “Guia de formação” e os diversos planos de formação; para as Fraternidades Nazarenas o texto “Formar-se para viver em fraternidade”. Os planos de pastoral dão também orientações de formação a ter em conta.

A espiritualidade SAFA:

- Dá uma tonalidade característica aos objetivos da formação:
  - A configuração com Cristo, em particular na filiação e na fraternidade;
  - A comunhão na Igreja, como família de Deus;
  - A assimilação do carisma do Instituto como elemento caracterizador e dinamizador;
  - A preparação para a missão como Jesus de Nazaré.
- Marca todas as dimensões da formação:
  - A dimensão carismática pressupõe todas as outras: pessoal, comunitária, cultural, cristã, religiosa e é como o laço de união entre elas.
- Oferece uns modelos vivos de identificação que são a Sagrada Família de Nazaré e o Irmão Gabriel. Junto a eles a vida dos Irmãos, das comunidades e do Instituto com os meios ordinários e extraordinários que a formação propõe.
- Caracteriza com algumas notas os meios de formação e seus dinamismos:
  - O acompanhamento pessoal e de grupos, se inspira na ação educadora de Jesus, de Maria e de José, para fazer-se mais próximo e profundo;
  - Tem como referência (levando em conta a mentalidade de seu tempo) o processo de acompanhamento que o Ir. Gabriel seguiu, em particular com o Mons. Devie e o que ele empregava com os Irmãos para fazer-se mais constante e fraterno;
  - O projeto pessoal e comunitário, como meios concretos de entrar no processo de crescimento com os conteúdos próprios do carisma e da missão do Instituto;
  - O discernimento integra nos critérios comuns o espírito de família;
  - A oração, a escuta da Palavra de Deus e a participação nos sacramentos se nutrem da tradição do Instituto;

- ☒ A ascese pessoal e comunitária insiste nas virtudes que sustentem o “espírito de família”;
- ☒ A vida comunitária ocupa um lugar central na formação;
- ☒ As experiências apostólicas se vivem à luz do mistério de Nazaré.

Nas diversas etapas da formação a referência à Sagrada Família é essencial. Nas diversas etapas trata-se de que o formando faça “experiência da Sagrada Família”. E fazer experiência quer dizer:

- Ter uma percepção consciente e madura, na reflexão, de quem é a Sagrada Família e que posto ocupa na própria vida.
- Chegar a que nosso sentir, pensar, querer e as demais expressões da vida estejam em relação vital com a Sagrada Família, de maneira que apareçam fundamentalmente influenciadas e caracterizadas por ela.
- Alcançar uma união íntima e ativa com ela, um conviver na recíproca presença.
- Sentir-se partícipe do mistério de salvação que, iniciado em Nazaré, continua hoje na Igreja e no mundo.

A essa experiência profunda se chega pouco a pouco e é como o fruto de um caminho de maturação espiritual. Mas, como chegar, pois, a uma relação consciente e profunda com a Sagrada Família? Como realizar o que nos diz o Irmão Gabriel?: “O coração de um cristão, especialmente de um Irmão da Sagrada Família, deve estar com frequência sob o humilde teto de Nazaré, no centro mesmo dessa venerável família, que reúne em si todas as virtudes divinas e humanas” (NG 607).

### ***O chamado vocacional***

O que Lucas diz com respeito a Maria, (acolhida e disponibilidade ante o projeto de Deus) o afirma Mateus da vocação de José. Ou melhor, José representa em alguns aspectos dimensões vocacionais mais próximas à problemática de algumas pessoas que, acostumadas a certa estrutura de fé, devem acolher um novo plano de Deus para elas. Seu “fiat” não consiste em acentuar somente o de Maria, mas comporta o enraizamento histórico e jurídico de Deus.

### ***A descoberta da comunidade***

Para quem se inspira na vida da Sagrada Família de Nazaré é relativamente fácil intuir a complementaridade das experiências espirituais da Maria e de José, bem seja porque ambas convergem em Jesus, bem porque os três juntos, Jesus, Maria e José, expressam a necessidade absoluta que toda pessoa tem para incorporar-se normalmente à humanidade de uma “família”, e isso tanto na ordem natural como na ordem espiritual, como ocorre com a comunidade religiosa, cuja unidade interna não se baseia nos laços de sangue, mas em determinados valores espirituais.

### ***Quando chegam as primeiras dificuldades***

Depois de Jesus nascer, seus pais o apresentaram no templo. E ali, junto ao reconhecimento do Filho como Messias, Maria escuta em que modo se realizará a obra redentora: Jesus será sinal de contradição e também ela será associada a seu destino; uma espada atravessará o coração. O desígnio da obra de Cristo exige padecer e morrer, e tal será também o desígnio de quem, como Maria e José, é chamado a cooperar na obra da salvação dos homens. A perseguição de Herodes e a fuga ao Egito são já para a Sagrada Família um primeiro sinal evidente.

### ***As provas interiores***

Depois da fuga para o Egito e demais provas causadas desde fora, as de Maria e José no templo. Naqueles momentos experimentam a angústia (Lc 2,48) e não ficam tranquilos até que não encontram o Filho. O episódio do templo é já uma referência clara à grande prova do mistério pascal.

### ***A unidade de vida***

A prova da perda de Jesus no templo. Segue na vida de Maria e de José um período de intensa e profunda comunhão com seu Filho, o qual cresce em idade, em sabedoria e em graça sob sua autoridade (Lc 2,51-52).

O itinerário de formação de uma vida marcada pela experiência da Sagrada Família tem esses pontos chave de referência:

“Depois do sim de Belém, vocação a uma nova vida;  
depois do sim de Nazaré, humildade na atividade da fé,  
o Irmão chega à hora suprema do sim da cruz,  
último passo de sua conversão total ao Senhor, que é vida e ressurreição  
(Constituições, 185).

### **Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo:**

- Qual é nossa experiência de leitura e assimilação da Palavra de Deus desde Nazaré?
- Até que ponto “o nazareno” entra em nossos critérios de discernimento pessoais e comunitários?
- Como coincide concretamente o “espírito de família” nos âmbitos pastorais onde trabalhamos?
- Em nosso caminho formativo, quais foram as experiências que mais nos têm levado a assimilar o carisma do Instituto?

## 5. A FINALIDADE

O objetivo de toda espiritualidade cristã é ajudar-se reciprocamente a responder comunitariamente ao chamado à santidade recebido no batismo e dirigida a todos. “Todos os fiéis se santificarão cada dia mais nas condições, tarefas e circunstâncias da própria vida e através de todas elas, se receberem tudo com fé da mão do Pai celeste e cooperarem com a divina vontade, manifestando a todos, na própria atividade temporal, a caridade com que Deus amou o mundo” (*Lumen Gentium*, 41).

No processo de crescimento de pessoas e grupos, a espiritualidade da Família SAFA acentua por uma parte o nexos entre a maturação pessoal e o mistério da encarnação e, por outra, a relação vital entre o crescimento pessoal e a dinâmica eclesial.

### 5.1 Maturidade humana e santidade cristã

O crescimento humano e o chamado à santidade se encontram no mesmo caminho...

As ciências do homem nos dizem que a maturidade humana (relativa em qualquer idade da vida) consiste na integração de todos os elementos da própria personalidade e da própria história, incluindo as luzes e as sombras, os pontos fortes e as fragilidades. Trata-se de um processo de libertação interior, que tem como ponto de partida a aceitação do que a pessoa recebeu e da realidade que está em torno dela, até chegar a sua realização: chegar a ser plenamente o que se é. É o caminho para a verdadeira felicidade.

A santidade cristã é o pleno desenvolvimento do dom da vida divina recebida no batismo. O crescimento é a obra de Deus: do Pai, que enviando seu Filho e o Espírito Santo chama todos à santidade; de Jesus Cristo, que com a entrega de sua vida e com sua palavra chama todos a seu seguimento, e do Espírito Santo, que mediante sua ação e seus dons é o ator principal da santificação. E a santidade é também a obra do homem, que vai da acolhida cada vez mais consciente do dom recebido, à eliminação dos obstáculos que se opõem a seu desenvolvimento e ao esforço de colaboração constante com a ação divina. O ponto chave do crescimento está no encontro pessoal com Deus em Cristo, que leva à descoberta própria realidade e da possibilidade de um caminho de transformação, em comunhão com ele e com os demais. “O que segue Cristo, Homem perfeito, se aperfeiçoa cada vez mais na própria dignidade de homem” (*Gaudium et Spes*, 41).

A maturidade humana e cristã consistem em viver na paz consigo mesmo e com os demais, com a natureza e com Deus. O crescimento para consegui-lo consiste em fazer-se como crianças que tudo esperam do Pai e na progressiva identificação com os sentimentos do Filho.

O primeiro passo desse caminho é a aceitação da própria realidade e, na acolhida do desígnio de Deus, a própria vida.

Como em Nazaré, onde Maria e José se reconheceram humildemente ante o Senhor e aceitaram entrar em seu desígnio de salvação: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim conforme vossa palavra”. Como Jesus que começou a revelar sua identidade dizendo que tinha que estar na “casa de seu Pai”, anunciando já toda sua trajetória inclusive a cruz e a ressurreição.

Como o Irmão Gabriel, que descobrindo desde muito jovem sua vocação de Irmão, permaneceu fiel a ela até o final, apesar das dificuldades e incompreensões.

### 5.2 Crescimento pessoal e dinâmica eclesial

Como a vida de uma pessoa ou de um grupo, a vida da Igreja se inscreve na história. Teve um começo na primeira vinda de Cristo e terá um fim em sua segunda vinda, mesmo que sua realidade plena comporta um “antes” desse começo e um “mais além” desse final. Tudo já se deu desde o princípio, mas nem tudo está cumprido. Isso move-se entre o “já” e

o “ainda não”. O tempo da Igreja é o tempo da convocação e da evangelização, do testemunho e da celebração, da esperança e da construção do Reino de Deus que vem a este mundo. “A Igreja, enriquecida com os dons de seu Fundador, observando fielmente seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar o Reino de Cristo e de Deus, de estabelecê-lo em meio de todas as pessoas e constitui na terra o germe e o princípio deste Reino. Ela, no entanto, enquanto vai crescendo pouco a pouco, aspira ao Reino consumado, espera com todas as suas forças, e deseja ardentemente unir-se com seu Rei na glória” (*Lumen Gentium*, 5)

O crescimento na vida cristã comporta como elemento essencial a comunhão com a família de Deus que vive etapas de libertação e de deserto, de monotonia e de retrocesso, de recomeços e de plenitude.

Mas a relação com a Igreja, mesmo conservando um olhar amplo e universal, se realiza concretamente através de uma comunidade cristã, com suas características próprias. A espiritualidade da Família SAFA tem dado sempre importância à inserção na Igreja local oferecendo características do próprio carisma e missão.

Se a incorporação a uma ou outra comunidade cristã às vezes vem de forma espontânea, o discernimento pessoal para viver as diferentes pertencas é um exercício de suma importância que comporta certa maturidade.

### 5.3 As etapas do caminho

Na vida espiritual cada pessoa segue o itinerário de maneira própria. Os elementos essenciais da vida cristã (vida sacramental, escuta da Palavra de Deus e oração, prática das virtudes teológicas e morais, sentido de Igreja, compromisso na missão, etc) nem sempre são assimilados nas mesmas fases de crescimento. O importante é a consciência de que sempre se está em caminho, mesmo que a trajetória não seja sempre retilínea e cada um ande a seu passo.

À luz do mistério de Nazaré podem ser assinalados os principais marcos do caminho espiritual.

#### 5.3.1 A eclosão da vida

Entre o momento da Anunciação em Nazaré, o nascimento de Jesus e os anos que seguem se dá à eclosão da vida. Pode representar simbolicamente a época dos começos.

Os que começam, sobre a base dos sacramentos da iniciação cristã, vivem o gozo do primeiro encontro e da acolhida do dom.

É o momento da chamada “opção fundamental”, que consiste em assumir conscientemente a realidade batismal. Vêm logo o discernimento vocacional e os primeiros compromissos eclesiais e sociais. Tudo isso comporta um projeto pessoal de vida.

A atração de Deus e o desejo de interioridade dos meios concretos: a vida sacramental, a assimilação da Palavra de Deus na meditação, a atenção à própria consciência e o esforço de superação, a integração comunitária e o acompanhamento. E especialmente deve haver um grande desejo de responder fielmente à vontade de Deus e de crescer.

#### 5.3.2 O silêncio em Nazaré

Os longos anos de permanência da Sagrada Família em Nazaré são imagem da continuidade e aprofundamento da lenta maturação.

A maturação espiritual se efetua pela intensificação da relação pessoal com Jesus Cristo e a docilidade cada vez mais fiel ao Espírito Santo, que atua dentro da pessoa, mas também através das relações.

A aquisição de convicções profundas, o enraizamento e a prática das virtudes da vida cristã requerem tempos longos e um esforço constante.

O desejo de união com Deus, de caminhar em sua presença, de interiorizar sua Palavra, de viver os valores do Evangelho se veem obstaculizados pela dispersão, pela superficialidade e todas as outras debilidades próprias da natureza humana. Por isso o combate interior entre a graça e a liberdade humana se intensifica.

Na vida cotidiana e na relação com as pessoas mais próximas a pessoa se revela tal qual é, emerge toda sua realidade com suas qualidades e seus lados obscuros, seus pontos fortes e suas fragilidades. O “deserto” de Nazaré é o lugar de uma luta contínua para que a força dos impulsos, dos desejos e das paixões se ponham a serviço dos demais e da maturação.

A transformação da pessoa comporta alguns passos que podem ser mais ou menos lentos:

- Passar das falsas imagens de Deus, de si mesmo e dos demais, sobretudo das pessoas mais próximas, para encontrar-se cada vez mais com a verdade.
- Passar do formalismo legalista e das inibições que oprimem, para uma liberdade interior cada vez maior.
- Passar da simples vontade de realizar os próprios projetos, à integração do que nos veio por herança e do que podemos oferecer para o bem de todos.
- Passar da adesão ao próprio caminho de forma individualista, a compartilhá-lo com outros, deixando-se acompanhar e acompanhando a outros.
- Passar da oração discursiva, na que predomina a razão e o entendimento, para uma oração cada vez mais afetiva, mais simples e vital.
- Chegar a interpretar a própria vida em termos de “história da salvação”.

À medida que a pessoa amadurece, adquire também responsabilidades na Igreja e na sociedade que implicam suas energias, sua capacidade de trabalho e sua criatividade.

### 5.3.3 *A passagem*

Mas um dia Nazaré se abre para dar lugar à “outra família de Jesus” e à Igreja, é um momento de passagem, de páscoa, que ajuda a entender todas as fases de crise que comporta o crescimento.

A transição de uma etapa a outra se efetua normalmente através de períodos de crise mais ou menos acentuados. Aos momentos de calma sucedem outros de desestabilização e de ruptura nos quais se forja uma nova situação.

São múltiplos fatores psicológicos, relacionais e sociais que podem desencadear uma crise. Saber interpretar e viver esses momentos é de capital importância para o crescimento espiritual. Do ponto de vista cristão, é uma forma de comunhão com Cristo em sua passagem da morte à ressurreição.

O ponto essencial da transformação se dá na própria pessoa e em sua relação com Deus. A pessoa recebe uma nova iluminação que ao mesmo tempo ofusca seu modo de perceber precedente. Por isso, num primeiro momento, a pessoa em crise se sente perdida na noite.

A passagem para uma fé adulta que motiva e dinamiza toda a existência, para uma esperança firme apesar das provas, para uma caridade que se faz dom total de si mesmo, pode realizar-se através de uma lenta evolução, mas muitas vezes não se realiza a não ser em momentos de crises. Para viver esses tempos o mais importante é a docilidade (deixar atuar Deus e deixar-se guiar por alguém de confiança) e a paciência (baseada na esperança).

As crises podem ser pessoais, mas também coletivas.

Se é bom conhecer as etapas do processo pelo que se passa, é mais importante ter um modelo vivo de referência.

O Ir. Gabriel Taborin, depois de sua primeira experiência de vida em Belleydoux e de acolher o chamado de Deus à vida religiosa, se pôs a caminho para fundar uma comunidade. Realizado o discernimento definitivo com a ajuda de Mons. Devie, se entregou com todas as forças à realização do projeto de Deus sobre ele: viver como Irmão e fundar uma Congregação de Irmãos, sob o patrocínio da Sagrada Família. Isso o levou à alegria de ver como crescia “a obra de Deus”, mas também a passar por grandes provas e incompreensões até morrer como Irmão e deixar fundamentada a Congregação.

O perfil do Fundador, traçado pelos primeiros Irmãos, é um ponto importante de referência em seu esforço contínuo de renovação e de crescimento espiritual:

“De sua fé viva e esclarecida provinham sua firme esperança e seu amor a Deus.

Desta tríplice fonte de fé, esperança e caridade brotaram nele:

- uma terna devoção aos Santos Padroeiros do Instituto, Jesus, Maria e José;
- a submissão à Igreja e a seus ministros;
- o gosto pelas cerimônias do culto divino;
- uma firmeza inquebrantável nas provas e sua confiança em Deus;
- um espírito de oração de que tudo esperava;
- um zelo ardente pela glória de Deus e a salvação das almas;
- uma humildade verdadeira que atrai as bênçãos do céu;
- a compaixão com os pecadores arrependidos e o esquecimento das injúrias...”

*(Ir. Frederico Bouvet. Vida: cf. Constituições 9).*

Um perfil espiritual do Ir. Gabriel mais completo se encontra no “Summarium da Positio que serviu de base à proclamação da heroicidade de suas virtudes, reconhecidas oficialmente pela Igreja.

#### **5.4 Para a plenitude**

A maturidade humana é o resultado de um processo, nunca totalmente acabado, com a qual a pessoa desenvolve suas potencialidades, integra suas experiências positivas e negativas, harmoniza e unifica todas as dimensões da existência, para sentir-se em equilíbrio consigo mesma. É o cristão maduro que acolhe plenamente o dom de ser filho de Deus e se relaciona fraternalmente com todos.

O cristão está sempre em caminho. As últimas fases da vida cristã não podem qualificar-se como etapas de descanso, mas de máximo dinamismo. Alguns indicadores de uma vida cristã que tende à plenitude são:

A oração se faz cada vez mais simples e contemplativa. Há um caminhar constante na presença do Senhor e na união com Ele.

A liberdade interior e a pureza do coração se manifestam na delicadeza e condescendência, na flexibilidade e abertura a todos.

Acrescenta-se a capacidade de acolhida e de agradecimento, de adoração e de louvor. Vive-se em equilíbrio entre:

- Atividade e passividade, tanto na relação com Deus como com os demais.
- Caminho pessoal e vida comunitária e eclesial.
- Aspirações e desejos grandes e o concreto da vida, com seus limites e fragilidades.

A fé se expressa no amor que unifica e dinamiza toda a existência e se manifesta nos frutos do Espírito (a alegria e a paz) e numa esperança que aspira cada vez com mais força a consumação na vida eterna.

### ***A paz***

Na primeira reprodução do quadro oficial do Instituto figura, ao pé, a tradução latina do lema: IN ORATIONE, LABORE ET CHARITATE \* PAX. É a síntese da vida da Sagrada Família em Nazaré e da vida de quem comparte a espiritualidade da Família SAFA.

Na Bíblia a paz é ao mesmo tempo a aspiração mais profunda do ser humano e o maior dom que se pode receber de Deus. Procurar a paz é restabelecer as coisas em conformidade com seu estado original e ao mesmo tempo levá-las a seu cumprimento. A paz é o conjunto de todos os bens. Se é certo que há um combate pela paz, unido à luta pela justiça, e uma bem-aventurança para os “criadores da paz” (Mt 5,9) nas relações entre os homens, a paz é dom de Deus (“paz na terra aos homens que Deus ama” Lc 2,14), um dom pascal (Jo 20,19), “fruto do Espírito” (Gal 5,22) e antecipação da vida eterna (Rm 8,6). “Cristo é nossa paz” (Ef 2,14)

### **Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo:**

- *Qual é a interação entre nosso caminho e o da Igreja? Que recebemos e que damos? Sentimo-nos em caminho numa Igreja peregrina?*
- *Como temos vivido os momentos de crise? Em que nos tem feito crescer?*
- *Conhecemos pessoas que chegaram a uma plenitude de vida? Que características de nossa espiritualidade manifestam?*

## ÍNDICE

### APRESENTAÇÃO

#### **1 A ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA SAFA"**

Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo

#### **2 AS FONTES VIVAS**

##### 2.1 A Palavra de Deus

###### 2.1.1 Os Evangelhos da infância de Cristo

###### 2.1.2 Algumas passagens do Antigo e do Novo Testamento

###### 2.1.3 O matrimônio e a família no plano de Deus

##### 2.2 A liturgia

###### 2.2.1 Os sacramentos

##### 2.3 A oração

###### 2.3.1 Na liturgia

###### 2.3.2 Em harmonia com a liturgia

##### 2.4 Sinais e símbolos

##### 2.5 A experiência de vida

###### 2.5.1 A vida, o carisma e a mensagem do Ir. Gabriel Taborin:

###### 2.5.2 A história e a vida atual do Instituto e da família SAFA

###### 2.5.3 A regra de vida

###### 2.5.4 Os documentos do Instituto

###### 2.5.5 A vida e o ensinamento da Igreja

###### 2.5.6 O mundo e as diversas culturas

*Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo*

#### **3. OS CONTEÚDOS**

##### 3.1 A imagem de Deus

###### 3.1.1 Deus “família”, “comunidade de amor”

###### 3.1.2 A Santíssima Trindade, a Sagrada Família e a comunidade

##### 3.2 O mistério de Nazaré: Jesus, Maria e José como família

##### 3.3 Um modo de entender a Igreja: a “família de Deus”

##### 3.4 Um olhar sobre o mundo

##### 3.5 A existência cristã inspirada em Nazaré

###### 3.5.1 Em Nazaré se orava

###### 3.5.2 Em Nazaré se trabalhava

###### 3.5.3 Em Nazaré se amava

###### 3.5.4 As virtudes características: humildade, simplicidade, união, obediência e entrega

*Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo*

#### **4. OS MÉTODOS**

##### 4.1 A vida cotidiana guiada pelo “espírito de família”

##### 4.2 A leitura e meditação da Palavra de Deus à luz do mistério de Nazaré

##### 4.3 A interpretação e discernimento dos sinais dos tempos com “olhos nazarenos”

##### 4.4 A construção da comunidade

##### 4.5 A missão compartilhada

##### 4.6 A formação segundo o carisma do Instituto

*Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo*

#### **5. A FINALIDADE**

##### 5.1 Maturidade humana e santidade cristã

##### 5.2 Crescimento pessoal e dinâmica eclesial

##### 5.3 As etapas do caminho

###### 5.3.1 A eclosão da vida

###### 5.3.2 O silêncio de Nazaré

###### 5.3.3 A passagem

##### 5.4 Até a plenitude

###### 5.4.1 A paz

*Algumas perguntas para a reflexão e para o diálogo*